Trama e Urdidura

Jorge Xerxes

Trama e Urdidura

SCOR
Editora
TECCI

Copyright© Alessandro Teixeira Neto
6261/1 – 500 – 156 – 2012

O conteúdo desta obra é de responsabilidade do(s) Autor(es), proprietário(s) do Direito Autoral.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Xerxes, Jorge
Trama e urdidura / Jorge Xerxes. - - São Paulo : Scortecci, 2012.

ISBN 978 - 85 - 366 - 2764 - 9

1. Contos brasileiros 2. Crônicas brasileiras 3. Poesia brasileira I. Título.

CDD - 869.93
12 - 09017 - 869.91

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira 869.93
2. Crônicas : Literatura brasileira 869.93
3. Poesia : Literatura brasileira 869.91

Grupo Editorial Scortecci

Scortecci Editora
Caixa Postal 11481 - São Paulo - SP - CEP 05422-970
Telefone: (11) 3032-1179 e (11) 3815-1177
www.scortecci.com.br
editora@scortecci.com.br

Livraria e Loja Virtual Asabeça
Telefone: (11) 3031-3956
www.asabeca.com.br

para Dilson, Nancí e Érico

O tear Urdindo o inusitado

Prefácio de Fernanda Barros[*]

A simbiose de números, letras, poesia, narrativa e uma tocante referência ao que existe de mais profundo na essência humana é o que nos desperta a leitura de **Trama e Urdidura** de *Jorge Xerxes*, escritor que sabe preencher suas obras – sendo esta a terceira – com áreas de conhecimento distintas, unindo-as, como se elas jamais tivessem sido, drasticamente separadas para uma compreensão mais apurada – e facilitada – das mesmas. O universo reverbera na presente obra e em cada *estranha correspondência* encontra-se o notório revisitado sob o viés do infinitamente incomum.

É fascinante entrar em contato com uma obra contemporânea profusa de inovação, contudo, sem apresentar-se destituída do estilo incrível da escrita bem feita: a escrita que faz a alma do leitor vagar em identificações e também em surpresas, as quais o permitem adentrar e vislumbrar conhecimentos outrora nem mesmo imaginados. E tudo isso é exposto através de textos – tanto em prosa como em verso – carregados de um cotidiano pertencente a todos, porém, explicitados e enaltecidos de forma visceralmente única: o tear urdindo a trama de situações comuns de maneira inusitada.

O conjunto de maquinações de *Jorge Xerxes* expõe muito do que é pensado, imaginado, fantasiado, mas que, geralmente, não é dito por artificial e hipócrita puritanismo. Esse entrecho diferenciado é um grito em meio à normalidade nauseante, é um silêncio em meio a tantos que falam e citam sem dizer coisa alguma. Contudo, tais maquinações não são contra alguém

* Fernanda Barros: Estoicamente soturna, estranhamente inadaptável, humanamente incoerente, extremamente fascinada pelas Letras. Mantém o Blog "O Formidável Enterro da Última Quimera", *www.frbarros85.blogspot.com.br*

ou algo, mas a favor. A favor de apurar percepções, de desenvolver olhares mais profundos acerca de detalhes que, para uma maioria, podem parecer totalmente dispensáveis, pois insignificantes.

Então, os fios do tear vão sendo dispostos na trama envolvente de fatos desenvolvidos com muita intensidade, carregados de uma percepção surpreendente: o que todos somos é o que mais nos apavora, pois nos coloca num caminho em comum, o qual nem sempre é o almejado. Como a personagem do texto, o qual abre o livro, se sente, se vê e se desespera, através da voz narrativa: "(...) também se imagina inevitavelmente presa ao non-sense que é a própria vida. Um mero peão num jogo de proporções cósmicas (...)." "Apesar de questionar as próprias atitudes e até viver propondo mudanças a cada dia, as amarras que a une a outras pessoas (...) e que representam a base do convívio social são inevitáveis. Mesmo que sejam amarras frágeis. E essas amarras sempre a trazem de volta à mesmice." "(...) tentava sempre levar em consideração sérias restrições. E a solução sempre divergia. Regras. Sempre regras. Regras que limitam e permitem o convívio social". Seguindo a premissa da crítica acerca do todo que vive mais o fingimento do *não-ser* em divergência com o que se é de fato, *Jorge Xerxes* enaltece imagens que confirmam o que nos cerca e, muitas vezes, o que somos, mas invariavelmente negamos, chegando ao ponto de existir um agradecimento pelos pensamentos – jamais proferidos, pois demonstrariam o amálgama atroz das características de conduta e moral humanas –, não serem passíveis de encontrar espaço nos sentidos alheios: "O Sr. Ptolomeu acha uma grande benção que ninguém consiga ler os seus pensamentos."

Jorge Xerxes expõe, ainda, na trama **Um sonho e sua análise**, questões que, por referência, estão presentes na obra **Cartas a um jovem poeta** (1903) de *Rainer Maria Rilke*, o seu argumento da motivação que desencadeia o ato da leitura e da escrita, provocando o leitor a pensar e analisar as suas próprias razões e necessidades referentes às maneiras de apreender,

sentir e transmitir o que foi absorvido: "Por que eu leio? Por que eu escrevo? Bem, eu leio porque sinto sede de conhecimento e do aprendizado; pelo desejo de autoconhecimento; pela vontade de saber mais sobre a natureza e entender dos processos de interação entre as criaturas – tanto aqueles de natureza objetiva, quanto aos outros fenômenos, mais sutis. Escrever é uma forma de organizar minhas próprias ideias. Posso concluir, portanto, que escrevo para mim. É mesmo, antes de tudo, uma atividade egoísta." Tal passagem sabe ressaltar profundamente **o egoísmo mais altruísta do universo**: a escrita que depende apenas de um ser para existir, mas que, no porvir, abrange uma vastidão incomensurável de seres que leem e por isso são beneficiados por aquele aparente e inicial egocentrismo do escritor.

"Se algo parece certo é porque, certamente, está errado", nos faz divagar assim *Xerxes*, em alguns de seus versos cheios de sensibilidade. Seja certo, errado ou ainda que apareça qualquer outra qualidade existente nas adequações e determinações dos signos linguísticos, a leitura de **Trama e Urdidura**, definitivamente ***importa muito***.

Acrescentarei, sem mais delongas: sentidos à obra!

Timeo hominem unius libri 13
A derrota remete ao novo 37
O mundo em que v1v3m05 38
Ao alvorecer 39
O cOnstrutOr de sOnhOs 42
Mais uma fábula, apenas 43
40 c4n70 d05 p4554r05 48
Importa muito 49
Ajustando ao seu canal 50
Circumambulation 51
Divagações filosóficas 52
Música para surdos 53
Garrafa KS 54
Chercher 57
O encantamento em Olalla 58
Sobre a importância de Plutão e Caronte 61
Crescer para dentro 65
A química dos sentidos 66
Quarenta motivos para te amar 67
Recado aos navegantes 70
A (in)certeza do naufrágio 71
Papoula 72
Regar as plantas 77
Oculto sob o chapéu 79
Química, vida e alquimia 80
Um sonho e sua análise 85
O gato e o escrivão 90

Roberto Carlos: trocado na ditadura? 91
Autoajuda 96
A ação dos elementos na natureza 97
Sensação, percepção e realidade 98
Da síntese e do encantamento 106
Dislexia 108
O celibatário 113
O poema que não fiz 116
Um cemitério no meu jardim 117
7 R 4 U M 4 119

*Timeo hominem Unius libri**

** Deve-se temer não quem lê muitos livros, mas quem lê muito um só livro* São Tomás de Aquino

Yin

A chuva que iniciara no começo da tarde ainda não havia cessado.

Da janela de seu apartamento, Sandra observa o vai-e-vem aparentemente sem sentido das pessoas lá embaixo. Em noites como essa é que ela se sente mais sozinha. Em sua mente, idéias de solidão mesclam-se com idéias persistentes de portais para outras dimensões e curvaturas espaço-temporais.

Há aproximadamente uma hora, ela colocara um cd de uma banda estadunidense para tocar. Não que ela estivesse realmente interessada na música. Nem estava escutando. Qualquer som é melhor que o silencio quase absoluto que impera no apartamento.

Sandra não gosta da companhia de seus pensamentos.

Da mesma maneira que imagina os seres lá embaixo, Sandra também se imagina inevitavelmente presa ao non-sense que é a própria vida. Um mero peão num jogo de proporções cósmicas; um jogo no qual este peão chamado Sandra começará a ditar as regras, caso o projeto em que está envolvida evolua de acordo com as previsões.

Sandra se sente pressionada.

Apesar de questionar as próprias atitudes e até viver propondo mudanças a cada dia, as amarras que a une a outras pessoas (amigos, colegas de trabalho, o dentista, o caixa do supermercado, o motorista do ônibus, o carteiro,…) e que representam a base do convívio social são inevitáveis. Mesmo

que sejam amarras frágeis. E essas amarras sempre a trazem de volta à mesmice.

Em suma, ao tentar otimizar o problema não linear que é a sua vida, Sandra tentava sempre levar em consideração sérias restrições. E a solução sempre divergia.

Regras. Sempre regras. Regras que limitam e permitem o convívio social.

Formigas! São como formigas. E o mais engraçado é que alguém já estava controlando essa massa contínua e randômica, apesar de sua não-linearidade e falta de robustez.

Formigas! Sandra sabe que mesmo as formigas seguem regras. Regras impostas pela Natureza. As únicas verdadeiramente justas e não discriminatórias. As únicas regras que deveriam existir. Formigas são orientadas por ferormônios, …as abelhas… as abelhas pelas cores ou por estranhos sinais de seus companheiros, sei lá,… e nós… seres humanos… somos guiados por tendências criadas por mentes frias que estudam o comportamento humano para melhor se aproveitar de suas fraquezas e propensões,... guiados por modismos lucrativos que não nos acrescenta nada,... guiados pelo lixo que a tv vomita diariamente dentro de nossas cabeças. Sem idéias próprias, sempre nos satisfazemos com a realização de vontades e desejos que não precisávamos ter.

Sandra espera que O Projeto realmente mude tudo isso.

Todas as coisas associadas, de alguma maneira, a esse… experimento… parecia não seguir regras racionais ou qualquer uma das pré-estabelecidas; apenas impulsos alimentados pelo espetacular inconsciente coletivo.

Especialmente hoje, às vésperas do grande dia, Sandra sente-se pequena.

Realmente pequena. Muitas vezes, durante este dia, idéias absurdas passaram pela sua cabeça. E continuam vindo. Idéias suicidas. Sandra não se considera, de forma alguma, um exemplo a ser seguido.

O interfone toca para resgatá-la de seus devaneios.

Ela hesita em atender (quer ficar sozinha); mas sente seu corpo pulsar, vivo, em direção ao dispositivo eletrônico dependurado na parede da cozinha, perto da porta.

O porteiro informa que Fred chegou.

Porra! Me esqueci completamente!

Ela sabe muito bem o que Fred deseja e não tem certeza se deseja a mesma coisa. Hoje. Todos os seus pensamentos estão no dia de amanhã. Em seu íntimo, Sandra espera que este seja apenas um encontro amigável e breve entre duas pessoas que se conheceram numa sala de bate-papo virtual pela Internet e que decidiram que já era tempo de se conhecerem de uma maneira menos eletrônica. Duas pessoas tentando preencher vazios.

Sandra insistiu para que se conhecessem em carne e osso um outro dia qualquer mas Fred, por sua vez, insistiu bastante que fosse hoje. Ela tem quase certeza de que a foto que Fred lhe enviara na última vez em que trocaram algumas linhas pode não ser necessariamente a do próprio Fred. E imagina o ridículo disso tudo; dessa expectativa criada pela solidão; pelo desespero.

Enquanto o elevador sobe, questionamentos passam pela sua cabeça. Fred é um assassino, é um estuprador, é um gordinho simpático, é um moleque adolescente, é o padeiro, é um velho, é uma lésbica,… é um espião... quem é esse cara realmente? E por que eu preciso dele?

Quando Sandra abre a porta, o coração já está saindo pela boca.

Surpresa!

Fred é ele mesmo, o cara da foto que parecia um artista da tv. Sempre companheiro, compreensivo, e um tanto inseguro. O cara que gosta de falar sobre MPB e jazz, que anda com o celular preso na cintura e que assiste apenas ao que ele insiste em classificar como "filmes de arte". O cara que se acha muito intelectual. Muito superior.

Como se isso fosse alguma merda ! Tudo bem. Preciso espairecer. Estou muito tensa.

Sua impaciência vai se dissolvendo aos poucos.

Preciso relaxar. Com o desenrolar da conversa, ao longo de alguns minutos, muitos minutos, hora e pouco, Sandra começa a desejá-lo exatamente como o playboyzinho que ele é. O cara que se julga inteligente apenas porque gosta de determinado tipo de música e porque assiste a filmes que nem mesmo entende. O cara egocêntrico.

Essa vulgaridade a excita.

Gostaria que ele a beijasse, que a agarrasse, tocasse seus seios, a fizesse arrepiar-se por todo o corpo belo e liso – bem cuidado –, e finalmente a penetrasse com o vigor de um animal insano, como ela mesma, às vezes, se sentia. Dois animais insanos em um só.

Sandra insinua-se.

Fred é liso, esconde-se como um caramujo, na sua casa de suposta erudição e conhecimento. Inseguro. Inseguro, pensa Sandra. Inseguro, odeia Sandra.

A noite não passou daquilo que ela esperava inicialmente que fosse. Apenas papo intelectual regado por uma garrafa de vinho que ele trouxera. Nada construtivo.

E ela odiou isso.

"– Boa noite, Sandra. Podemos nos encontrar novamente?", ele diz.

Sandra sabia que ele ia dizer isso.

"– É claro", ela responde, com um belo sorriso no rosto. Ela sabia que iria responder isso.

No fundo, tanto Fred quanto Sandra sabem que nunca mais se verão, ou que trocarão mais algum e-mail insensível. Nada será o mesmo novamente. A fantasia dera lugar à realidade. E a realidade é sempre mais impiedosa que qualquer fantasia. Para tornar a agonia de ambos ainda maior, eles sabem, no íntimo, que se desejaram naquela noite e que poderiam ter ido mais longe se não tivessem seguido (mecanicamente) tantos padrões de comportamento. Se não tivessem tanto medo de errar, de por tudo a perder.

Enfim, mais uma noite perdida. Sandra, pelo menos, conseguiu diminuir um pouco a ansiedade em relação ao dia seguinte, cujo primeiro minuto acaba de passar.

Ela enche um copo com água.

Toma uma dose extra de anti-depressivos (só por garantia).

Apaga a luz do quarto.

Amanhã será um novo-velho dia. Amanhã será hoje. Hoje será ontem. Ou qualquer coisa assim. Mas será um dia inesquecível.

Regras.

Precisava fazer alguma coisa para mudar radicalmente tudo isso. Para mudar as regras. Ou acabar com todas elas.

Mudar sua vida, seu mundo. As pessoas.

E, afinal, foi por isso tudo, desde o início, que aceitou o convite para integrar o grupo seleto que participaria d'O Projeto.

Na mesma noite em que Sandra e Fred trocavam amenidades, do outro lado da cidade, Natália terminava de ler 'The Iluminatus Trilogy', a bíblia da contracultura.

À sua frente, na escrivaninha, alguns volumes da hq "The Invisibles" e um livro caro de Hieronymus Bosch em alemão, conseguido a muito custo com um amigo que cruzara o Atlântico.

Na sala ao lado, seus pais discutiam novamente e ela sabia que alguma coisa mostrada na tv tinha começado a briga. Eles já deveriam estar dormindo. Pelo menos estariam quietos. Ela já deveria estar morando sozinha.

O telefone toca e isso faz a discussão na sala cessar por alguns instantes. O que é um alívio para Natália mas não para os seus pais, que já têm as sucessivas brigas integradas à rotina.

A mãe grita da sala que o telefone é para ela e recomeça a discutir com o pai, já levemente embriagado. Natália surpreende-se. Não esperava a ligação de ninguém àquela hora da noite, enquanto terminava suas leituras e aprontava-se para dormir.

É Fred.

"–Não disse que iria sair com alguns amigos?", pergunta ao namorado.

Ele parece um tanto atrapalhado, diz que tiveram que voltar mais cedo porque um deles começou a passar mal e que sentia saudades. Insiste para que Natália vá ao apartamento dele. Mesmo não estando disposta, Natália diz que vai encontrá-lo.

No seu intimo, ela quer punir os pais. Deixá-los preocupados. Talvez se tiverem alguma coisa a mais para pensar, deixem de se preocupar tanto consigo próprios. Com pequenezas do dia-a-dia. A vizinha do apartamento ao lado já reclamara diversas vezes ao síndico sobre essa gritaria tarde da noite.

Para sair, ela discute com a mãe, que aponta para o relógio e diz que isso não eram horas de sair, e com o pai, que ainda acha que ela é virgem, e segue.

Ela precisa encher o tanque do carro.

Fred a beija da mesma maneira, morna, dos últimos quatro anos em que estão juntos. Na verdade, só foi diferente na noite em que se conheceram. É sempre assim, pensa ela.

Fred parece frustrado. Ele recomeça a velha ladainha cine–litero–MPB–jazz–intelectualóide ao mesmo tempo em que tira a roupa da companheira peça por peça, penetrando-lhe a vagina. Ela está de quatro – posição que odeia.

Coisas entrando ou saindo da bunda sempre fazem Natália se lembrar de Bosch. Ela até enumerou algumas dessas coisas que percebera nas pinturas do artista holandês. Todas elas inusitadas: moedas douradas, flechas, uma flauta, uma muleta, um galho, um bico longo de um pássaro estranho, algumas cordas de uma imensa harpa, corvos,… A única vez em que percebeu algo que fazia sentido foi um peido no quadro "O Juízo Final". E saia da bunda de um demônio direto para a cabeça de um condenado.

Natália gostaria de entender Hieronymus Bosch.

Natália gostaria de entender Fred.

Sim. Hoje alguma coisa parece diferente com ele. Está ainda mais distante.

Mais frio. Mais mecânico.

É a gota d'água.

Ela termina o namoro e volta pra casa bem antes das duas da manha. Natália odeia o fato de Fred não ter insistido para que continuassem juntos. Na verdade, tanto ela quanto Fred pouco se importam com isso. O amor já fazia parte do passado distante.

A gente não tinha mesmo nada a ver, pensa Natália.

Fred continuou ali, sentado nos sofá. Talvez repassando a sua vida. Assim que o dia raiar, ele atenderá mais um de seus clientes. Geralmente cidadãos de classe média-alta, defendidos em seus "direitos" com eficácia proporcional aos seus contracheques – Fred era um doutor da lei. Considerado A Raposa entre os seus colegas de profissão, ele conhecia bem as regras jurídicas e, principalmente, as suas lacunas. Conseguia fazer com que as regras e as não-regras o favorecessem e contentava-se apaticamente com as suas possibilidades e limitações. Canalizava suas frustrações profissionais (e era frustrante tirar alguém da prisão cuja palavra CULPADO estava escrita em letras garrafais bem no meio da testa) nas relações inconstantes com as mulheres.

Os pais de Natália ainda estavam acordados quando ela chegou. Eles sempre fazem isso. O retorno da filha é um alívio e eles estão sempre prontos para consolá-la, mesmo tarde da noite; prontos para agradecer a todos os seus santos de devoção pelo retorno seguro da filha.

Natália valoriza o momento, gosta de ser o centro das atenções.

Ela sabe que as discussões não recomeçarão nas próximas horas.

O telefone toca novamente. Todos se assustam. Natália pensa que é Fred, arrependido. Ela atende. É o pessoal d'O Projeto, convocando-a para o experimento que será realizado naquela manhã. Ela diz que comparecerá sem falta, mas diz isso usando outras palavras.

"– Quem era, minha filha, a essa hora ?"

"– Ninguém, mãe... Era o Fred. A gente terminou. Agora eu preciso dormir um pouco"

Sandra acorda cedo. Bem mais cedo que o habitual. Hoje ela não quer chegar atrasada sob hipótese alguma.

A chuva havia parado há pouco e a cidade ainda estava molhada.

Escorregadia. Triste.

Ela espera pelo ônibus. Sabe que já devia ter comprado um carro.

O ônibus chega cinco minutos atrasado e está cheio. Como sempre. Sandra tenta se equilibrar e esquecer o odor insuportável de suor a cada centímetro ao seu redor.

No banco ao lado, uma mulher termina de beber o refrigerante e atira a lata pela janela. Sandra pensa em repreender a mulher, em dizer como ela estava emporcalhando a cidade e que poderia ferir alguém. Iniciar mesmo uma discussão. Porém, antes que pudesse escolher as palavras certas para começar, um velho se aproxima das duas e, ao vê-lo, a mulher que atirou a lata pela janela cede-lhe o lugar.

Sandra não diz nada à mulher que agora encontra-se em pé ao seu lado, mas pensa seriamente sobre a educação que essa pessoa deve ter tido. Talvez ela fosse apenas ignorante em relação ao fato de que não se deve atirar latas de refrigerante para fora de janelas de ônibus. Isso não a livraria da culpa, claro. Sandra sabe que muita gente é ignorante por pura preguiça.

Quando Sandra chega à universidade, todos os outros cientistas já estavam lá no estacionamento. Natália também já se encontrava lá, apesar das duas doutoras não se conhecerem. Amenidades formais são trocadas e todos dirigem-se aos carros que já os esperavam. Alguns desses carros possuíam vidros escuros e Sandra sabia que pelo menos dois deles (eram quatro ao todo) jamais seriam utilizados novamente.

Em quarenta minutos eles estavam chegando n'A Fazenda.

A Fazenda.

Nem todos se conhecem. Apenas mais um dos inúmeros procedimentos de segurança do complexo ultra-secreto. No entanto, cada um deles está, de alguma forma, envolvido n'O Projeto. E estão todos ansiosos.

Imediatamente, grupos são organizados e iniciam-se os procedimentos para A Interação, um passo além de qualquer brainstorm já imaginado.

As mentes mais privilegiadas são conduzidas a um lugar conhecido apenas por A Sala.

A Sala.

Sentados em volta de uma imensa mesa de mármore repleta de pastas, planos e baralhos de cartas, os poucos privilegiados compartilham d'A Bebida. O líquido esverdeado os deixa mais leves, permitindo que as idéias inconscientes sejam verbalizadas sem que a inibição ou a manipulação da consciência interfira no fluxo do pensamento. Acompanhando A Bebida, eles compartilham d'A Carne, a qual, temperada por três Colaboradores com condimentos cuidadosamente selecionados e assada por outros três Colaboradores em temperaturas meticulosamente calculadas, era fatiada cuidadosamente por outros três, enquanto outros três A serviam.

Para um improvável intruso que porventura estivesse espionando aquele aglomerado de mentes ilustres, a sensação que sentiria seria a de estar em meio a um imenso mercado de peixes (em época de feriado prolongado). Todos falando ao mesmo tempo; ninguém entendendo ninguém. Cada cientista um nó n'A Rede.

Pura energia cinética. Movimento. Cada um, o louco moto-continuo que aciona engrenagens esquecidas.

Na verdade, somente os ocupantes da sala conseguem vivenciar plenamente e compreender o que fora denominado de A Interação. Um estado de lucidez supra-humano que sublima o ego e estabelece, através da completa dissolução do individual, provocada pel'Os Aditivos n'A Bebida, uma fusão de diferentes criaturas em um só Ser, em uma só Mente. Formado pela algazarra induzida, O Ser Essencial, A Mente,

fortalece-se n'As Gargalhadas, n'O Jogo de Baralho, n'O Casal que foge para O Canto, em busca d'A Privacidade. Todo ato resulta em algum tipo de informação.

Naquela sala não existia uma única personalidade. Existia, isto sim, A Interseção d'As Posturas, d'As Experiências, d'Os Medos. Uma Assíntota para A Energia pura d'A Vida. Para O Conhecimento. Para uma compreensão que qualquer uma das mentes isoladas não conseguiria jamais alcançar.

Enquanto alguns ainda se deliciavam com A Carne, Natália e Cassiano, depois de muito apreciarem A Bebida, buscaram a privacidade d'O Jardim. Essa era a terceira vez que Natália participava dessas reuniões. Ela havia sido selecionada para O Projeto há cinco meses. Ainda anda pelos corredores d'O Complexo com certa humildade. Todos ali parecem saber mais do que ela. No entanto, era ela a queridinha do todo-poderoso.

Dra Natália, estudiosa de lingüística, obsessiva quando o assunto é literatura (qualquer que fosse) e comunicação entre seres vivos (racionais e irracionais).

Domina meia dúzia de idiomas. Prefere sempre ler os originais. Não acredita em traduções.

A depressão da noite anterior, o término do relacionamento com Fred, o efeito d'A Bebida, a excitação do que estava para acontecer e ela já não teme encarar diretamente o olhar de raio-x do respeitável Dr. Cassiano. Nem a grande diferença de idade a aflige. Entre As Mulheres, comenta-se que o doutor possui a privilegiada capacidade de enxergá-Las nuas.

Talvez seja algo que ele tenha aprendido naquele livro maldito, comentavam.

Natália não tem mais amarras para o tesão.

Dr. Cassiano, do alto de sua auto-confiança e de seus quase sessenta anos de idade, crava sua vara no cu da Dra. Natalia que, de quatro, berra de prazer. Não há tempo para pensar em Bosch. Seus corpos encontram-se fundidos, praticamente ocupando o mesmo lugar no espaço. As mulheres envolvidas

n'O Projeto tinham desenvolvido esse estranho desejo e conseguiam ter visões quando eram penetradas por trás.

Natália sente uma corrente elétrica – um raio – atravessar-lhe o corpo e rasgá-la de cima a baixo.

Ela vibra... quase seis minutos de gozo ininterrupto!

Ela nunca havia sentido isso antes.

E Fred possui metade da idade do doutor.

No final do processo d'A Interação (que algumas vezes durava dias), após dados terem sido cuidadosamente analisados e modelos propostos e ajustados, passava-se para a próxima fase. E a fase seguinte, a qual, até o presente momento, jamais lograra sucesso algum, envolvia o mecanismo supremo: A Faca.

A primeira vez em que O Portal foi aberto, aconteceu por acidente.

O alquimista Ambrosius, durante os anos maravilhosos e enigmáticos da Idade Média, preparava experimentos arcanos com o intuito de determinar o coeficiente de atrito entre as esferas celestes, conforme idealizado por Leonardo da Vinci.

Suas experiências foram relatadas passo a passo no proibido (e condenado pela igreja até 1966) Livro Negro do Atrito entre as Esferas Celestes.

O castelo aonde desenvolvia seus experimentos colapsou misteriosamente em uma noite de chuva e Ambrosius desapareceu da história sem deixar vestígios.

O livro foi encontrado, anos mais tarde, sobre os restos de sua mesa de trabalho mas o corpo do alquimista jamais foi descoberto.

O Livro Negro permaneceu nos porões secretos do Vaticano por décadas, até um bispo, com intenções seculares, apossar-se dele indevidamente. Alguns diziam que ele fizera um pacto com o demônio em algum momento de fraqueza; outros diziam que seu demônio foi a ganância. Seu nome era Gálio.

Gálio, tentando escapar de uma secreta perseguição levada a cabo por membros de uma ordem secreta dentro da igreja, viajou ao Brasil sob pretextos de evangelização (era a época da Contra-Reforma) e morreu poucos dias após sua chegada ao

continente americano, tendo contraído uma doença nativa. O livro, que não largava sob hipótese alguma, fora enterrado com ele sob sua paróquia em algum lugar do nordeste brasileiro.

Na década de oitenta, um padre local, sem muita criatividade e entediado com a rotina da paróquia, resolveu fazer reformas na capela e encontrou, em um dos buracos sob o altar, o cadáver do bispo. E o livro proibido.

Através de canais burocráticos e acadêmicos (e de uma certa soma em dinheiro), O Livro veio parar nas mãos do físico e doutor Cassiano Pompeu Xerxes, que idealizou O Projeto a partir dessa descoberta e cuja sanidade é mantida sob suspeita pela maioria dos colegas dentro dos círculos acadêmicos.

O Dr. Cassiano não larga o livro sob hipótese alguma. Anda para cima e para baixo d'O Complexo com o enorme volume debaixo do braço. Sandra sabe sobre a história envolvendo o livro (e alguns boatos também) e sempre teve curiosidade de folheá-lo. Natália tocou no livro uma única vez, e desenvolveu uma paixão doentia por Hyeronimus Bosch.

De acordo com as teorias desenvolvidas pelo Dr. Cassiano, seria necessária uma grande quantidade de massa cerebral vibrando numa mesma freqüência para que a consciência coletiva não fosse tragada para outras dimensões do espaço-tempo e se perdesse em contextos ainda não explicados satisfatoriamente (O Outro Lado). Era preciso abrir o portal mas manter o pé fixo na própria realidade.

"– Exatamente como fizera Ambrosius!", frisava sempre o impaciente cientista.

Naquela época era mais fácil; havia menos distrações, lamentava-se o doutor. Apenas uma mente poderosa que valia por esse punhado!

O Doutor Cassiano Pompeu Xerxes, tido como um gênio precoce e de uma personalidade difícil, havia perdido muito de sua credibilidade depois de apresentar as suas idéias sobre O Projeto em congressos científicos nacionais e internacionais, discorrendo sobre o processo de seleção d'Os Candidatos que participariam d'O Projeto. Suas palestras eram consideradas

obscuras. "– Perdeu o juízo !", era a opinião dominante no meio cientifico. Exatamente como ocorrera nos primórdios da Teoria do Caos.

Os Cientistas eram indicados exclusivamente pelo Dr. Cassiano e com o intuito de se atingir a tal Massa Critica Cerebral (MCC). Cada um era julgado pelas suas realizações profissionais, pelas realizações pessoais e por critérios motivacionais – conhecidos apenas pelo Doutor.

Montada sob uma estrutura treliçada carregada de sensores e atuadores desenvolvidos especialmente para esse propósito, uma enorme faca com fio de espessura quântica pende pronta para cortar pela segunda vez o tecido tênue da realidade.

Os cientistas colocam seus óculos especiais e, protegidos atrás de centímetros de materiais isolantes e vidros reforçados, preparam-se para bisbilhotar a paisagem que se encontra do outro lado.

A faca desliza.

Não há som. O tecido da realidade é tênue como a seda.

No meio da sala especial, de formato octogonal e livre de qualquer outra mobília, abre-se um orifício vertical de aproximadamente seis metros de extensão.

Um rasgo na realidade pronto para ser atravessado de um dos lados para o outro.

Um rasgo pronto para gerar novos conceitos e uma nova física, uma nova matemática, uma nova engenharia, uma nova biologia,...

Um flash de luz e a percepção expande-se.

Os Cientistas ainda estão ao redor da sala octogonal aonde deu-se A Ruptura. Mas, ao mesmo tempo, estão em muitos outros lugares. Em outros países, em outras dimensões. Talvez seja sempre assim quando alguma nova idéia nasce; quando a compreensão de algo se faz. Um cego enxergando pela primeira vez, vendo um mudo falando pela primeira vez, e sendo ouvido por um surdo a escutar pela primeira vez. Aquele instante singular é a pura emoção d'A Descoberta.

Os seres animados e os seres inanimados: as borboletas e o ar que lhes fornece a sustentação para o vôo estão tão emaranhados de Significado e Unidade que as extremidades de suas asas, ao se moverem, pareciam se dissolver – sublimar-se – numa razão inversa do acúmulo de energia de seus corpos lepidópteros. Síntese d'A Entropia, sem a necessidade do apelo às hipóteses, aos postulados e algebrismos.

Os seres animados queimavam em contato com os seres inanimados. Fato:

A Energia era visivelmente consumida. A Chama d'A Vida rumava inexoravelmente para O Esgotamento. Sete palmos abaixo d'A Terra – novamente Minerais – era O Destino de Cada Qual.

A amplitude d'A Percepção era simultaneamente libertadora e inflexível. A mesma ferramenta cortante que possibilitava a transgressão de leis naturais traga d'Eles o canal de comunicação com o mundo tal e qual o conhecemos.

Eles ainda estavam lá. Mãos espalmadas sobre as paredes de vidro da sala principal d'O Complexo. Boquiabertos. Babando. Caso fosse possível, porém, ao cidadão comum, adentrar-se a esse local sem ser dizimado por algum sistema hitech de defesa, não encontraria ninguém.

À medida em que Os Escolhidos permitiam-se estar aqui, acolá, e simultaneamente em dimensões inimaginadas, perdiam os elos com O Lastro que os prende ao mundo aonde nasceram. Para prende-Los n'Outro mais amplo. Que engloba este e muitos outros. Como sub-conjuntos numa lição de matemática elementar de um deus.

Mas agora está claro que, n'Este Espaço, os elementos, apesar de complementares e dependentes, eram conscientemente intransponíveis. Se você é uma formiga, não entende por que o homem faz a guerra. Se você é homem, não sabe o por que do transporte de gravetos (e por que o homem faz a guerra). Num sentido mais amplo é possível compreender-se a ambos. Em contrapartida, é impossível explicar-lhes. Por que necessariamente O Conhecimento está d'O Outro Lado. E estando d'O Outro Lado, como voltar?

Seus Corpos pulsam numa freqüência pouco superior aos 3 hertz. O Coração quase saindo pela Boca. Transpiram muito. Sublimam.

E todas as Suas Esperanças estão depositadas no Dr. Cassiano.

Todos acreditam que Ele sabe O Caminho de volta.

Na amplitude das possibilidades de percepção, sabem que uns são tão capazes quanto os outros. Sem As Amarras e As Fronteiras, são tão Loucos, Magnânimos ou Infantis. Cardume de Almas n'O Oceano Etéreo.

Doutor Cassiano fez passar pela corrente de almas a sensação de que eles estariam de volta em breve.

Nessa nova condição, eles podem ser aquilo que sempre desejaram ser.

Completamente ensandecido, e com uma vontade cada vez maior de comer o cu dos outros, o doutor insaciável explicou ao grupo que todos voltariam para casa assim que ele fosse presidente dos Estados Unidos pelo menos uma vez.

Nasce uma nova ciência.

O rasgo permaneceu aberto por apenas alguns segundos (mas o tempo, então, não possuía significado algum). Assim que o portal se fechou e todos os dados foram corretamente coletados, os cientistas voltaram uma vez mais à própria realidade (embora já não soubessem mais o que isso significava). Estão exaustos. Por uma fração insignificante de suas vidas, experimentaram apenas o que os deuses experimentam.

Sem perceberem, haviam trazido consigo O Vírus.

Possuindo e não possuindo seus corpos ao mesmo tempo, O Vírus deseja entrar em contato com esta realidade. Transformá-la. Moldá-la. Tornar única todas As Realidades.

No final do dia, quando todos se preparavam para voltar as suas insuspeitas rotinas, um bule de café curva-se com toda delicadeza e diz Até amanhã para A Servente.

E ela desmaia.

Yang

Natália sabe que alguma coisa saiu errado. Ela tentou se informar, mas todos os canais de comunicação com O Projeto haviam sido cortados. Não havia mais acesso a'O Complexo e até o Dr. Cassiano preferiu não falar no assunto. Ele mal teve tempo para ela.

A humanidade enlouqueceu completamente.

Ela jamais esqueceu o dia em que o aparelho de tv levantou-se da cômoda aonde havia sido depositado e começou a andar pela casa. Com braços e pernas finos e aquele cabeção sintonizador. Ela estava sozinha e pensou que ainda estava dormindo. O aparelho de tv andou para lá e para cá, brincou com o cachorro e depois escutou um pouco de rádio. Ou será que estavam conversando ?

Desde então, seus pais pareciam estar cada vez mais dispostos a seguir ordens ou a tentar satisfazer os caprichos desse novo membro da família. Eles ficam sentados um de frente para o outro por horas, seus pais e Tv. A maior parte do tempo, apenas Tv fala alguma coisa. Natália espera que eles não estejam pensando em casá-la com o eletrodoméstico.

Tv nunca teve muita influência sobre Natália.

Ela corre para a janela ao ouvir alguém saindo do prédio. Sim. O Velho Antônio está saindo novamente para levar seu urinol quadrúpede para passear.

Eles são inseparáveis.

Em um dos apartamentos no prédio em frente, uma mulher conversa carinhosamente com o vibrador que dança freneticamente dentro dela.

Então, Natália acorda em um outro dia e parece estar tudo em ordem de novo. Ou pelo menos a velha ordem a que estamos nos acostumando há décadas.

Fred passa os seus dias conversando com os seus livros de Direito; livros que o ensinam a tripudiar sobre os humildes e os ignorantes e a extorquir grandes quantias dos incautos. Eram livros astutos e egocêntricos, manipulavam as idéias de

Fred e forneciam-lhe O Poder que ele, por si próprio, seria incapaz de obter.

Divertiam-se com isso. Sentiam prazer em manipular o advogado como a um fantoche. Dia e noite. Certo dia, um livro sobre Direito Penal cagou em sua boca enquanto dormia.

Fred pensava muito sobre a noite em que encontrara Sandra. Isso tem feito com que ele saia cada vez mais com prostitutas.

Ele acha que está ficando louco. Sempre que mentaliza Sandra, esta transmuta-se em Natália. Quando lembra da ex-namorada, logo a garota que conhecera via internet ocupa o seu pensamento. Era como se as duas estivessem fundidas numa só. E ambas haviam descartado-o de suas vidas.

Fred imagina se algum dia irá conseguir fugir dos livros.

Então, Fred acorda no dia seguinte e Sandra é Sandra e Natália é Natália. Os livros nem falam nem cagam e não existe justiça sobre a face da Terra.

Natália comunica-se constantemente com o Dr. Cassiano.

A experiência sexual que haviam desfrutado n'O Churrasco havia deixado um vinco em seu coração. O mesmo parecia não ter ocorrido com o Dr. Cassiano, que sempre aparenta demasiado interesse pelas suas pesquisas, acrescido de um semblante de preocupação desde Aquele Dia. Ele parece estar sempre procurando por algum Elo Perdido. Vez por outra eles encontravam-se para furtivas noites de prazer.

Dr. Cassiano ainda nutre grande predileção pelo cu de Natalia e, embora esta ainda fosse arredia à idéia, no fundo sabia que este era o único elo que os unia.

Essa tara permite que o Dr. Cassiano a penetre com todo o seu vigor, e faz com que ela vibre entre urros de uma dor insuportável e gemidos tórridos de prazer.

Nestes encontros, jamais comentavam nada sobre O Projeto.

Natália não conseguia se acostumar à idéia de que o doutor fosse completamente ignorante quanto ao que estava acontecendo em todo o planeta.

Ele, com certeza, a teria contado. Ela suspeita que o eminente cientista sofrera algum tipo de lavagem cerebral.

Mas se o poderoso Dr. Cassiano não era realmente a mente por trás d'O Projeto… quem?

Esse pensamento assusta Natália.

No dia seguinte, ela acordou e ainda era virgem.

Sandra continua sozinha.

Estranhamente, depois d'O Churrasco, a consciência da falta de atividade sexual já não a abatia como antes. Em algumas manhãs, logo após o despertar, ainda sentia um ardor sensual partindo do seu ânus virgem que a deixava toda arrepiada por quase quinze minutos.

Há duas semanas, o lixo acumulado na cozinha atraiu uma fileira de formigas vindas, talvez, do apartamento ao lado. Imediatamente, molhou um pano qualquer e tentou erradicá-las. Ao abaixar-se, ouviu uma voz vindo lá do chão que a fez mudar de idéia.

A voz veio de uma minúscula mandíbula e dizia algo sobre um deus. No mesmo instante em que a voz começou a se propagar pela cozinha, de mandíbula em mandíbula, todas as formigas pararam suas atividades e se reuniram ao redor de Sandra.

As formigas oravam.

A partir desse dia, Sandra tornou-se o Deus das formigas.

Desde então, mais formigas vêm chegando a cada dia, em peregrinação, ao apartamento de Sandra e ela pensa seriamente sobre a questão.

As formigas não a machucam e saem do caminho quando ela passa. Se, inadvertidamente, ela pisa em algumas, as demais entendem como destino. E rezam com mais força ainda.

Sandra queria saber como essa loucura toda começou.

E por que não encontra alguém que possa lhe dar alguma explicação.

Um outro dia, Sandra acorda e o único objeto de adoração em sua casa é a imagem de Santa Bárbara que sua mãe insiste para que ela deixe em uma das prateleiras da estante.

Certa manhã, quando vai às compras, Sandra depara-se com uma bela mulher na prateleira ao lado. Mesmo sendo mulher, ela sabe reconhecer e valorizar um belo exemplar da espécie. Acena com a cabeça. Natália corresponde ao cumprimento com um gesto leve e doce. As doutoras nunca haviam se percebido como naquele momento. Perceptivelmente, existe uma grande identificação entre as mulheres, um forte sentimento de respeito, anseio pelo diálogo, conhecimento mútuo e troca de experiências pessoais. Desencadeia-se um processo puramente platônico. Um exercício das possibilidades sobre o eventual colóquio. Mas ambas estão muito ocupadas com os seus afazeres cotidianos (e mundanos). A aquisição de bens de consumo para a higiene do lar e a delícia de pequenas gulas.

Cada uma delas toma o seu próprio rumo, por entre as prateleiras.

Num determinado momento, conduzindo o carrinho displicentemente de um corredor a outro, Natália esbarra em Sandra. Assustada, Sandra deixa cair das mãos uma caixa de ovos, que despedaçam-se no chão, respingando clara e gema.

Natália pede desculpas pelo inconveniente, ajuda a limpar a calça jeans de Sandra e a convida para um café.

Neste mesmo momento, na Universidade, o Doutor Cassiano encontra-se solitário e triste em seu cubículo. Ele não sabe de onde vem Aquilo que o move em sua busca incansável pela superação em suas atividades, que de tão específicas, são proporcionalmente herméticas. O conhecimento de um homem só para si mesmo. E daí a sua frustração. Daí a sua insatisfação, daí a necessidade de comer o cu de Natália com tanta fúria como que para manter-se vivo. Dr. Cassiano há muito não conversa descontraidamente. Sempre que se dirige a alguém é para expor o seu ponto de vista científico, solicitar auxílio em alguma atividade de extrema urgência para o Laboratório ou simplesmente para dar aulas para as paredes.

No momento, ele reza para que suas suspeitas em relação ao desastre com a fenda espaço-temporal sejam infundadas. Ele não dorme há duas noites. E mal se alimenta.

Ele espera que Natália não suspeite de nada.

"– Desculpe-me novamente, não tive a intenção. Vou pedir um cappucino para mim. O que você quer tomar?"

"– Não se preocupe. Está tudo bem. A calça já estava meia suja. Nossa!

Precisava tomar alguma coisa quente... está fazendo muito frio! Qual é mesmo o seu nome?"

"– Natália. Sandra, certo?"

"– Certo. Você não me é estranha. A gente já se conhece?"

A garçonete se aproxima da mesa, anota os pedidos e sai.

"– Agora que você falou, também acho que já te vi em algum lugar.

Talvez seja no supermercado. Eu sempre compro lá."

"– É a primeira vez que eu fui lá. O que você faz ?"

"– Eu sou doutora em lingüística. Curto bastante estudar essas línguas antigas que quase ninguém entende. E dou umas aulas de vez em quando. E você...?"

"– Eu também sou doutora. Em física. Também estudo coisas que ninguém entende..."

Sandra pára no meio do pensamento e dá indícios de que não o terminará.

Natália aproveita a ocasião e, para restabelecer o fluxo da conversação, diz:

"– Deus não joga dados com o universo."

"– O quê ?"

"– Einstein."

Nesse instante, a garçonete reaparece com duas xícaras esfumaçantes.

Deposita-as na mesa e novamente volta ao balcão.

Ambas tomam um gole e, quando Sandra volta a falar, sua expressão está alterada. Sua voz está bem mais baixa e seu corpo reclina-se sobre a mesa em direção à sua companhia.

"– Eu me lembrei. O Projeto. Foi lá que eu te vi."

A compreensão logo chega a Natália também, e seu tom de voz também é baixo.

"– Tem razão. Mas a gente nunca se falou antes. Era tanto segredo que a gente suspeitava da própria sombra. E todo mundo vigiando todo mundo..."

"– Natália, alguma coisa saiu errado com aquele experimento. Alguma coisa que está... alterando a nossa realidade."

Natália imediatamente lembra-se do urinol quadrúpede e do vibrador falante e estremece. Do outro lado do café-bar, a garçonete se aproxima de uma mesa plantando bananeira e anotando os pedidos com os pés. O homem a quem estava atendendo olha para o bloco nos pés da garçonete e, ao ver uma xícara de café e um pão com manteiga escritos de cabeça para baixo, começa a cantar em uma língua que jamais havia aprendido. A sua canção era a chave para o enigma da transformação de metal em ouro mas ninguém entendeu.

No dia seguinte, ao acordarem, Natália e Sandra jamais terão se encontrado.

Nesse mesmo dia seguinte, sentado a sua mesa, no cubículo, Dr. Cassiano digita ao computador os últimos parágrafos de seu artigo, definitivo e estarrecedor:

Os fenômenos naturais fluem em diversas dimensões. Usualmente, a análise do fluxo de um fenômeno natural dá-se a partir de três dimensões espaciais e uma dimensão temporal. As leis físicas descrevem determinados fluxos de fenômenos naturais a partir do estabelecimento de relações – equações diferenciais parciais – entre taxas de variação do fenômeno específico em relação a diferentes níveis dimensionais de evolução observáveis num determinado domínio. Na análise de um fenômeno natural específico são levantadas hipóteses – condições de contorno – que procuram desvincular o fenômeno de uma ação mais abrangente e definem os níveis dimensionais segundo os quais são estabelecidas as relações.

Os fenômenos naturais processam-se de forma a garantir a mínima variação do fluxo dentro do universo de possibilidades que satisfaz as equações.

Conseqüentemente, a solução de um problema desta natureza é o fluxo que apresenta a continuidade máxima.

Entende-se como nível dimensional de evolução de um fenômeno as ordens e as dimensões que caracterizam determinada derivada deste fluxo. Assim, a derivada de nível dimensional mais baixo é aquela capaz de reconstruir todas as demais derivadas que aparecem na equação diferencial, por integração exata, supondo-se conhecidas as constantes de integração.

Este conjunto formado pela derivada de nível dimensional mais baixo, juntamente com as constantes de integração, contém todas as informações das relações estabelecidas na análise de um fenômeno natural, onde os diversos níveis dimensionais apresentam-se na configuração de menor vínculo entre si.

Por sua vez, o próprio fluxo de um fenômeno natural contém toda a informação das relações estabelecidas na análise dele mesmo – sua identidade.

Porém, nesta situação, os níveis dimensionais apresentam-se numa configuração compacta.

Depois de digitado o texto, Dr. Cassiano sente-se infinitamente vazio.

Tudo corre exatamente como ele havia planejado. E naquele momento fica evidente qual a única forma de reverter O Processo Catastrófico e eliminar O Vírus. Essa era a sua pesquisa.

Serve a si mesmo uma xícara de café quente.

Degusta-a com prazer.

Depois tira a arma do fundo da gaveta e dispara seis tiros contra o céu da boca, encerrando a sua vida em todos os seis planos nos quais desdobrava a sua existência.

O funeral ocorreu num dia ensolarado e suas cinzas foram jogadas ao mar, de cima de um penhasco. Ventava muito. E há quem diga que nenhuma partícula sequer atingiu a superfície de água salgada. Sua alma nunca descansou.

O artigo foi publicado pelos seus colegas de trabalho. Teve grande repercussão nos meios acadêmicos, embora jamais tenha sido compreendido – por imaturidade, egoísmo, preguiça... i.e., a conjunção de todas as mazelas humanas.

Foi considerado mais como uma obra poética que propriamente científica, como de fato era.

Sandra passou a dedicar parte do seu tempo às corridas matinais pelo parque, à musculação e aos alongamentos. Despertou-se numa mulher virtuosa e desejada pelos homens. Fez uma discreta tatuagem na virilha. O rosto de Cristo, coroa de espinhos e o semblante acalentador com a língua de fora, em direção à vagina. Alguns disseram que ela veria os fogos arderem no Inferno. Bem, de Inferno ela entendia.

Desiludido, Fred rumou para a Inglaterra, onde cursou pós-graduação em direito internacional. Nunca teve certeza se era isso que realmente queria. Dizem que se tornou grande amigo do tal Príncipe Charles e, numa noite de bebedeira, ficou sabendo de toda a verdade sobre a morte de Lady Diana.

Que mundo louco é este onde umas poucas pessoas decidem sobre o destino de bilhões de almas?

Depois da morte do Dr. Cassiano, Natália nunca mais deu o cu.

Apêndice – *Livro Negro d'O Atrito Entre as Esferas Celestes*

Este estudo trata do levantamento dos coeficientes de atrito entre as esferas celestes. A introdução pressupõe a experiência simultânea de uma potente capacidade de concentração e sintonia com o ambiente em suas diversas escalas. Perceba os prótons colados aos nêutrons enquanto os elétrons estão a girar em órbitas probabilísticas. O universo está em constante transformação. No extremo oposto, as estrelas com os planetas a orbitar. Rotas de um contexto em expansão. Sinta agora a humanidade girar n'outro plano. O plano das idéias. Permitindo vislumbrar simultaneamente as diversas escalas de percepção do atrito entre as esferas. Neste contexto, define-se o céu como o domínio de todas escalas de esferas. Incluindo a própria humanidade, girando em planos ortogonais da consciência. O atrito – nos níveis sub-atômicos, planetários, das galáxias ou mesmo do pensamento – gera calor. É caracterizado como um processo exotérmico. A sua transformação de fase essencial é a sublimação. Esferas celestes em atrito necessariamente

perdem energia. Irradiada em diferentes contextos. Simultaneamente. Caracterizam flashs da percepção celeste. Troca de informação. A energia dissipada através da sublimação das esferas celestes – inclusive das esferas animadas, como aquelas dos vegetais, dos animais e dos seres humanos – flui num outro contexto para o acúmulo da percepção. Reflexo disso é a lei termodinâmica do equilíbrio generalizada para uma reação química entre as esferas inanimadas e animadas. As primeiras acumulam energia gerada do atrito de esferas animadas. As segundas liberam energia, sublimada em flash celeste instantâneo, cuja contrapartida é a expansão da consciência. Logo, os dois extremos de esferas destes diversos contextos – a pura energia e a plena percepção – representam assíntotas intangíveis. Uma forma de atrito caracterizada pelo processo termodinamicamente instável ou etéreo. Entretanto, existe uma fenda na freqüência essencial de vibração celeste. Esta pode ser obtida pela potencialização do fio de uma faca de massa idêntica ao seu contrapeso no contexto da consciência das esferas animadas com as quais dá-se o atrito. A potencialização é teoricamente viável pelo movimento pendular da faca quântica. A tênue sintonia do amor sublimada na abertura do portal.

De Alessandro Teixeira Neto e André Fenili,
Janeiro de 2004.

A derrota remete ao novo

Esta paga
a parte que me cabe
nessa estranha mesa de bar
um copo quebrado
é o meu corpo que parte
miríade de cacos de vidro
nada resta do líquido
vazado através dos dedos
às palmas
ele parte
escorre fluido
as mãos não bastam
é conseqüência do ato

os rudes são reminiscências dos sonhos
rebaixamo-nos ante as leis dos homens
mais parecem sem sentido
é chegada a hora
renovarmo-nos o íntimo
tudo o que foi escrito
está vencido:
– *a rota remete ao novo*

O mundo em que v1v3m05

Manhã fria de outono em São Paulo, neblina. Ela segue pela marginal, cabeça ainda indolente, da noite curta de sono. O fluxo dos veículos cessa a sua frente. Já era de se esperar. Ela prende len-ta-men-te as suas madeixas ruivas, de sonho. Retira-o do bolso. Acopla o pen drive ao cérebro, pela entrada USB, numa perpendicular às têmporas. Para assimilar plena a consciência, nada fugir aos seus instintos. Faz deles o buraco negro das ideias. Se o 1n574n73 lhe parece tão m491c0. O tempo ao quadrado das h0r45, ao extático, do trânsito. Liga o som no volume máximo, bota esse rock'n'roll dos anos 5373n74. 01h4 para o f1rm4m3n70. Vê o inusitado: os dias de h0j3, agora é o melhor m0m3n70.

Ao alvorecer

O sol reflete-se numa miríade de gotas d'água recém espalhadas pelo vidro translúcido do box. A manhã e o canto dos pássaros anunciam a chegada do novo dia. Renascidas as esperanças e as possibilidades de caminharmos pela avenida da virtude. Sim, a vida é tão simples!

Mas tantas vezes furtamo-nos desse olhar calmo, tranqüilo, acolhedor. Preferimos ceder ante a insegurança e ambição desmedidas, porque algum dia ou nalgum momento da história essa pureza foi corrompida e os valores, distorcidos.

Fomos nós mesmos, os seres humanos, quem criamos as regras, as leis e todo um complexo organismo social que ora está a nos tolher e subjugar-nos. E não estou aqui a defender a anarquia: é uma questão do uso que fazemos dos nossos dias, de nossas vidas, que são os bens mais preciosos que possuímos.

Não é incomum dar-nos conta que corremos desenfreadamente para atendermos às demandas do quotidiano. Ontem mesmo ouvi a estatística de que o trabalhador com carteira assinada paga, em média, quarenta e um por cento de seu salário em impostos para o governo. (E não vou perder o meu tempo discorrendo sobre as causas às quais eu acredito que o retorno oferecido pelo Estado é insipiente e exíguo). Mas além, sobretudo, existe a exploração do homem pelo homem, até mesmo nas relações humanas.

Corremos tanto e tão desenfreadamente! Muita vez não nos apercebemos disso. Desde quando éramos pequeninos – crianças espontâneas, ingênuas, livres dos vícios – já víamos os nossos pais inseridos nessa maratona sem fim, sem vencedores. Como no mito da caverna, aprendemos a mimetizar o comportamento desumano. E continuamos a reproduzir este padrão sistematicamente, nos diversos níveis e em todas as

facetas do relacionamento humano. Não nos apercebemos que somos os únicos responsáveis pelas futuras gerações de seres desumanos: direta ou indiretamente, somos nós mesmos os seus mais implacáveis professores.

Há quem diga que o ser humano é mau em essência. Que as crianças já trazem em seu íntimo o gérmen, a tendência inata para o mau. E disso – podem me chamar de louco – eu ouso discordar. Observo os pássaros, os gatos, os cães, os pequenos animais. Exceto pela capacidade diferenciada de cognição, somos como eles. Temos os mesmos instintos; as necessidades de alimentação, de cuidado, de amor; que são primárias e essenciais para a manutenção da vida.

Trazemos grafada em nossa existência o instinto de sobrevivência. Mas este jamais deveria ser confundido com a ambição desmedida, com os maus tratos ou o abuso de poder. Estes são, antes, desvios de comportamento observáveis nos seres humanos apenas. Degeneração da capacidade cognitiva, numa usura desmedida da característica biológica diferencial de nossa espécie. Porque até os leões matam para se alimentar; e só. Matar para tirar vantagem é coisa desumana.

Mas abandonemos o viés negativo, porque este não é o cerne dessa crônica. Acontece que existe a necessidade de nos desenvolvermos a partir de uma base, compreendermos onde é que estamos pisando, para só então seguirmos adiante. Vamos focar noutra perspectiva. Naquela mais condizente com a natureza humana, em sintonia com os nossos anseios e necessidades ulteriores.

De volta à estatística. Afinal, vêm dessa mesma e importante disciplina, os indicadores que nos trazem algum alento. Dentre tantos dados negativos, vale ressaltar alguns outros (por vezes nos passam desapercebidos, porque estes não dão ibope, outro índice estatístico, e não é por coincidência): nunca tivemos uma massa tão grande de cabeças (potencialmente) pensantes, tantos cidadãos alfabetizados e os avanços tecnológicos são inquestionáveis – da agricultura à medicina, passando pelas mídias sociais que possibilita(ria)m o

acesso irrestrito à informação. A qualidade de vida também (em média) só faz melhorar. E estes são fatos inquestionáveis. O problema – ainda no jargão estatístico – são os desvios e as dispersões tamanhas.

Então, muita vez é mais fácil pensar: isso não me diz respeito, eu não tenho o poder de reverter esse quadro, o problema é estrutural, preciso cuidar de minha vida, não posso mudar o mundo sozinho.

Ledo engano: O sol ainda reflete-se numa miríade de gotas d'água recém espalhadas pelo vidro translúcido do box. A manhã e o canto dos pássaros anunciam a chegada do novo dia. Renascidas as esperanças e as possibilidades de caminharmos pela avenida da virtude. Sim, a vida é tão simples!

Experimente a mudança em seu íntimo. Enxergar no próximo o seu irmão. Colocar-se no lugar do outro antes de lhe dirigir a palavra – que é bálsamo e também adaga. A escolha é apenas sua, é minha apenas. E é mais fácil escrever que botar em prática.

Mas tente, com todas as suas forças. Todos os dias, ao alvorecer.

O cOnstrutOr de sOnhOs

lá vai O cOnstrutOr de sOnhOs
bravO guerreirO
abatidO em batalha
nãO abandOna a labuta
chapa de frente
ante as agruras
faz seu própriO caminhO
traçadO a fé e fOgO
chupa dOs seiOs gOstOsOs
generOsOs da mãe natureza
se seu pau cresce tOrtO
é para cOmê-la de ladO
semear nOvOs
Os grãOs dO sOnhO

Mais uma fábula, apenas

Era uma vez um reino muito distante, num local e num tempo em que a natureza havia sido especialmente generosa: um reino cercado pelas montanhas, recobertas pelo verde, que crescia exuberante, banhado pelo leito de um rio caudaloso, sinuoso, rico em vida, havia ainda cachoeiras, aqui e acolá, um vasto lago, de águas calmas, e todos os dias o sol aquecia aquelas paragens com o seu brilho incondicional.

Naquela época havia muitos reinos – alguns eram pequenos, enquanto outros, verdadeiros impérios. Aquele reino, em especial, não era grande ou poderoso, mas era um bom lugar para se morar. O Rei era justo e comandava um exército de homens bem treinados, que era o suficiente para cuidar de suas fronteiras, sempre que estas eram ameaçadas por hordas de bárbaros.

Numa casinha simples, mas muito asseada, morava um jovem casal. Elza, era a mais bela e formosa das mulheres do reino, de longos cabelos castanhos cacheados, e Fraga, o seu senhor, jovem e bravo guerreiro, de coração puro, fiel ao Rei. Aquele jovem casal era mesmo admirável. Eles eram belos, carinhosos, trabalhadores, e essa harmonia, essa felicidade, parecia mesmo irradiar deles. Como o reino era pequeno e todas as pessoas se conheciam, Elza e Fraga eram mesmo muito queridos e sua companhia, motivo de grande contentamento, das crianças aos mais velhos.

Mas eis senão que, certo dia, o Rei enamorou-se pela bela Elza. Afinal, aquele seu viço e candura também não passavam desapercebidos ante os seus nobres olhos. O Rei tinha intenções de desposá-la e fazer dela a sua Rainha. Seria então Elza, além da mais formosa, a mais importante dama do reino.

Acontece que Elza só tinha olhos para Fraga e, para ele, sua esposa Elza era a razão de seu viver: eram completos um pelo outro; essa completude, essa perfeição envolvia todos

aqueles que tinham o privilégio de compartilhar da presença deles. E, por mais que o Rei se exibisse, com os mimos de sua nobreza e poder, não chegava a tocar o coração da bela dama.

No afã de impressionar Elza, uma vez que não podia competir com a beleza singela e a bravura de Fraga, o Rei traçou planos de expandir as fronteiras de seu reino, num misto de demonstração de força e ambição pelo poder.

Aos poucos, novos homens foram amealhados ao contingente do exército, que deu início a uma extenuante série de exercícios e preparação tática para a empreitada. O Rei informou os seus súditos quanto aos planos, apesar da reticência dos conselheiros em apoiá-lo.

A apreensão era crescente no reino. Certa noite, Elza expressou ao marido a sua grande preocupação de que algo acontecesse a ele. Mas Fraga demonstrou muita segurança e acalentou-a. De fato, os homens estavam bem preparados, e ele destacava-se dentre os guerreiros, pela sua bravura, sagacidade e fidelidade ao exército do Rei.

As batalhas começaram e, apesar de algumas baixas, o Rei acumulava a riqueza recém subjugada – pertences, metais e pedras preciosas -, assim como as fronteiras do reino iam gradualmente se expandindo. Tempos de guerra eram alternados com tempos de paz, mas os guerreiros estavam em constante exercício: dedicavam-se ora às batalhas, ora aos cuidados com o reparo e a preparação de novos ataques.

Após as conquistas, o Rei promovia grandes celebrações, às quais todo o reino era convidado, e invadiam noites adentro. Era sempre uma fartura de comida, de bebida, muita algazarra, pompa e exagero. Nessas festas o Rei aparecia imponente, geralmente alardeava sobre as riquezas conquistadas. O Rei atraia a atenção de algumas das damas do reino. Entretanto isso não surtia efeito para Elza, sempre exuberante, radiante com o retorno de seu amado após cada batalha. Elza e Fraga dançavam com os seus corpos colados por horas a fio. (Isso deixava o Rei possesso).

Com o sucesso nas batalhas (e o insucesso no amor), a ambição do Rei tornou-se doentia. E essa insensatez, é claro, tinha desdobramentos sobre os seus súditos. Os homens estavam desgastados com o número crescente de combates, e as mulheres sobrecarregadas por terem de cuidar sozinhas da criação, da alimentação e da manutenção de seus lares. Os conselheiros do reino desde o início foram contra; agora, até Fraga, o mais bravo e fiel homem do exército, queixava-se dos desmandos do Rei. Achava que era hora daquela tensão insuportável ceder ante a normalidade, até mesmo os guerreiros sonhavam com dias de tranqüilidade e paz. Era visível que a guerra estava consumindo-os a todos. Elza tinha perdido peso, passava as noites em vigília orando pelo marido nos tempos de batalha, já não trazia em seu semblante o brilho de outrora.

Certa feita, Fraga comandava um grupo de homens após algumas semanas de batalha, quando sofreram uma emboscada. Fraga era um guerreiro incomum, mas encontrava-se exausto, assim como os demais. Por breve instante, sua excepcional concentração vacilou, e ele baixou a guarda. Foi o suficiente para que Fraga fosse ferido de morte: a lança do inimigo atravessou-lhe o tórax, dilacerando o seu peito. Reza a lenda que, naquele exato momento, como que por telepatia (ou sincronicidade), Elza sentiu um aperto em seu coração, uma fraqueza imensa, experiência tão tocante que a fez antecipar a notícia que, em breve, receberia.

Aquela batalha, o Rei perdeu. Foram necessárias, porém, muitas outras baixas em seu exército, mais algumas batalhas, até que o Rei, finalmente, cedesse ante ao seu desejo de poder e sangue. O reino finalmente voltou aos seus dias de paz. Entretanto, nunca mais foi o mesmo. Ele era agora maior, um reino com mais recursos, um maior número de súditos; mas as demandas também eram maiores.

Sobretudo Elza, nunca mais foi a mesma. Era agora uma dama de feições tristes, magérrima, sem a vivacidade de outrora. Apenas não a abandonaram os amigos do casal. É que aquele contentamento que Elza e Fraga emanavam, a

cumplicidade, aquela vibração, sintonia, aquilo seria uma lembrança indelével para todos os que compartilharam daquela dádiva e traziam em seu íntimo o signo da dignidade.

Mas parecia mais forte do que ela. Todo o dia Elza ia até as margens do lago, passava longos momentos por lá, a observar o seu semblante refletido no espelho d'água, até que sua visão ficava turva, e a imagem que ela entrevia era a sombra do bravo guerreiro, seu amado Fraga. Então ela soluçava, chorava seco, sem verter uma única lágrima sequer. O Rei também sentiu compaixão pela dor de Elza. Ele bem que guardou um período pelo seu restabelecimento, mas acabou por desposar outra dama, Safira, à época a mais bela e graciosa de seu então poderoso reino.

Muitos anos se passaram, os amigos sempre a reconfortá-la, ajudando Elza a suportar aquela dor, que não cedia. Certo dia, às margens do lago, ventava forte – coisa que era incomum naquelas cercanias – e isso impediu que os contornos de Fraga se formassem no espelho d'água. Aquilo era mais do que Elza podia suportar; e uma dor lancinante comprimia o seu peito. Ela não tinha forças para soluçar, gritar ou chorar. E então, uma única lágrima rolou pelo seu rosto e precipitou-se sobre a face do lago.

Elza imaginou-se como aquela única gota. Ela percebeu que, ainda que todo o reino velasse a perda de seu amado Fraga, mesmo que todos derramassem as suas lágrimas naquelas águas agitadas pelo vento, a figura do guerreiro jamais formar-se-ia. Mas sua imagem sempre estaria lá, em potência, junto às gotas que formavam aquele vasto lago. Se não fosse assim, o milagre da esperança inabalável que os seus amigos depositavam nela não se justificaria; toda a existência nesse mundo estaria fadada à dor e ao desencanto apenas.

De súbito, compreendeu a grandeza dessa ideia, de que guardamos um pouco do outro dentro de nós mesmos, e o outro leva consigo um pouco de nós. Que as gerações se sucedem, os reinos mudam de forma, de lugar, mas a essência está sempre presente: a mesma força que derruba é aquele

vento indomável que sopra forte, nos leva adiante, através dos rumos da evolução. Então ela sorriu. E aquele sorriso era de grande ternura e compaixão. Tão grande, que nunca abandonou sua face. Até o último de seus dias.

Dedicado à poetisa Elza Fraga.

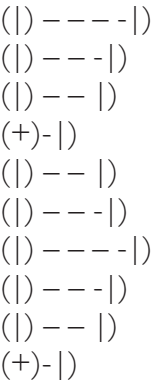
40 c4n70d05 p4554r05

13v4n70 d4 c4m4 p3ns4nd0 n4qu1l0.
n0 c0rp0 90s70s0 d3 m4ur4,
n05 53u5 p3170s f4r705 3 d3 b1c05 dur05,
3xc174d0s d3 73540,
d0s 93m1d0s n4 c4m4,
n4 m410r 35fr394c40.
Tr0c4 d3 4m45505,
n4m0r4r 35c0nd1d0,
4 n0173 47r45 d4 c0n57ruc40.
4h, c0m0 m4ur4 3 9057054,
4c4b31 13v4nd0-4 n0 m470,
0uv1nd0 0 c4nt0 d05 p4554r05,
c0m3nd0 m4ur4 n0 ch40.

Importa muito

Enquanto inicio, organizando os caracteres nessa seqüência insidiosa das letras, para que você aperceba-as, permaneces envolta num remoinho, são suas próprias ideias, tua conectividade com as criaturas, outros seres, as tuas coisas, ou são as louças, você insiste em lavá-las. O fato de ser segunda-feira, de inverno, pela manhã, e estar fazendo frio importa – e muito. Não há estrelas no céu. Quem nega a influência dos astros, paga caro os esbarrões. Era você mesma quem me dizia das flores, dos sorrisos dos gatos, que de tão tênues, eram quase nada, que desse pouco, por ser tão pouco, apenas isso, era o suficiente, permitia-lhes a espreita. E quando perguntastes sobre as canções, lembrei-me da mais triste, o coração dobrou-se em aperto, as lágrimas correram-me a face. Onde foi mesmo que você me deixou? Em que ano estamos? Não me lembro de mim, acho que foi outro remoinho desses, atingiu-me em cheio; nossos dias passam rápidos, gira a pedra de fogo, vem a lua, vem São Jorge e o dragão, vem tudo de novo. Hoje somos nós mesmos, naquilo que você fritou, naquela panela com o alho e a cebola picados, depois botou água, sal, levou ao ponto de fervura, serviu à mesa. Revira o meu coração, derrama-o dentro do teu, manda-me um cheiro dessa alegria, louca energia, desse brilho com as mangas de fora. Guarda o meu ser estranho, por gentileza, a desvanecer-se, filigrana qualquer com as letras, ou singela dança, para você acomodá-la, num canto quente, de tuas entranhas.

Ajustando ao seu canal



moviam-se em direções opostas, mas eis que o destino os une, num desses emaranhados enigmas, mitos a serem desvendados, devorados, pouco a pouco, de uma boca pela outra, mastigarem-se noite adentro, só mesmo comendo, engolindo um ao outro, no mesmo instante, uma explosão de mil megatons, para sintonizar a freqüência, desvelar do outro em si, de si no outro

*Circumambulation**

gárgula de ímpetos imanentes
o mais astuto dos segréis calar-se-ia
ante um torvelino de queixas tão obtusas

mas acolhe: afaga-lhes as faces rombudas
abre-lhes as palmas feridas de pedras
para que delas abandonem sorridentes flores

os embates não nutrem pérolas em ostras

é a síntese a erigir-lhes sentido

* In Jung's view, the alchemical attempt to transmute base metals into gold (the philosopher's stone) was actually a psychological process which had been unconsciously projected onto the various material substances used in the process. The alchemists were usually not aware of the projection, according to Jung. They really believed they could turn base metals into gold. The symbols used by the alchemists were really representative of what he termed the process of individuation. Jung stressed that individuation must not be understood as a linear development, but as a "circumambulation of the self", that is, the movement is toward the center, which Jung says is the Self. One of the symbols in alchemy which represents this process is the Ouroboros, the serpent which devours its own tail. This means that the process is circular and self-contained, according to Jung. – Extracted from "Jung and Alchemy" by Mark L. Dotson, Spring 1996.

Divagações filosóficas

O cérebro humano é a unidade propulsora da consciência social.

A sociedade, sob o ponto de vista evolutivo, nada mais é que um encadeamento de ideias com as capacidades de replicação e auto-depuramento.

Habitamos o intervalo entre o bom senso e o senso comum; daí a sensação de constante insatisfação.

Em toda a discussão ou contenda, apesar da dinâmica natural para a convergência das ideias, haverá sempre, ao menos, um aspecto da discórdia.

Em último caso, o bom senso é a melhor solução.

Resta-nos saber: O bom senso de quem?

– das ruminações com o Deputado O. S. Ozz

Música para surdos

0 in74n9ív31 7r45p4554 0
53n5ív31 d05 di45
é 0 qu3 n40 53n7im05
qu3 d0 invi5ív31
50pr4-n05 b0m v3n70
é 50 fic4r 473n70
b3m n0 m3i0 d4 fi14
0 c4n70 d3 um4 f0rmig4
314 c4rr3g4 gr4v370
539u3 0 53u 4550vi0
3nv01v3n73 hin0
rum0 40 c3n7r0 d0 501

Garrafa KS

Quem toma tranquilamente a sua Coca-Cola super-gelada numa garrafa KS para se refrescar, ou simplesmente espairecer quanto às demandas do quotidiano, não sabe da avalanche de significados intrínsecos nesse tipo, ora usual, de embalagem.

Mitsugi Ohno nasceu em 28 de Junho do ano de 1926 em Bato-machi, Tochigi-ken, no Japão. Seus pais cuidavam, à época, de uma fazenda de arroz em Bato-machi e o pequeno Mitsugi foi o terceiro de um total de sete filhos do casal. Ele graduou-se em seu curso elementar em 1939 e, devido a sua natureza rebelde, seus pais enviaram Mitsugi para Tokyo, onde seria aprendiz de seu tio, que havia então adquirido a Companhia Takagi de instrumentos científicos em vidro.

Durante a guerra Mitsugi trabalhou também como soprador de vidro no departamento de pesquisa da Divisão de Suprimentos de Medicinal Naval, reportando ao Tenente-Comandante Yanagida. Seu aprendizado encerrou tragicamente no dia 10 de Março do ano de 1945: a fábrica de vidro foi queimada e seu tio morto, num grande bombardeio sofrido pela cidade de Tokyo na Segunda Grande Guerra. Mitsugi, então com 19 anos de idade, retornou para a fazenda de seus pais, onde permaneceu por dois longos anos.

No ano de 1947 ele retornou para Tokyo para trabalhar como soprador de vidro no Departamento de Química na Universidade de Tokyo, a convite do então Professor Yanagida. Mitsugi fez amizade com os estudantes da graduação que, na época, eram aproximadamente de sua idade. Certo dia, numa reunião com esse grupo de amigos, disseram para ele que seu temperamento seria muito mais adequado para a vida na América. E daí surgiu a ideia de Mitsugi emigrar para os Estados Unidos, juntamente com sua esposa Kimiyo e seus filhos; o que ele acabou por realizar no dia 05 de Fevereiro de 1961, aos 35 anos.

Ele foi acolhido na Universidade Estadual de Kansas pelo Professor Alvin B. Carwell que lhe ofereceu a posição de soprador de vidro, onde Mitsugi teve a oportunidade de desenvolver grande parte das vidrarias usadas por eminentes físicos e químicos que passaram por aquela renomada universidade.

Mas Mitsugi tinha lá suas idiossincrasias. Nas horas vagas ele se ocupava de produzir esculturas de vidro de prédios históricos e navios famosos em escala reduzida. Suas esculturas de vidro eram realmente notáveis, extremamente ricas em detalhes. E Mitsugi tornou-se conhecido na Universidade de Kansas por alardear: "Tudo aquilo que pode ser produzido com o vidro, eu sou capaz de fazer."

Certo dia, o Professor Cardwell lançou-lhe um desafio: construir uma garrafa de Klein legítima em vidro. A garrafa de Klein foi inicialmente descrita no ano de 1822 pelo matemático alemão Felix Klein. Entretanto, sua denominação original era superfície de Klein – do alemão Kleinsche Fläche – que acabou sendo traduzida erroneamente por garrafa de Klein – do alemão Kleinsche Flasche –; sendo que essa última denominação acabou sendo largamente adotada e prevalente, mesmo na língua Alemã.

Na matemática, a garrafa de Klein é uma superfície não-orientável ou, informalmente, uma superfície na qual as noções de esquerda e direita, ou acima e abaixo, não podem ser consistentemente definidas. Outros objetos não-orientáveis incluem a tira de Möbius e o plano real projetivo. Enquanto a tira de Möbius consiste numa superfície com fronteiras, a garrafa de Klein, por sua vez, é caracterizada como uma superfície sem fronteiras.

A garrafa de Klein pode ser construída (no sentido matemático, porque esta não pode ser concebida fisicamente sem permitirmos que a superfície apresente uma intersecção com ela mesma) pela junção de ambos os lados de duas tiras de Möbius, como descrito pelo seguinte texto poético, cujo autor é desconhecido:

"Um matemático de nome Klein
acreditava que a tira de Möbius era divina.
Ele disse: 'Se você colar
os lados de duas delas,
obterá estranho vaso como o meu'"

Após vários dias tentando, sem sucesso, conceber a garrafa de Klein com uma única abertura, Mitsugi declarou que o objeto seria impossível de fabricar em vidro. Mas eis que, algum tempo depois, a solução do problema foi revelada a ele num sonho; e Mitsugi correu para o laboratório para soprar o vidro e, finalmente, fabricá-la. Essa foi a mais complexa obra de Mitsugi ao longo de sua longeva carreira como soprador de vidro; e a superação do desafio foi motivo de grande orgulho para ele e para todos aqueles que tiveram o prazer de conviver com tão excêntrica figura.

Sua primeira versão bem sucedida da garrafa de Klein em vidro encontra-se em exposição permanente na Galeria Mitsugi Ohno da Universidade Estadual de Kansas (KS). Mitsugi faleceu pacificamente no dia 22 de Outubro do ano de 1999, enquanto dormia. E então, quando você for tomar tranquilamente a sua Coca-Cola super-gelada numa garrafa KS, lembre-se disso!

Chercher

Se algo parece certo é porque,
certamente,
está errado.
Boris Karloff e Bela Lugosi,
(Frankenstein e Drácula),
esses outros tantos corpos.
Por que tamanha obsessão
em manter eterna a farsa?
Dois tipos de nós mesmos,
para a própria salvaguarda dos desígnios:
reflete-se interna,
a verdade não vaza.

O encantamento em Olalla

Foi mais exatamente a parábola da vida de toda uma família que li naquela sucessão de faces e de corpos tão atraentes. Eu até então não tinha me apercebido do milagre da continuidade de uma raça; da criação e do renascimento; o desdobrar, o modificar e o despojar dos elementos carnais. Que uma criança nasce de sua mãe, que ela cresce, desenvolve-se por si mesma (não sei como) em humanidade, mas bebe da fisionomia herdada, e move sua cabeça à maneira de seus ascendentes.

Adentrei o amplo e requintado salão, e rumei escadaria acima. Tinha a sensação de que, apesar do profundo silêncio, alguém me seguia. Meu pé já deixava o degrau mais alto quando, subitamente, uma porta se abriu, e me encontrei face a face com Olalla. A surpresa deixou-me atônito, sua beleza assaltou meu coração; ela surgia das sombras de seu quarto, um brilho de luz; seus olhos se abraçaram aos meus e lá permaneceram, uniram-se fortes como num aperto de mãos; e os momentos em que ficamos a nos entreolhar, bebendo um do outro, foram sagrados como o casamento de almas. Eu não sei quanto tempo se passou até que eu despertasse daquele transe e, movendo-me com dificuldade, avançasse pelo corredor, passando defronte a porta de seu quarto. Ela não se mexeu, seus olhos vivos e penetrantes me acompanharam e, finalmente, quando deixei o seu alcance, senti como se ela própria desvanecesse, quarto adentro.

De súbito, percebi Olalla se aproximando. Ela surgiu por detrás de alguns arbustos, ao fundo do magnífico jardim, vinha em minha direção, e eu permaneci de pé, a esperá-la. Ela parecia, em seu caminhar, uma criatura com tanta vida, esplendor e leveza que me deixou encantado. Sua energia repousava na economia dos movimentos; por uma força inimitável, eu a percebia como se estivesse avançando em velocidade, como se ela quisesse correr em minha direção.

Então, por um momento, ela pareceu ter abandonado a sua firme resolução; tomou minha mão junto da sua, e movendo seu corpo levemente à frente, pousou-a sobre o seu coração. 'Aqui', ela disse, 'você sente realmente pulsar minha vida. Ela se move por você, minha vida é sua. Mas ela é minha também? Ela é minha, certamente, para que eu a ofereça a você; e eu posso tirar essa medalha de meu pescoço, assim como eu posso extrair a muda viva de uma árvore e dá-la a você. E, apesar disso, não é minha! Eu vivo, ou penso que eu vivo (se é que existo de fato), numa outra instância; uma prisioneira impotente; eu sou levada, e sou arrastada, por algo maior, que eu mesma desconheço'.

'Sou eu quem você ama, amigo? Ou a raça que me produziu? A garota que você não conhece, e que não pode responder pela ínfima parte dela mesma? Ou o fluxo da qual ela não passa de um transitório remoinho, a árvore da qual ela é senão um fruto passageiro? A raça existe; ela é antiga e é sempre renovada; carrega em seu peito eterno o destino; e através dele, como as ondas sobre o mar, indivíduo sucede indivíduo, revestidos de aparente autocontrole, mas eles não são nada'.

'Lembre-se de mim de vez em quando como alguém a quem as lições da vida foram ensinadas de forma demasiadamente severa, mas que soube suportá-las com coragem; como alguém que o mandou embora e ainda assim gostaria de tê-lo mantido para sempre ao seu lado; alguém que não tem esperança senão a de esquecê-lo, e não tem medo maior àquele de ser esquecida'.

A fábula gótica "Olalla" foi publicada originalmente na edição de Natal da "The Court and Society Review" no ano de 1885. O texto, em primeira pessoa, é narrado pela personagem anônima do soldado ferido que viaja para o interior da Espanha e hospeda-se num casarão, por recomendação de um padre, para a sua recuperação; uma fantástica e tocante história do amor místico desse jovem militar pela

misteriosa Olalla, uma adolescente de beleza estonteante, cuja família guarda um terrível segredo.

Robert Louis Stevenson, o autor de "Olalla", faleceu prematuramente aos quarenta e quatro anos de idade, ao terceiro dia de dezembro de 1894, vítima de tuberculose, em Apia, nas Ilhas Samoa onde, apaixonado pela paisagem paradisíaca, estabeleceu residência. Stevenson, escritor de romances, roteiros de viagens e poeta, casou-se com Fanny Van de Grift Osbourne (1840-1914) em maio de 1880, e viveu com ela até o fim de seus dias. Ele nasceu ao décimo terceiro dia de novembro de 1850 em Edimburgo, na Escócia, filho de tradicional família de engenheiros civis, mas não seguiu a profissão.

Os trechos de "Olalla", selecionados e apresentados acima em tradução livre, denotam a excelência da habilidade narrativa de Stevenson, além de profunda humanidade e sensibilidade, características marcantes em sua obra.

Muita vez os acontecimentos não nos parecem justos. Mas não é justo pensarmos isso. Afinal, a justiça não habita a superfície; e sendo grave a sua natureza, há de residir na essência que move o universo dos eventos.

Sobre a importância de Plutão e Caronte

Diogo passava os seus dias cuidando de imenso jardim na grande mansão. Em troca daquele seu trabalho simples, natural, daquele seu cuidado às frágeis criaturas do reino vegetal, é que ele garantia sustento. A contrapartida de suas mãos calejadas: o quarto singelo para repousar o seu ser à noite, ante a gravidade da terra e o etéreo das estrelas flutuantes, acima de sua cabeça; um bom prato de comida que Luiza preparava; e água a vontade, para beber, lavar o corpo e dar de beber a sua verde companhia.

Daquela sua simplicidade singular irradiava o sorriso ingênuo, e um brilho por vezes inconcebível, que habita apenas os retardados e os mentecaptos. Diogo não entendia das coisas do homem, cada cuidadoso golpe de sua enxada separava, paulatinamente, as ervas daninhas das mais variadas espécies de plantas, e resultava em gotas de suor que lhe corriam a face. O mesmo sol que possibilitava a fotossíntese castigava a sua cara.

Os elegantes moradores da mansão avançavam orgulhosos com os seus visitantes através de caminhos cuidadosamente traçados, entre magníficas folhagens, as belas flores e sublimes perfumes, mas mesmo estando ali, em meio às plantas, Diogo passava-lhes desapercebido. E assim Diogo, abandonado na crosta terrestre, crescia para dentro, deslocado da escória do ser humano.

Certa noite de primavera, logo após o crepúsculo, Diogo deu-se conta de um corpo sutil e brilhante que recém avistara no céu. Então ele, como uma criança, correu e chamou Luiza para compartilhar da descoberta. 'Onde está, Diogo?' Ele apontava com o dedo indicador de sua mão esquerda, ao mesmo tempo em que fechava o seu olho direito, num espetáculo de lhe tirar o crédito, 'está lá, viste?' 'Pois eu não vejo é nada, hôme.' 'É pequenino como um grão de areia.' 'Deixe

de besteira que eu vou me recolher', disse Luiza, já imaginando que Diogo estivesse com segundas intenções.

As noites e os dias se desdobravam numa sucessão da mesma rotina, como que para imprimir-lhes o duro signo da realidade, de uma vida tranquila e sem sobressaltos para os patrões, do quotidiano sofrido dos empregados. Foi durante esse período que Diogo acompanhou a aquiescência do firmamento ao surgimento de nova esfera celeste: esta assomava em volume e brilho a cada anoitecer.

Todas as noites, um Diogo assombrado clamava por Luiza para compartilhar dessa sua descoberta. Ela olhava, buscava, mas nada via. Ela procurava também perscrutar um eventual desígnio secundário advindo daqueles miolos matutos de Diogo, mas este esforço também, lhe era vão. Foi exatamente naquela noite quando Luiza finalmente decidiu permitir-se e ceder à aproximação do seu corpo ao corpo de Diogo que, para seu espanto, ela vislumbrou pela primeira vez a pedra celeste que se avolumava e avançava perigosamente em rota de colisão com o planeta Terra.

Não tardou muito: os observatórios ao redor do planeta só tinham olhos para o asteróide; os cientistas, alarmados, debatiam sobre as implicações e a possível origem de misterioso objeto que viajava em velocidade assombrosa, cruzava o espaço, e seguia em direção a nossa Terra. Os jornais sanguinolentos, os noticiários sensacionalistas da tv, as páginas fúteis da internet, o assunto monopolizava atenções, causando verdadeiro alvoroço, especialmente entre os mais abastados, os mais cultos e os eminentes, que temiam a ideia de serem esmagados como se fossem formigas.

Luiza observou um estranho paradoxo no transcorrer daqueles dias. Diogo permanecia absorto pelas demandas com as plantas do imenso jardim na grande mansão. O seu cuidado com as verdes criaturas era inabalável. À noite ele passava a admirar o asteróide, como fizera desde a sua primeira observação da pedra celeste. Um estranho brilho reluzia de seus olhos, algo nas entranhas daquela cabeça matuta e surrada pelo Sol

parecia começar a ferver a quentura das ideias. Diogo não precisava ir chamar por Luiza para observarem juntos ao asteróide, ela vinha por vontade própria encontrá-lo, beber daquela sua gradual e crescente sapiência.

Certa noite Diogo lhe falou da alquimia, que era para ele a supremacia do espírito sobre a mente, transcendendo a matéria. Ele explicou sobre o conceito do grande regenerador, sobre a necessária transformação pela destruição, queima e consubstanciação de velhos aspectos imanentes para o surgimento de padrões organizacionais mais elevados. Luiza ouvia a essa fala admirada, ao mesmo tempo em que pouco ou quase nada compreendia.

Outra noite parecia a Luiza que os olhos de Diogo tinham luz própria enquanto ele dissertava longamente sobre a mitologia romana e o deus do mundo inferior. Vez por outra mudava o enfoque, mesmo o seu jeito de narrar, abordava a questão sob a luz de diferente disciplina. Agora o tema era a astronomia. Diogo falava sobre um senhor de nome Percival Lowell e o projeto de busca do nono planeta, denominado 'Planeta X', ao alvorecer do século XX.

Com a aproximação gradual, verdadeira invasão do céu pela misteriosa esfera celeste, que agora competia em área e brilho com a nossa Lua cheia (embora apresentasse tonalidade ligeiramente mais escura e avermelhada), Luiza percebia que os donos da mansão e os seus visitantes estavam às raias da loucura; de tão transtornados pelo medo. Por outro lado, Diogo em sua simplicidade e pureza, parecia exultante com a boa nova.

Foi quando a área do asteróide no céu parecia uma ordem de grandeza superior àquela da Lua cheia (i.e., pelo menos dez vezes maior), e a Terra dava sinais claros de exaustão (através da intensa ocorrência de tsunamis, terremotos e a erupção de vulcões); que a comunidade científica admitiu finalmente, em um comunicado oficial à imprensa internacional, que o choque da pedra celeste com o nosso planeta seria inevitável, decretando o fim inexorável da humanidade.

Luiza, que assistiu à grave declaração em transmissão simultânea através de seu ultrapassado televisor de tubo, estava inconsolável e foi ter com Diogo. 'Você já ouviu falar de Plutão? Esse, que já foi considerado o nono planeta do sistema solar, foi rebaixado no início do século XXI ao grau de planeta anão. Plutão e Caronte, o seu maior satélite natural, caracterizam em verdade um sistema binário, porque o baricentro (ou centro de massa) das suas órbitas está fora do volume definido por cada uma dessas esferas celestes', disse Diogo com sua tranquilidade habitual.

Fato é que o asteróide continuou a crescer assustadoramente no céu e, quando o choque e o fim pareciam inevitáveis, o seu movimento subitamente cessou, ao estabelecer com a Terra a configuração de um novo sistema planetário binário no sistema solar.

Diogo despertou ao meio da noite, num sobressalto. Sua pele eriçada como se lhe soprassem graves os ventos do espírito. O coração batia forte e descompassado, a ponto de lhe saltar pela boca. Dada a sua natureza cabocla, matuta, ignara muito pouco ou quase nada ele apreendeu conscientemente de inusitada experiência. Mas, de alguma forma, esse conhecimento foi incutido às instâncias mais profundas de seu ser. Como a semente que cai na terra, algo em seu íntimo foi posto em movimento.

Diogo passava os seus dias cuidando de imenso jardim na grande mansão. Daquela sua simplicidade singular irradiava o sorriso ingênuo, e um brilho por vezes inconcebível, que habita apenas os retardados e os mentecaptos. E assim Diogo, abandonado na crosta terrestre, crescia para dentro, deslocado da escória do ser humano.

Crescer para dentro

qu4nd0 3u cr35c3r
c0m 4m0r, 1u2, 4139ri4...
qu3r0 d3ix4r r39i57r4d4 4 5inc3r4 93n7i1324

qu3r0 c0n7inu4r 4pr3nd3nd0 4 c4d4 di4
qu4nd0 3u cr35c3r
qu3r0 53r um p0374

Versos extraídos e adaptados do texto "Quando eu crescer... quero ser um poeta..." de Dhiogo José Caetano.

A química dos sentidos

náufrago em páginas alheias
uma escrita que não respeita as margens
coaduna minha saliva aos teus grandes lábios
desses efêmeros instantes
somos cúmplices
para sempre grafada a tatuagem n'alma
verbetes impronunciáveis
versos que não se abandonam
porque apesar de simples
são únicos, sinceros

saiba:
de minha cartola não saltam coelhos
as verdades doem o ínfimo espaço entre unha e carne

ao se desprenderem

Quarenta motivos para te amar

O dia amanheceu frio e chuvoso, apesar de plena a primavera. Tomei o meu carro, segui pela estrada sinuosa, através da paisagem bucólica, o verde vivo a eclipsar a cor cinza do céu, cercavam-me os montes aqui e acolá, com a estrada a desvencilhar-se deles, em vã tentativa.

Um caminhão lento a minha frente carregava folhas secas como se estas fossem barras de ouro, leves como penas, a circunscreverem fluidos remoinhos no ar, espalhavam a bondade dessa riqueza aos mais pobres – provavelmente ele chegaria vazio ao seu destino. Imaginava que não houvesse nada tão triste quanto à faixa dupla, contínua, amarela: não ultrapasse!

Foi quando me apercebi de uma árvore a captar, inerte, a lúgubre paisagem. Encerrada ao silêncio de seu tronco, acenando lenços vivos de folhas verdes, intensas, sabe-se lá por que, através dos seus múltiplos ramos, quantos são os braços de Vishnu. E aquilo me deu um aperto no peito, que é como deve se sentir o velho poeta, sem inspiração já há quase um mês.

Quando isso acontece, é comum achar que o mundo se parece mesmo com o branco e o preto dos jornais, numa sucessão das mesmas coisas, que as pessoas não vão mudar, que a poesia não tem sentido, que ninguém quer saber da luz dos vagalumes, ou do rastro de uma estrela cadente. Acredito: estão todos enganados. Posso provar isso enquanto sopro o dente-de-leão. Mas a minha certeza é efêmera, num segundo, ela desvanece.

Então me dei conta de que hoje é segunda-feira, que estou indo para o trabalho. Só pode ser isso, como naquela seqüência de caricaturas de um carinha com os dias da semana anotados embaixo; porque entendi que ela vai melhorando, à medida que os dias passam. E eu não posso ficar parado.

Há tanta coisa por fazer, para te dizer, dessas coisas urgentes, como uma nuvem, samba num boteco em dia de chuva ou quanto aos poderes afrodisíacos dos bigodes de um gato. Hoje percebi que precisarei ficar até mais tarde, que precisarei fazer serão do fim de semana. Dou um cavalo de pau na pista, a poeira sobe, os motoristas se assustam, metem a mão na buzina. Acho que quase os despertei.

Agora me lembro da noite de ontem: enquanto eu e você estávamos acordados, todos os outros dormiam.

estrada sinuosa
o coração
aquele verde insuportável
a cor amarela
a cor vermelha
montes aqui e acolá
barras de ouro leves como penas
remoinhos no ar
diamantes comestíveis
a bondade
pernas longas de um grilo
a riqueza
as guelras de um peixe
a inspiração
cartas de baralho
o destino
lenços vivos
folhas imensas
bolinhas de sabão
um poema sem sentido
vagalumes indicando o caminho
tronco de uma árvore
o longo rastro da estrela cadente
nuvem
uma certeza efêmera

dente-de-leão
os bigodes de um gato
a eterna dúvida
samba num boteco em dia de chuva
esticar o fim de semana
cavalo de pau na pista
muita poeira
e mão na buzina
o mar
o sol
uma paisagem bucólica
rede de descansar
um barco distante
vaga lembrança
o movimento dos braços de Vishnu

Recado aos navegantes

– *mensagem deixada numa garrafa*

se teus olhos buscam apreender o leito
mas não possuem garras de estancar
e segue o corpo ao sabor dos remoinhos
ocupa-te de sobrenadar o éter
viver prescinde de todo o resto

A (in)certeza do naufrágio

o Pequeno submarino
a exPlorar águas gélidas,
Profundas

Por quê?

o tênue brilho de seu sonar
não consegue alumiar a Proa
mira o fundo sem o saber

sos dePressão

Papoula

– um retrato da degradação humana

O menino Jorge nasceu em berço abençoado de classe média alta (que é como se autodenominam os ricos quando querem passar desapercebidos), seus pais faziam as suas vontades e ele sempre teve a oportunidade de estudar num dos melhores colégios da cidade em que moravam. Era extrovertido e cobiçado pelas adolescentes da escola.

Jorge gostava especialmente de participar das reuniões de formatura, dava muitas ideias, e como era relativamente inteligente, chamava a atenção pela sua desenvoltura e presença de espírito. Jorge lia muito, especialmente economia e política, era atento ao que acontecia em sua comunidade, em sua cidade, em seu país.

Helena era sua colega de turma, estudaram juntos desde tenra idade. Helena era um pouco mais reservada, chamava a atenção pela sua beleza natural, longos cabelos louros, seus olhos azuis vibrantes e pelos seus doces modos; muito carinhosa com todos.

Como era natural, Helena sentia-se atraída pelos meninos da turma acima, eles eram mais desenvolvidos, já tinham pêlos no peito e se davam melhor no futsal. Mas era uma admiração reservada, porque Helena era um tanto romântica e sua mãe lhe dizia para ter cuidado com os assuntos do coração, nem todos os meninos são tão bonzinhos de perto como parecem ao longe – e ela sabia ouvir.

Helena e Jorge tornaram-se bons amigos. Jorge contava à Helena sobre as suas paqueras, ela ajudava-o dando dicas de como flertar com as meninas, vez por outra até fazia o papel de cupido, ajeitando os encontros ou apresentando-o a alguma colega. Helena e Jorge comemoraram muito quando

Fernando finalmente se apercebeu dos encantos da menina e os dois começaram a namorar.

Quando formaram um grupo de teatro na escola, foi Helena quem convidou Jorge para tomar parte. Fizeram apresentações hilárias, divertidas, às vezes sarcásticas; enfim, foram tempos de sincera amizade e companheirismo. No último ano da escola Helena decidiu-se por prestar vestibular para arquitetura enquanto Jorge encantou-se com a ideia de estudar ciências sociais. Discutiam animadamente a respeito.

Àquela época, Helena seguia o seu namoro com Fernando; e Jorge tinha vários rolinhos, era como a letra da canção: de tanto brincar de médico, se tornara professor. Foi Jorge quem fez o discurso na noite de formatura e Helena quem recebeu a distinção pelas melhores notas da classe.

Cada um seguiu o seu caminho, mudaram de cidade para cursar a faculdade; com o passar do tempo, se falavam cada vez menos. Certa noite, Helena ligou em prantos para Jorge, contou o que Fernando havia feito e aquele ombro amigo soube ouvi-la e confortá-la. Mas como tudo na vida acaba, os laços de longa amizade foram se esfacelando, até perderem definitivamente o contato.

Foi num fim de semana prolongado pelo feriado, na mesma cidade dos tempos de adolescência, uns três ou quatro anos depois, que ambos se reencontraram na Elektro Dance. Helena sentiu-se atraída por aquele corpo másculo, pujante, que fervia ao ritmo frenético da música, whiskey e energético. Quando chegou perto, tomou um susto ao perceber que se tratava de Jorge. A atração foi instantânea, e recíproca: não descolaram mais a noite toda. Helena pensava em como era doce o toque daquele menino enquanto se beijavam. Como é que não havia se dado conta disso? Quanto tempo desperdiçado!

Decidiram terminar a deliciosa noite num motel. Jorge não foi nada atencioso às preliminares: tirou a calcinha de Helena, botou-a de quatro, cuspiu em suas mãos, esparramou a saliva pastosa de bebida em seu pau duro e latejante,

cravou-o todo dentro do cu de Helena de uma estocada só. Ela urrava de dor. Helena pedia: 'pare Jorge, pare!' mas ele parecia ensandecido. Segurava-a com força. Helena estava aos prantos e tinha uma péssima sensação quando aqueles ovos peludos se chocavam fortes contra a sua boceta, em movimentos rudes, descompassados. Não havia se sentido tão humilhada assim em toda a sua vida. E quando terminou com aquilo, Jorge não disse uma palavra sequer. Cada um botou suas próprias roupas, pegou o seu carro e foi embora para casa – nunca mais se falaram.

Na faculdade de ciências sociais, Jorge envolveu-se em negócios escusos com tal de Jacinto, que lhe soprava ideias estranhas dentre outras fumaças a sua cabeça. Nada ou muito pouco restou dessa fase obscura da vida dele. É certo que o sujeito era chegado às garrafas, mas tudo veio do pó e ao pó retornou: as dunas, as estrelas, as nuvens; não é tudo constituído da mesma essência etérea das flores? Daquela mesma da papoula?

Ao final da faculdade Jorge mudou de time. Não, você não entendeu errado: ele virou viado; dessas bichas que falam fino, que exigem os seus direitos, dadas às afetações e jactâncias. Obcecado por forjar-se uma celebridade. Afinal, foi essa a leitura que Jorge fez dos valores que lia nos jornais: competição, ser melhor que o outro, aparecer mais, diferenciar-se a qualquer custo, pavão esvoaçante. "Tudo vale a pena se a alma não é pequena". Distorção de valores, um ser politicamente correto, sua palavra de ordem é 'bullying', outras frases de efeito fora do contexto. Quando, em verdade, a pequena esfera celeste, já comportando sete bilhões de cabeças animais, daquelas da pior espécie, vem aceitando, de bom grado, muito mais do que deveria.

Mas não percamos o foco, voltemos nossa atenção aos desdobramentos desse novelo que representa a vida pictórica desta personagem, que bem poderia ser eu (ou, quiçá, poderia ser você). Por melindres do destino, a essa altura, Jorge já não era assim tão popular e, nem sempre, bem quisto; e

não foi ele o orador da turma na formatura da faculdade de ciências sociais.

Jorge era tenaz e não desistiria assim tão facilmente – todos bem o sabemos. Encerrado em seu mundo interior e tramando se tornar um verdadeiro 'big brother', ele maquinou com seus botões a melhor forma de valer-se de suas habilidades de comunicação. Entrou num portal de literatura e começou a postar desenfreadamente os seus textos e vídeos que varriam olhares diferenciados sobre todo o espectro do conhecimento humano: desde as artes marciais, passando pela poesia, a música, o cinema, a política, a economia, o humor, a religião, ciências naturais e tendências culinárias.

O cara não era fraco não! Para maximizar o seu efeito midiático, passou a lançar mão de heterônimos virtuais, cada um deles com personalidade distinta, estilo diferenciado e outras especificidades de interação. Jorge passou a comentar e a 'curtir' as suas próprias postagens, valendo-se duma miríade de heterônimos virtuais. Estes assumiam os prenomes de homens ou mulheres, dependendo do caso, com os seus respectivos 'avatares' e perfis: Jorge (o próprio), Roberto, Vânia, Alex, Lílian, Hugo, Socorro, André, Alícia, Diogo, Jorge (o xará), Sandra, Milton e a lista segue por aí afora...

Estava feliz e realizado; Jorge passava os seus dias e noites muito ocupado; cuidando de 'postar', 'curtir' e comentar a sua própria e extensa produção; mas era, enfim, um ser humano realizado (a bem da verdade, vários deles). E, isso sim, era o sucesso! Até que, certo dia, sofreu um surto psicótico. Jorge já não dava conta de alimentar a fornalha de seu Ego. Percebeu que, apesar de estar por trás de tudo o que rolava de 'bacana' nas redes sociais, só era conhecido de si mesmo. Aquela súbita percepção foi demais para ele; espécie de implosão ou 'zip' de sua personalidade multifacetada.

Jorge foi internado num manicômio e lá permaneceu por oito meses. Um dia vestia-se de Jorge (o próprio), outro dia de Alícia, a noite era Milton e a lista segue por aí afora... Uns dizem que morreu de desgosto (outros de tanto dar a

bunda) e foi enterrado num grande jazigo, do tamanho enorme de seu Ego.

Há quem pense que a história termina aí, mas se engana: Oito meses se passaram quando do solo fértil de seus despojos (de seus dejetos) germinou uma pequena planta da família das Papaveraceae. Foi preciso, então, que outros oito meses transcorressem. Desabrochou, enfim, pequena e bela flor vermelha próxima à lápide de Jorge. E apenas naquele dia tive a curiosidade de ler as palavras grafadas ao frio da pedra:

A Merda Abunda
E Não É de Hoje.

Regar as plantas

4 c0nv3r54 c0m 0 v31h0

Que morram as plantas, foi o que ele disse. Essa frase até poderia soar natural vindo da boca de outro; mas ele, aos noventa e sete anos de idade, ocupara-se da incumbência de cultivá-las desde o dia em que sua amada deixou de acompanhar-nos na viagem à crosta dessa estranha pedra celeste, no ano de um mil novecentos e noventa e oito. Assim, as verdes folhagens que habitam a varanda da casa dele tornar-se-ão, aos poucos e gradualmente, tênues, amareladas, sem viço pela falta de água e dos demais cuidados despendidos a terra. Enfim, morrerão como todas as outras plantas que inexistem nas casas de outros velhos.

Antes dessa revelação desconcertante, conversávamos tranquilamente. Ele contava, por detrás de um sorriso enigmático, que passava alguns dias na casa de um de seus filhos, que quando esse primeiro se enfadava de sua presença, botava-o num ônibus interurbano e mandava-o para outra cidade, onde outro de seus filhos ansiava por recebê-lo. Mas em breve, passados alguns dias, quebrava-se o encanto, num passe de mágica o seu segundo filho se sentia importunado, botava-o num transporte interurbano e mandava-o para uma terceira cidade. Essa sim, era sua morada, e as verdes folhagens aguardavam-no sedentas, saudosas, complacentes de sua companhia.

De um sorriso imperceptível, que vazava mínimo de um dos cantos de sua boca, ele dizia que essa era sua rotina, a história de sua vida. E devido a esses e outros detalhes menores, não era possível inferir sobre a veracidade ou não daquilo que ele contava sendo, nessa última hipótese, reminiscência da mais fina ironia.

um d3v4n3i0 0níric0

Enquanto isso, noutra cidade, à varanda de uma casa singela, era puro o devaneio. Naquela tarde escaldante de verão, samambaias desciam, com os peitos de fora, a Marquês de Sapucaí. Cactos, com a barba por fazer, fumavam charutos, usavam óculos de Sol e fingiam ler o jornal para observarem, atentos, as curvas de uma bromélia a desfilar, em minúsculo biquíni, pela praia. Orquídeas faziam compras num shopping.

A papoula, o peiote e outras plantas psicotrópicas bebiam e fumavam demasiadamente. Suspeitava-se que cola bebia café e cheirava coca à calada da noite, quando as vincas e as trombeteiras faziam serão na ala de oncologia de um hospital do SUS. Requisitaram o guaraná, com seus olhos esbugalhados, para averiguar, mas faltaram-lhe as provas. E por isso é que, todo o dia primeiro do ano, o maracujá deixa um ramalhete de flores para Iemanjá.

As gramíneas querem o poder, não baixam os olhos dos indicadores da bolsa, passam a vida em busca de acumular riquezas, sem nunca terem mirado o próprio umbigo. Plantas carnívoras comem frango e arrotam peru, roncam enquanto dormem largadas nas redes. Malditas plantas egoístas. Mas nem em sonho superam a espada-de-são-jorge no tocante àquela sua loucura desmedida de fatiar a Lua, como se esta fosse queijo. Sorte grande é a das trepadeiras, gozam plenas das delícias desse mundo.

05 7r35 5i13nci05

Um silêncio paira no ar. As plantas são melhores que os seres humanos; deixo escapar alto, de minha boca, num pensamento. O segundo silêncio perpassa o ambiente. Sinto um calafrio percorrer a minha espinha. Arrependo-me do comentário até o último fio de cabelo. Não, não são; diz o velho, enfim. Mas é tarde e o processo, irreversível: o terceiro silêncio soa infinito.

Dias depois o velho toma novamente o ônibus interurbano. Ao chegar a casa, ele rega as plantas de sua varanda. Verdes folhagens.

A vida habita inextricável o verde da matéria.

Oculto sob o chapéu

uma parte do céu guia a cabeça do matuto
a cabeça do m47u70 dirige um pedaço do céu

tão simples quanto automático
pode até passar d354p3rc3b1d0
como a sublimação

a cr147ur4 deve atentar às minúcias:

os raios de Sol são cachoeiras
a revolverem minhocas duma mente caipira
e dessa mesma cabeça agreste
depreendem-se vapores à fervura das 1d3145
vão elevar aos céus os causos da Terra

antes de descaminhos são trocas inconscientes
remoinhos de ideias
síntese do movimento na n47ur324

Química, vida e alquimia

"Et sic Philosophus non est Magister lapidis, sed potius minister."
Hermes Trismegistus *

Deixe suas roupas
Esqueça o que você já sabe
Seu medo
Jogue-o para o alto
Seus pensamentos devem ser colocados no bolso da calça
A calça no cesto
Para lavar
Erradicar os maus pensamentos
Ponha um chapéu a sua frente
Sapato à esquerda
Você no meio
Agora tome em uma das mãos o coração
E o que restou
No meio ainda há você
E ao seu lado
Tudo pode ser você
Sapato à esquerda
Seu medo
Jogue-o para o alto

"De todos os campos da química, o estudo dos ácidos nucleicos é, talvez, o mais emocionante, uma vez que estes compostos são a substância da hereditariedade. Examinemos muito sumariamente a estrutura dos ácidos nucleicos para ver depois, na secção seguinte, que relação ela deve ter com o papel literalmente vital que desempenha na hereditariedade."

"Embora, quimicamente, sejam bastante diferentes das proteínas, os ácidos nucleicos assemelham-se-lhes num ponto fundamental: existe uma longa cadeia – uma espinha dorsal – que é a mesma em todas as moléculas do ácido nucleico; ligados a esta espinha existem vários grupos, cuja natureza e ordem de seqüência caracterizam cada um dos ácidos nucleicos."

"Enquanto a espinha dorsal da molécula da proteína é uma cadeia poliamídica (uma cadeia polipeptídica); a espinha dorsal da molécula do ácido nucleico é uma cadeia de poliéster (denominada cadeia polinucleotídica). O éster é derivado do ácido fosfórico (a parte ácida) e de um açúcar (a parte alcoólica)."

O éster é ao mesmo tempo maior e menor que tua mente,
se consideras, simultaneamente,
o tamanho dela
e do que ela
pensa.
E se pensares no éster desprezível,
tanto menor será o pensamento.
E aí te enganas.
O éster será tão pequeno
que terás pena
E visto do lugar dele,
tua mente nunca se acaba.

"Trabalhando com modelos moleculares, Watson e Crick montaram uma estrutura em que todas as unidades estruturais se encaixavam umas nas outras sem estorvo, e primordialmente importante, permitindo a maior estabilização possível por meio de ligações de hidrogênio, mas ligações de hidrogênio da espécie que Pauling tinha mostrado serem as mais fortes, aquelas que permitiam uma disposição linear de N–H–N ou de N–H–O. Em Abril de 1953, Watson e Crick

publicaram a estrutura a que tinham chegado, a agora famosa hélice dupla, e em 1962, foi-lhes conferido um prêmio Nobel."

"O DNA está constituído por duas cadeias polinucleotídicas enroladas à volta uma da outra, formando uma hélice dupla, de 2nm de diâmetro. Tanto uma hélice como a outra são dextrorsas e tem cada uma dez resíduos nucleotídicos por espira, sendo o passo correspondente de 3,4nm ao longo do eixo. As duas cadeias correm em sentidos opostos; quer dizer, as unidades de desoxiribose estão orientadas em sentidos opostos."

Das curvas verdes e velhas,
penso sempre nas redes atadas a abismos.
Todo o resto é supérfluo.
Tenha uma mão
e a outra te dando adeus
e você terá qualquer outra coisa que quiser.

"Até o momento tratamos apenas da estrutura secundária dos ácidos nucleicos. No nível terciário e superiores considera-se o modo como eles se ligam a proteínas, e como estas nucleoproteínas se enovelam e dobram, constituindo o cromossoma – como, por exemplo, quatro metros de DNA se podem acomodar numa única célula com uma espessura de 0,2mm apenas."

As curvas que existem numa reta serão sempre retas se não nos livrarmos dos antigos preconceitos. E se é monótono o que une o começo e o fim, não se justifica o meio. As cabeças olham torto o que vêem e por isso pensam torto. Eles já sabem o que dirão e o que verão no inverno. As cabeças olham retas curvas e vêem retas retas. Não existe prova maior.

"Todavia no centro de tudo isto está uma hélice dupla, não só obedecendo aos postulados estruturais enunciados por Watson e Crick, como fazendo-o ainda com uma simplicidade

e beleza imprevisíveis, a qual é responsável pela capacidade do DNA para desempenhar o seu duplo papel: repositório da informação hereditária e diretor da síntese das proteínas."

O dia ou a hora que for
seja hoje e já
neste momento.
E que a partir de agora
e intermitentemente
o futuro seja presente
e o presente passado
do que é agora.
Que o que ontem foi vá.
E amanhã,
o que hoje é,
seja ontem também.

"Como é que a estrutura da parte constituída por ácidos nucleicos desempenha, porém, a sua função de hereditariedade? Os ácidos nucleicos controlam a hereditariedade no nível molecular. A hélice dupla do DNA é o repositório da informação sobre a hereditariedade do organismo. A informação é armazenada na forma da seqüência das bases ao longo da cadeia polinucleotídica; é uma mensagem escrita numa linguagem que só tem quatro letras."

49u4, f090, 73rr4, 4r
51n7353 d4 v1d4

"Em primeiro lugar, o assunto da auto-duplicação. A ordem por que se dispõem as bases numa cadeia governa a ordem por que elas se dispõem na outra cadeia. Segundo as próprias palavras de Crick: as duas cadeias assentam uma na outra como a luva sobre a mão. Quando se separam, sobre a mão forma-se nova luva e, debaixo da luva, nova mão."

O artigo primeiro garante a estabilidade do pensamento. E sendo ele leve, é possível que seja bom e útil aos outros. É interessante que este tipo de ideia tenha como premissa a iniciativa atuante no exato sentido da necessidade das pessoas e indo de encontro aos objetivos comuns do inconsciente coletivo. Só assim é possível ter-se certeza de tudo aquilo que está sendo proposto. Qualquer outra vertente ou deslize pode ser tarde demais. E o inferno está cheio de boas intenções.

Referências aos excertos (entre aspas):
Morrison, R. T., Boyd, R. N., "Organic Chemistry", 4th edition, Allyn and Bacon, Inc., Boston, 1983.

* *"And thus the philosopher is not the master of the Stone but rather its minister."*
Hermes Trismegistus

Um sonho e sua análise

(I) Prólogo:

Ao longo de toda uma semana estive envolvido numa discussão com sujeitos de indiscutível capacidade intelectual e cultural, além de poderosa capacidade de persuasão – o que não implica, necessariamente, em elevação moral e de padrões éticos. Esses debates deram-se num sítio de literatura.

Confesso que a discussão revolveu o meu conteúdo emocional de tal forma que cheguei mesmo a ponto de determinadas atitudes que fugiram ao controle consciente, tendo por vezes reagido instintivamente, como um animal ao se sentir acuado.

A proposta desse artigo não é a de defender pontos de vista, nem o julgamento de valores; sendo o objetivo tão somente aquele da descrição de um sonho e posterior análise pelo sujeito que vos escreve.

Prossigamos ao sonho.

(II) Sonho:

Na noite do dia 20 para o dia 21 de Janeiro desse ano de 2012 tive o sonho cuja narrativa segue abaixo.

Eu e alguns poucos familiares havíamos sido convidados para uma festa por uma pessoa rica e eminente. Junto ao convite veio a observação explícita de que estávamos sendo convidados com o propósito de sermos figurantes, não devendo nos envolver com nenhuma das demais pessoas, identificadas como importantes políticos e autoridades, que estariam também presentes. Por se tratar de grande e refinada recepção, o que era uma oportunidade pouco comum, decidimos participar, apesar de a recomendação ter sido encarada como leve ofensa.

Chegando à festa, era fácil identificar os políticos e autoridades pelas suas roupas de gala, em distinção de uma parcela dos outros convidados que era a dos convidados figurantes. Os políticos e autoridades ocupavam mesas grandes em salas menores e separadas, também eram tratados de forma diferenciada, apesar de alguns deles circularem em meio ao grande salão ocupado pelos figurantes.

De repente percebi a presença de pequeno felino, um gato, que acompanhava a mim e aos meus familiares. Percebi, de súbito, que aquele era meu animal de estimação. O gato, por vezes, insistia em penetrar as salas menores destinadas às autoridades. Os garçons vinham então me repreender para que eu retirasse o animal daqueles ambientes restritos. Noutra ocasião eram os próprios anfitriões que vinham recomendar para que eu cuidasse de meu gato, mantendo-o distante dos políticos e pessoas eminentes. Aquela situação me causava grande constrangimento.

O sonho culminou quando o gato desequilibrou-se num bueiro, ficando a princípio preso às grades pelas suas patas dianteiras. Ele clamava por socorro. Tentei salvá-lo, mas ele caiu dentro do bueiro. Com grande esforço, consegui alcançá-lo no fundo do bueiro e resgatá-lo. Lembro que isso me trouxe um grande alívio, e mesmo felicidade.

Despedimo-nos dos anfitriões e retornamos para casa. O sentimento era aquele de satisfação.

(III) Conexões:

Partiremos da definição das instâncias essenciais do sujeito. Os verbetes apresentados abaixo foram extraídos de: Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, "Novo Dicionário da Língua Portuguesa", Editora Nova Fronteira, 1a Impressão (9a Edição).

Consciência. S. f. 1. Filos. Atributo altamente desenvolvido na espécie humana e que se define por uma oposição

básica: é o atributo pelo qual o homem toma em relação ao mundo (e, posteriormente, em relação aos estados interiores, subjetivos) aquela distância em que se cria a possibilidade de níveis mais altos de integração.

Inconsciente. S. 2 g. 9. Psicol. O conjunto dos processos e fatos psíquicos que atuam sobre a conduta do indivíduo, mas escapam ao âmbito da consciência e não podem a esta ser trazidos por nenhum esforço da vontade ou da memória, aflorando, entretanto, nos sonhos, nos atos falhos, nos estados neuróticos ou psicóticos, i.e., quando a consciência não está vigilante. Inconsciente coletivo. Psicol. Parte do inconsciente individual que procede da experiência ancestral e transparece em certos símbolos encontrados nas lendas e mitologias antigas, constituindo os arquétipos.

Alma [Do lat. anima.] S. f. 2. Filos. Entidade a que se atribuem, por necessidade de um princípio de unificação, as características essenciais à vida (do nível orgânico às manifestações mais diferenciadas da sensibilidade) e ao pensamento: as faculdades da alma.

Espírito [Do lat. spiritu.] S. m. 11. Filos. O pensamento em geral, o sujeito da representação, com suas atividades próprias, e que se opõe às coisas representadas: a matéria ou a natureza.

Consideremos, a seguir, as conexões básicas estabelecidas entre estas instâncias a partir do meu entendimento ou interpretação pessoal. Observe que se trata de opinião subjetiva; logo, não é uma verdade, nem pretende ser; é tão somente a expressão de uma única alma.

Dito isso, entendo que a alma de um sujeito (a entidade a que se atribuem, por necessidade de um princípio de unificação, as características essenciais à vida) compreende a sua consciência (o atributo pelo qual o homem toma em relação ao mundo) mais o seu inconsciente (o conjunto dos processos e fatos psíquicos que atuam sobre a conduta do indivíduo, mas escapam ao âmbito da consciência e não podem a esta ser trazidos por nenhum esforço da vontade ou da memória, aflorando, entretanto, quando a consciência não está vigilante).

Faço a distinção entre alma (a entidade a que se atribuem, por necessidade de um princípio de unificação, as características essenciais à vida) e espírito (o pensamento em geral, o sujeito da representação, com suas atividades próprias, e que se opõe às coisas representadas); sendo o espírito um conjunto mais amplo, do qual a alma é tão somente uma parcela desse conjunto, que atua no mundo da representação, ou seja, da matéria.

Repetindo, para a clareza da ideia: Entendo que a alma de um sujeito compreende a sua consciência mais o seu inconsciente (alma = consciência + inconsciente). E faço a distinção entre alma e espírito; sendo o espírito um conjunto mais amplo, do qual a alma é tão somente uma parcela desse conjunto, que atua no mundo da representação, ou seja, da matéria.

(IV) Análise:

Posteriormente, já em estado de vigília, e tendo recordado de um sonho com tal riqueza de detalhes, decidi dedicar algum tempo a sua análise. Para tanto, levei em conta a contextualização, apresentada em (I); e as conexões entre as instâncias essenciais do sujeito, descritas em (III).

Essa foi a minha interpretação: Eu e minha família representávamos o meu espírito – o sujeito da representação. O gato era a minha alma, i.e. a minha consciência mais o meu inconsciente (uma parcela de meu próprio espírito), que estava se metendo em contradições e antagonismos por invadir o espaço dos outros (interagindo com outros espíritos). A partir do momento em que eu consegui resgatar o gato – entenda-se por retirar-me da discussão que estava me causando o desgaste emocional – o conflito se desfez. Voltei a minha habitual paz de espírito e ao saudável alinhamento da consciência com o inconsciente (ou, ao menos, a redução dos conflitos para um grau minimamente aceitável).

(V) Por que eu escrevo?

Por que eu leio? Por que eu escrevo? Bem, eu leio porque sinto sede de conhecimento e do aprendizado; pelo desejo de autoconhecimento; pela vontade de saber mais sobre a natureza e entender dos processos de interação entre as criaturas – tanto aqueles de natureza objetiva, quanto aos outros fenômenos, mais sutis. Escrever é uma forma de organizar minhas próprias ideias. Posso concluir, portanto, que escrevo para mim. É mesmo, antes de tudo, uma atividade egoísta.

Dessa experiência resultou a minha decisão de não mais me reportar ou dirigir àqueles sujeitos que estavam me desgastando. Pura e simplesmente desfazer todos os laços emocionais. No meu parco entendimento se tratam de espíritos com os quais eu não tenho afinidade (diga-se de passagem, sem qualquer julgamento de valor).

Pode ser que sejam muito avançados para a minha compreensão. E uma criança de poucos meses não costuma sair por aí andando sobre os dois pés antes de aprender a engatinhar; i.e. precisarei, nesse caso, de mais tempo e bagagem para uma interação saudável. Ou podem se tratar de espíritos de natureza distinta à minha. Nesse caso, sendo os valores éticos e morais diferenciados, faz-se também necessária manutenção de certo distanciamento, de forma a se evitar os atritos demasiados.

Importante é o respeito às diferenças; à compreensão de si mesmo; e ao aprimoramento de cada criatura, que é distinto e inerente às próprias vivências pregressas.

3 539u3 4 v1d4 0 53u f1ux0 1n3x0r4v31...

O gato e o escrivão

As famílias de Demdike Southerns e Chattox Whittle eram poderosas, viviam de bruxaria e dominavam Pendle Hill na primeira década do século XVII. Potts, hábil e ardiloso escrivão da corte, interessado naquelas terras do condado de Lancaster, tramou de botar os Southerns contra os Whittle. À época Potts não fazia ideia do poderio das feiticeiras; da seqüência de eventos insólitos e maravilhosos que havia desencadeado. Chattox e Demdike pareciam mesmo em transe, envolvidas em misterioso combate de ocultismo. Inteligente, Potts tomava notas de tudo o que se passava ao seu redor. A confusão foi tamanha que as Whittle e as Southerns foram julgadas e condenadas por bruxaria, tendo ficado Potts com suas posses em troca da entrega de seu manuscrito "A Descoberta das Bruxas no Condado de Lancaster" à corte. Pouco antes de morrer, Chattox soube da trama de Potts, transformou sua filha Anne num gato e o colocou mumificado numa das paredes de sua casa; para que ela voltasse à vida 400 anos depois.

Referências:

[1] Pendle Witches
[2] BBC Brasil – Notícias – Gato Mumificado
[3] Misty Mountain Hop – Led Zeppelin

Roberto Carlos: trocado na ditadura?

Roberto Carlos Braga, o quarto e último filho do casal Robertino Braga e Laura Moreira Braga, nasceu ao décimo nono dia do mês de Abril de 1941 em Cachoeiro de Itapemirim – cidade do Estado de Espírito Santo.

Iniciou sua carreira solo como cantor na boate do Hotel Plaza, em Copacabana, cantando samba-canção e bossa nova. Começou a fazer sucesso com suas versões do rock'n'roll americano e composições próprias em parceria com o amigo Erasmo Carlos.

Roberto Carlos foi um ídolo da juventude na década de 1960, líder do movimento da Jovem Guarda – o primeiro movimento de rock genuinamente brasileiro. Na década de 1970, reformulou o seu repertório e se tornou um típico cantor e compositor romântico.

Sua popularidade o tornou conhecido no Brasil e na América Latina como "O Rei". Já vendeu mais de cento e vinte milhões de cópias de seus discos, lançados anualmente próximos à época do Natal. Continua se apresentando anualmente num especial da Rede Globo que vai ao ar nessa mesma semana.

É óbvio que ter como aliado um líder desse porte é conveniente a qualquer regime político totalitário ou classe dominante. E reza a lenda popular que a Ditadura Militar deu cabo do Roberto Carlos original, tendo-o substituído no ano de 1971 por outro interprete, menos talentoso e com o rosto mais quadrado. Daí o fato do álbum "Roberto Carlos" do ano de 1971 ter sido o único em que o cantor não aparece na capa em foto legítima, mas sim retratado em arte gráfica relativamente simplista.

O álbum "Roberto Carlos" de 1971 contou com arranjos sofisticados, assinados pelo maestro Jimmy Wisner. Apreciemos esta obra-prima em seus "detalhes" e minúcias.

LADO A

Faixa (1) "Detalhes"

"Não adianta nem tentar / Me esquecer / Durante muito tempo / Em sua vida / Eu vou viver..." /... / "Eu sei que esses detalhes / Vão sumir na longa estrada / Do tempo que transforma / Todo amor em quase nada / Mas 'quase' / Também é mais um detalhe / Um grande amor / Não vai morrer assim"

Faixa (2) "Como Dois e Dois"

Música de Caetano Veloso gravada por Roberto Carlos (para justificar "Debaixo dos Caracóis dos Seus Cabelos"?). Perceba a ironia na letra de Caetano.

"Meu amor! / Tudo em volta está deserto / Tudo certo / Tudo certo como / Dois e dois são cinco"

Faixa (3) "A Namorada"

Carlos de Carvalho Colla, nasceu no ano de 1944 em Niterói, no Rio de Janeiro. Carlos Colla, como era chamado, tinha o sonho de ser advogado e, durante anos a fio, bancou os seus estudos se apresentando como músico na noite carioca. Mais tarde, convidado por Maurício Duboc, passou a integrar o conjunto "O Grupo". Essa música, "A Namorada", é uma das primeiras composições da parceria de sucessos Colla e Duboc, tendo Roberto Carlos gravado por volta de quatro dezenas de suas canções! Carlos Colla graduou-se em direito no ano de 1974. No ano de 1980, ele trabalhava na OAB e presenciou triste episódio que marcou a história política do Brasil: a explosão de carta bomba na sede da OAB no Rio de Janeiro que veio a vitimar a também funcionária Lyda Monteiro da Silva. Este evento, (coincidentemente,) colaborou para o encerramento prematuro de sua carreira como advogado.

"Você, que renasceu do meu segredo / Do meu sonho, do meu medo / Do meu verso e da verdade derradeira / Você

a companheira / A namorada à minha espera / Meu refúgio, meu regresso, minha vida, meu amor / Você, uma lembrança, uma esperança / O sonho mais bonito que viveu pra se acabar"

Faixa (4) "Você Não Sabe o Que Vai Perder"

"Diz que eu nada faço por nós dois / Que venho uma semana / E só um mês depois / Eu volto pra lhe ver / Você não pode compreender /... / E sinto muito / Mas eu sou assim / Sei que cedo ou tarde / Alguém vai lhe dizer / Se você me deixar / Não sabe o que vai perder"

Faixa (5) "Traumas"

"Meu pai um dia me falou / Pra que eu nunca mentisse / Mas ele também se esqueceu / De me dizer a verdade /... / Da realidade do mundo / Que eu ia saber /... / Alguma coisa que na alma / Conseguimos sufocar /... / Às vezes as mentiras / Também ajudam a viver"

Faixa (6) "Eu Só Tenho Um Caminho"

"Vou mudar meu rumo / (Assim me acostumo) / Só se vive uma vez / (Ou menos de um mês) /... / Vou seguir meu caminho / Vou seguir, eu vou / E vou mudar..."

LADO B

Faixa (1) "Todos Estão Surdos"

Este é o segundo registro de cunho religioso na carreira do cantor (o primeiro foi "Jesus Cristo"). Funciona também como hino doutrinário, pregando a paz em oposição à guerra (ou à luta pela liberdade?).

"Outro dia, um cabeludo falou: / 'Não importam os motivos da guerra / A paz ainda é mais importante que eles.' / Esta frase vive nos cabelos encaracolados / Das cucas

maravilhosas / Mas se perdeu no labirinto / Dos pensamentos poluídos pela falta de amor. / Muita gente não ouviu porque não quis ouvir / Eles estão surdos!"

Faixa (2) "Debaixo dos Caracóis dos Seus Cabelos"

A famosa composição de Roberto Carlos e Erasmo Carlos, amplamente divulgada como uma canção de solidariedade ao colega Caetano Veloso, que tinha sido deportado pela Ditadura Militar no ano de 1969 e se encontrava no exílio, em Londres. Música politicamente engajada. (A canção perfeita, acima de qualquer suspeita).

"Um dia a areia branca / Seus pés irão tocar / E vai molhar seus cabelos / A água azul do mar / Janelas e portas vão se abrir / Pra ver você chegar / E ao se sentir em casa / Sorrindo vai chorar"

Faixa (3) "Se Eu Partir"

Canção bastante triste, numa cadência lenta e com letra marcante!

"Tudo vai mudar no dia que eu partir / Nada do que fomos vai sobreviver / Vou estar presente em sua solidão /... / Frio e silencioso o quarto vai ficar / A lembrança morna vai provar que eu / Ainda sou tudo o que você desejou /... / Foi tanto amor que eu dei e tanto vai durar / Minha lembrança vai fazer você chorar"

Faixa (4) "I Love You"

Música alegre e despretensiosa, bem ao estilo da jovem guarda; o cantor usa uma voz grossa e parece mesmo não ser Roberto Carlos.

"Eu queria um passarinho ser / Pra levar um bilhetinho pra você / E nas mal traçadas linhas revelar / Minha paixão e o meu amor, meu grande amor / No meu radinho de pilha sempre escuto / Melodias que me lembram de você / Cafonice talvez possa parecer / Vou me modernizar você vai ver /

Uma calça Lee agora vou comprar / Vou ficar moderninho pra chuchu / Vou até aprender falar inglês / Pra lhe dizer: I love you, I love you"

Faixa (5) "De Tanto Amor"

(Uma confissão e tanto).

"Ah! Eu vim aqui amor só pra me despedir / E as últimas palavras desse nosso amor, você vai ter que ouvir / Me perdi de tanto amor, ah, eu enlouqueci / Ninguém podia amar assim e eu amei / E devo confessar, aí foi que eu errei"

Faixa (6) "Amada, Amante"

Música avançadinha e com apelo bastante sensual para a época (ano de 1971). Atraiu uma multidão de fãs. (Como é que a censura deixou passar essa?)

"Esse amor demais antigo / amor demais amigo / que de tanto amor viveu / que manteve acesa a chama / da verdade de quem ama / antes e depois do amor / e você amada amante / faz da vida um instante / ser demais para nós dois / esse amor sem preconceito / sem saber o que é direito / faz a suas próprias leis"

O disco "Roberto Carlos" do ano de 1971 foi um dos mais bem sucedidos de toda a carreira do cantor. Pelo menos cinco – "Detalhes", "Amada Amante", Como dois e dois", "Todos estão surdos" e "Debaixo dos caracóis dos seus cabelos" – das doze faixas do long play foram hits de sucesso nas rádios; algumas delas recheiam, ainda hoje, o repertório de seus badalados shows – em terra firme ou em suntuosos transatlânticos.

Não, eu não acredito nessa hipótese.

Entretanto, trocado ou não nos anos da Ditadura Militar, Roberto Carlos é, sem sombra de dúvida, o mais famoso, popular e querido cantor brasileiro de todos os tempos. E o resto é lenda.

Autoajuda

0d10: 3u 0d310 05 73x705 d3 4u704jud4.

05 f1n415 f3l1z35;

0 b0m-m0c15m0;

45 f0rmul45 f4c315 p4r4 4 f3l1c1d4d3.

4 v1d4 3 Phoda.

4 m0r73 3 Phoda.

540 c01545 d3 93n73 Grande.

Porra.

Referências:

[1] Crossroads – Robert Johnson
[2] See You in Hell, Blind Boy – Ry Cooder
[3] Feelin' Bad Blues – Ry Cooder

A ação dos elementos na natureza

Antonio avança pela antiga e íngreme rota das pedras; rumo ao cume do monte a passos lentos, sucessivos, inseguros. Espera que o tempo lhe restitua aquela sua velha dignidade da qual este mesmo se encarregou, de súbito, a tomar-lhe. A vida! A vida tem sido dura com ele. O sol do fim de tarde queima a pele enrugada de sua testa; escorre e arde o suor daqueles dias intermináveis de luta. Mas tão perversa e belicosa, que é mesmo de meter medo; uma prova para o seu ânimo de fogo; dessas de deixar os seus ideais inquebrantáveis em frangalhos, prestes a sucumbir ante as vicissitudes; enfim, deixar-se levar pelo fluxo fácil das ilusões, dos destemperos do campo.

A mata é verde e sopra-lhe o seu hálito úmido; um bafo que turva as suas retinas; são vapores doutras eras assomarem-se ao extremo da agonia, da dor; e uma gralha grasna clamando a sua rendição. Antonio segue adiante, reduz o ritmo, conduz seu corpo judiado, simples, de humano falível, pelas curvas com as últimas reservas de suas energias; mas com perseverança, a garra de uma centena mais uma daquelas gralhas, às quais ele amaldiçoa até a sétima de suas gerações.

A altura é nauseante, por vezes Antonio precisa se apoiar às pedras para não deixar-se desabar. Os galhos secos dos arbustos avançam obstruindo lhe o caminho, são como braços a agarrá-lo bradando: "Daqui você não passa, verme!" E ferem-lhe os ombros, tinge-os de sangue em alongados arranhões.

Mas eis que o caminho aplana, a vegetação abre-lhe passagem ao cimo e a gralha toma também o seu rumo, deixando-o em paz. O sol baixa à linha do horizonte, presenteia-lhe o crepúsculo, que por sua vez cede o seu espaço a lua cheia. A vida tem dessas coisas: o orvalho da noite acaricia a sua face surrada, o brilho intenso das super-novas renova-lhe o sonho e uma estrela cadente é verdadeiro bálsamo para todas as suas aflições. Então ela se achega; beija-lhe à fronte. E a isso denomina-se vida: ação do amor através dos elementos na natureza.

Sensação, percepção e realidade

É sabido que valemo-nos dos nossos sentidos para a percepção da realidade. Nós, seres humanos, nos gabamos da primazia sobre as demais espécies. Mas será que percebemos – e compreendemos – mais eficientemente o mundo ao nosso redor?

Os sentidos constituem capacidades fisiológicas dos organismos que suportam a percepção. Os sentidos, sua operação, classificação e teoria caracterizam tópicos que se sobrepõem e são estudados numa grande variedade de áreas da ciência; especialmente a neurociência, a psicologia cognitiva e a filosofia da percepção. O sistema nervoso tem um sistema sensorial ou órgão específico e dedicado para cada um dos sentidos.

Os seres humanos apresentam uma multiplicidade de sentidos, sendo os cinco sentidos primários, tradicionalmente reconhecidos: a visão, a audição, o paladar, o olfato e o tato. Dentre os outros sentidos humanos podemos citar: a percepção térmica; a dor; as sensações de equilíbrio e de aceleração; e a próprio-percepção (ou percepção e controle dos nossos próprios membros e músculos, esta inclusive pode ser treinada para tornar-se semi-automática, ou mesmo automática, possibilitando que o nosso cérebro se ocupe prioritariamente de outras atividades simultaneamente à realização de tarefas já internalizadas, um exemplo: conversar e dirigir, apesar de politicamente incorreto).

O sistema visual é parte do sistema nervoso central que possibilita ao organismo o processamento detalhado da visão, assim como coordena várias outras funções de foto-resposta não imagética. Ele inclui os olhos, os conectores para o córtex visual e outras partes do cérebro. O sistema visual interpreta a informação recebida através da luz visível e é responsável pela construção da representação do mundo à nossa volta.

Os nossos olhos constituem um complexo mecanismo biológico. O funcionamento de uma câmera fotográfica é frequentemente comparado àquele dos olhos, pelo fato de ambos focalizarem a luz dos objetos externos que estão no campo de visão sobre um meio sensível à luz. No caso da câmera, este meio é o filme fotográfico ou um sensor eletrônico; no caso do olho trata-se de uma matriz de receptores visuais. Valendo-se ambos do mecanismo da similaridade geométrica embasado pelas leis da ótica. A luz que penetra através dos nossos olhos é refratada na passagem pela córnea. Ela atravessa pela pupila, controlada pela íris, e é novamente refratada. A córnea e a pupila trabalham em sincronia, como um conjunto de lentes para projetar uma imagem invertida e passível de percepção sobre a retina.

A retina consiste numa miríade (ou uma matriz) de células fotorreceptoras. Essas células fotorreceptoras contêm moléculas de proteínas específicas denominadas opsinas. A rhodopsina é encontrada nas células radiais que são periféricas à retina e tem a função de captação da luz para a visão noturna. Existem três tipos de opsinas cônicas, as quais são encontradas, por sua vez, nas células do cone central da retina: cada um desses tipos é diferenciado conforme as faixas do comprimento de onda luminosa que é capaz de absorver, sendo as opsinas curtas aquelas que absorvem o espectro do azul, as opsinas médias aquelas que absorvem o espectro do verde e as opsinas longas aquelas que absorvem o espectro da luz vermelha. Essa matriz de opsinas que compõem a retina é responsável pela absorção dos fótons e a transmissão do sinal nervoso para células conectoras que o encaminham ao córtex visual.

Um estudo da Universidade da Pensilvânia calculou que a estrutura da retina humana é capaz de absorver aproximadamente 8960 kilobits por segundo de informação visual, enquanto um porco de Guiné tem a capacidade da absorção através de sua retina de apenas 875 kilobits por segundo.

Entretanto, diferentes espécies são capazes de ver (são sensíveis a) diferentes faixas do espectro luminoso. Os gatos

têm a habilidade de enxergar mesmo com grande escassez de luz graças aos músculos no entorno de sua íris, permitindo contrair e expandir muito as suas pupilas, bem como ao tapetum lucidum, uma membrana reflexiva que otimiza a visão felina.

Pitvipers, pythons e outras serpentes venenosas (especialmente aquelas que habitam as cavernas) apresentam órgãos sensíveis ao infravermelho, os quais permitem a percepção do calor do corpo de suas presas. O famoso morcego-vampiro apresenta também um sensor infravermelho no seu nariz. Foi descoberto que os pássaros e alguns outros animais são tetra-cromatos; i.e. eles apresentam a capacidade de percepção da luz ultravioleta até o comprimento mínimo de onda de 300 nanômetros. E as abelhas e as libélulas são também sensíveis ao ultravioleta.

A audição também é um dos cinco sentidos primários; caracteriza-se pela habilidade da percepção de ondas sonoras pela detecção de vibrações através de um órgão como o ouvido. Nos humanos e noutros vertebrados ouvir é possível graças ao sistema auditivo: as vibrações são detectadas pelo ouvido e transmitidas através de impulsos nervosos para o cérebro, especialmente para o lobo temporal. Assim como o tato, a audição dá-se pela sensibilidade ao choque de moléculas do mundo exterior contra a superfície do organismo; e por isso ambos, a audição e o tato, são denominados sentidos mecânicos.

O mecanismo da audição consiste, simplificadamente, no seguinte: O canal do ouvido ajusta a pressão das ondas de ar recebidas para uma mesma faixa de comprimento de onda. No ouvido interno, essas vibrações sonoras são detectadas por células capilares localizadas na membrana basilar, e a decomposição em diferentes frequências de onda dá-se ao longo do comprimento dessa mesma membrana. A membrana basilar separa as frequências: as frequências altas produzem maior ressonância próxima ao final do ouvido médio, enquanto as frequências mais baixas produzem maior ressonância na extremidade oposta. Em suma, a membrana basilar

realiza ininterruptamente análises do tipo de uma transformada de Fourier, transmitindo a informação da frequência e da intensidade sonora através do nervo auditivo diretamente para o fluxo cerebral.

Nos humanos, o limite inferior e a capacidade de localizar fontes sonoras são reduzidos significativamente debaixo d'água, meio no qual a velocidade do som é maior que aquela do ar. A audição subaquática é pela condução dos ossos e a localização do som parece depender de diferenças na amplitude detectadas pela condução através dos ossos.

Nem todos os sons são normalmente audíveis por todos os animais. Cada espécie apresenta as suas faixas específicas de audição tanto no que diz respeito à amplitude quanto à frequência sonora. Muitos animais usam o som como meio de comunicação e, portanto, a audição nessas espécies é de importância ímpar para a sobrevivência e a reprodução. Em espécies que usam o som como fonte primária de comunicação, a audição é mais apurada na faixa de frequências da fala. Frequências de áudio, ou sonoras, é como são comumente denominadas aquelas capazes de serem ouvidas pelos humanos, tipicamente na faixa entre os 20 Hz e os 20 mil Hz.

As frequências mais elevadas que aquelas de áudio são denominadas ultrassônicas, enquanto as inferiores são denominadas infrassônicas. Alguns morcegos usam a faixa de ultrassom para a ecolocalização em vôo. Os cães também são capazes de ouvir ultrassons, e este é o princípio de funcionamento dos apitos caninos silenciosos (ao menos para nós, humanos). As cobras têm sensibilidade aos infrassons pelas suas barrigas alongadas e esbeltas; enquanto as girafas, os elefantes, os golfinhos e as baleias usam a faixa de frequência dos infrassons para a comunicação.

Alguns animais incluindo os morcegos e os cetáceos tem a capacidade de determinar a sua orientação e velocidade com relação a outros corpos ou objetos pela interpretação da reflexão sonora e do efeito Doppler, como se tivessem um sonar. A este sentido específico denomina-se ecolocalização.

Insetos como as moscas e as borboletas têm sensibilidade ao paladar nos seus pés, permitindo que eles saboreiem qualquer superfície sobre a qual eles pousem (daí a preferência pelos doces e flores, respectivamente, no caso dos primeiros e dos segundos). O peixe-gato, por sua vez, possui o seu sistema palatável ao longo de toda a superfície externa do corpo, permitindo que ele identifique apuradamente a qualidade e acidez do meio aquático no qual ele se encontra (e por isso você nunca encontrará essa espécie nadando em águas poluídas).

A maioria dos mamíferos não-humanos apresenta o sentido de olfato muito mais apurado que aquele dos humanos, apesar de em ambos os casos os sistemas olfativos serem bastante similares. Os tubarões têm um senso de olfato tão apurado que estes são capazes de determinar com grande precisão inclusive a direção do estímulo, fazendo com que localizem mais eficientemente a sua presa, mesmo a grande distância. Já os insetos apresentam receptores olfativos em suas antenas.

A eletro-percepção é o sentido da percepção de campos elétricos. Várias espécies de peixes, tubarões e arraias têm a habilidade de alterar os campos elétricos dos seus entornos imediatos. Alguns peixes têm a percepção passiva de mudanças sutis nos campos elétricos; outros podem ainda se expressar através dos seus próprios campos elétricos e captar o padrão potencial elétrico ao longo de toda a superfície externa dos seus corpos para fins de comunicação social.

As ordens dos golfinhos e dos monotrématos (à qual pertencem os ornitorrincos) são as únicas que apresentam eletro-percepção dentre os mamíferos; sendo o ornithorhynchus anatinus aquele que apresenta este sentido mais desenvolvido.

Já a magneto-percepção refere-se ao sentido da direção com relação ao campo magnético da Terra. Esse senso direcional é particularmente desenvolvido nos pássaros, embora também seja observado em insetos, como as abelhas. Apesar de não restar dúvidas quanto à existência deste sentido em muitas

aves, sendo de importância fundamental para a habilidade de navegação dos pássaros migratórios, o mecanismo através do qual se dá a magneto-percepção ainda não é bem compreendido pela ciência.

Outro sentido bastante peculiar é aquele da detecção de correntes no meio líquido. As linhas laterais ao longo do comprimento de peixes e outros seres anfíbios são órgãos externos para a percepção de correntes aquáticas, na forma de vórtices. Essa linha lateral é também sensível às vibrações de baixa frequência. Estes receptores mecânicos consistem também em células capilares, da mesma natureza daquela das células auditivas, sendo desenvolvidas principalmente nos peixes para a navegação em meio líquido e para a caça.

E os sensores de deslocamento relativo dos aracnídeos detectam a deformação mecânica de seus exoesqueletos, provendo informações sobre forças e vibrações às quais estes insetos estão sujeitos.

Com base na exposição dos múltiplos e diferenciados sentidos, apresentados acima, chegamos à conclusão de que cada espécie apresenta recursos próprios para a percepção da realidade – sendo esta sim, comum a todos nós.

Pode-se avançar ainda um pouco mais nessa ideia, chegando mesmo ao entendimento de que dois indivíduos de mesma espécie apresentam uma percepção diferenciada da realidade, uma vez observadas diferenças sutis nos órgãos (ou sistemas) responsáveis pelos seus sentidos, bem como na forma como essas informações ou percepções se complementam de forma particular na reconstrução mental do universo individual. Assim, para um individuo o clima (o conjunto das variáveis de temperatura, umidade, luminosidade, etc.) pode parecer agradável, enquanto para outro, não; apesar de ambos se encontrarem numa mesma sala!

Apesar de a realidade ser única, os nossos sentidos são diferenciados e a percepção é individual. Pode-se concluir, portanto, que a percepção plena da realidade é impossível para o indivíduo, senão para o conjunto de todos os seres,

observado que os nossos sentidos para a percepção são diferenciados e, além disso, limitados.

Nessa imensidão de sensações, de percepções, é como se a realidade só fosse acessível à mônada. Mônada é o termo cunhado para representar a Divindade, o ser primário essencial ou a totalidade de todos os seres. Logo, a mônada é a percepção total ou o Uno, representando o Um anterior à divisão, estando associado à cosmogênese.

É como se a realidade só tivesse habitado o indivíduo há muito tempo atrás, enquanto imerso na sopa primordial de aminoácidos, anterior à sua separação ou diferenciação em organismos distintos. Ao longo das eras formaram-se as macromoléculas (como aquelas das proteínas, dos polissacarídeos e dos ácidos nucleicos) donde, através de sucessivas combinações e arranjos, cada vez mais complexos, resultou a multiplicidade dos seres vivos – as atuais espécies e os seus indivíduos.

Vamos explorar uma abordagem matemática (e, portanto, exata) para elucidar essas ideias um tanto abstratas sobre as quais discorremos anteriormente. Imagine que a realidade consistisse dos números naturais apenas: zero, um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze, treze e assim por diante.

Usualmente representamos os números na base dez. Isso significa que, da direita para a esquerda, o primeiro algarismo diz respeito ao multiplicador de dez elevado a zero (que é igual à unidade), o segundo algarismo diz respeito ao multiplicador de dez elevado a potência um (que é igual à dezena), o terceiro algarismo diz respeito ao multiplicador de dez elevado a dois (que é igual à centena), e assim sucessivamente. Logo, para a "realidade" do número cento e setenta e nove existe a "percepção" do número 179 na base decimal (que é igual a nove vezes um, mais sete vezes dez, mais uma vez a centena).

Da mesma forma, para a "realidade" do número cento e setenta e nove existe a "percepção" do número 263 (= 2x64 +

6x8 + 3x1 = 179) na base octal (base oito). Entretanto, para a "realidade" do número cento e setenta e nove não há "percepção" na base duodecimal (base doze)! De fato, a "percepção" do número 129 na base duodecimal equivale à "realidade" do número 177 (= 1x144 + 2x12 + 9x1), enquanto a "percepção" do número 130 na base duodecimal equivale à "realidade" do número 180 (= 1x144 + 3x12 +0x1). Existe, portanto, a impossibilidade de "percepção" na base duodecimal para a "realidade" dos números inteiros 178 e 179.

Quanto mais complexo o organismo (ou quanto maior a base na qual se dá a "percepção") maior é a perda observada com relação à realidade. Valendo-se dessa assertiva (?) e recordando do objeto inicial de investigação desse texto (Nós, seres humanos, nos gabamos da primazia sobre as demais espécies. Mas será que percebemos – e compreendemos – mais eficientemente o mundo ao nosso redor?), nós poderíamos mesmo ser levados à conclusão de que não. E ainda mais: que, eventualmente, as espécies mais simples seriam aquelas naturalmente mais eficazes na percepção da realidade!

Ledo engano: Na elaboração desse nosso modelo simples esquecemo-nos de levar em conta as faculdades da intuição e do raciocínio, que são sentidos bastante aguçados na espécie humana! Estes nos permitem exercitarmos a imaginação, o sonho e a criatividade; são tênues vínculos que mantém os nossos laços atrelados à mônada. E cabe a cada criatura exercitar estes músculos mentais, para a expansão da consciência e a (re-)conexão supramental.

Da síntese e do encantamento

Os quatro desdobramentos do p4554r0
A n47ur324 do 50nh0
A conjunção f0r7ui74

Os quatro desdobramentos do p4554r0

Não deve o p4554r0 abater-se ou vilipendiar
a sua condição atual de criatura falível às manobras.
Este sentimento não é próprio
da realidade do p4554r0 senão
ao desejo de exercício pleno
da liberdade.
O porta-voz de um p4554r0
anuncia o sentimento oblíquo
de vôo rasante à alma
– ele grasna.
Mesmo ao p4554r0 existem restrições físicas
imputadas pelas correntes de vento,
o fluxo imanente do universo
que o compreende.

A n47ur324 do 50nh0

Se o 50nh0 está à mão,
então a realização é certa,
em momento oportuno.
A n47ur324 da providência
é a matriz dos aspectos consonantes.
Ele deve reter a essência dos 50nh05
enquanto possibilidades de alçar vôos perfeitos
em concórdia às condições favoráveis
de seu entorno.

A conjunção f0r7ui74

O 4rc0-íri5, a 357r314, a nuv3m:
são exemplos de alteridade
na perfeição inefável dos ventos
quando eles sopram ao sabor.
O p4554r0, o 4r, a v457id40 d0 35p4c0
devem entender-se como personagens
de um mesmo e amplo espetáculo
porvir.
Então será:
pur0 m0vim3n70.

Dislexia

Acima: SUN, a suavidade, vento, madeira
Abaixo: KÊN, a quietude, a montanha
Hexagrama 53 do I-Ching
Oráculo: CHIEN – Desenvolvimento (O Progresso Gradual)
Imagem: Uma árvore sobre a montanha exerce uma influência, através de seu lento crescimento, sobre a paisagem. Assim também, a influência do sábio sobre os homens não se dá de forma rápida, mas é construída gradualmente, através do desenvolvimento de sua força interior, para que tenha efeito duradouro.

"Xnxoxmxex, dez anos de idade. Vindo de pequena cidade do interior devido à mudança da família e transferência do pai para a capital por motivos profissionais. Extrovertido, divertido e extremamente inteligente." – é o que ela lê na pasta que retirara pela manhã na secretaria. Aquilo parece não fazer o menor sentido. Levanta os seus olhos da mesa, disposta bem defronte aos alunos, procura na quarta coluna da direita, penúltima carteira, e lá está ele: um garoto magro, esquálido, cabelo curto, quase raspado, cutucando com o indicador direito uma de suas narinas, cabeça baixa, escrevendo textos naquela sua linguagem incompreensível.

6 p17f244716 24t6 82nd7 6 m3nh6 f35h6. 286 n67 p2152b2 qu2 tud7 n67 p6446 d2 um t26t17, um j7g7 42m v2n52d7124, p21d2m74 t7d74. 24464 6u864, 6 m6n3pu86567 d2 t2n164 m2nt24 3nf6nt34, 4u6 p42ud7-p124un567 d2 2n43n61 7 7bv37 2 7 j6 57nh253d7, p286 v36 3n46n6 d6 12p2t3567. 4216 qu2 n67 p6446 p286 56b256 d286 qu2 n67 47m74 6ut7m6t74? 7nd2 24t67 74 2x21535374 p616 7 d242nv78v3m2nt7 d6 57mp122n467, d6 12f82x67 2 d7

qu24t37n6m2nt7, 24t64 43m, h6b383d6d24 2442n53634 p616 64 t7m6d64 d2 d2534724, 64 mud6n564 d2 6t3tud2, 2nf3m, 7 p17g12447? (Pepino, o Breve / Carlos Magno)

A professora risca da folha os adjetivos extrovertido, divertido, extremamente inteligente; sobrescreve; substitui a anotação por desatento, introvertido, quase um demente. Então ela se levanta e inicia a aula, na forma de ditado, enquanto avança, lentamente, através das fileiras, com o livro de história em mãos: "Pepino III, também conhecido como Pepino, o Breve ou Pepino, o Moço, nasceu no ano de 714 e faleceu aos 24 de Setembro de 768. Foi o rei dos francos do ano de 751 até o ano de 768; é mais conhecido por ter sido pai de Carlos Magno e o filho de Carlos Martel."

Quando a professora passa ao lado da carteira do menino bate o olho naquele trecho sem o menor nexo, cujas únicas analogias que ela percebe com o ditado de história são os nomes de Pepino, o Breve e Carlos Magno, anotados entre parênteses.

– Mas que é isso, menino? Ele não responde, a cor de sua pele torna-se, de súbito, rubra, o garoto baixa a cabeça na carteira e desanda a derramar lágrimas, num choro baixo e tímido. A professora pede ao menino que deixe com ela aquelas suas anotações e anexa à pasta escolar do garoto.

Troca de correspondências: A escola envia um comunicado para a mãe do menino recomendando que ela encaminhe-o a um psicologista. Entre os adjetivos que lhe são atribuídos figuram desatento, introvertido e dislexo (este último substituindo "quase um demente", anotado na ficha escolar do garoto). A mãe, nervosa e preocupada com a dificuldade de adaptação do menino, mostra o recado na mesma noite para o pai. Este, por sua vez, perplexo, observa menção ao ditado incompreensível recolhido pela professora de história.

– Mas como isso é possível? Pergunta a mãe.

– Peça que, por favor, apresentem-nos esse texto, responde o pai.

Dias depois o pai tem uma cópia xerox daquela sequência insidiosa de letras e números assinada pela dupla de reis Pepino, o Breve e Carlos Magno. Ele, um geólogo respeitado e amante da paleolinguistica, respondeu à escola em carta de próprio punho.

"O menino vai bem. Parece que ainda não totalmente adaptado à nova escola, mas da dislexia ele não sofre, a professora que me desculpe por discordar. Trata-se de um trecho criptografado, numa variante bastante simplista do código usado por Zimmermann no seu famoso telegrama. Este foi um telegrama codificado e despachado pelo ministro do exterior do Império Alemão, Arthur Zimmermann, em 16 de Janeiro de 1917, para o então embaixador alemão no México, Heinrich von Eckardt. O telegrama foi interceptado, decodificado pelos britânicos e o seu conteúdo levou ao envolvimento dos Estados Unidos na Primeira Grande Guerra. A chave para a mensagem do menino está obviamente nos nomes anotados entre parênteses; as letras diferentes são substituídas pelos numerais crescentes, de um até oito, à medida que aparecem. Assim a mensagem deve ter sido codificada pelo garoto para evitar maior constrangimento, e a decodificação é possível pelo caminho inverso." A carta do pai terminava dessa forma brusca, sem qualquer menção ao conteúdo da mensagem do menino (ou aquele do telegrama de Zimmermann), e sem nota final de cumprimento.

A professora recebeu a mensagem enviada pelo pai das mãos da diretora e ficou intrigada com aquela história. Alguns dias depois ela redigiu a terceira carta, um tanto enigmática e indelicada, endereçada ao pai, e encaminhada pela própria mãe do menino.

"P E P I N O _ O _ B R E V E
1 2 _ 3 4 5 _ _ _ 6 7 _ 8 _

b pprfennrpb entb vendr b minhb fiohb. evb nbr pepoebe que tudr nbr pbnnb de um tebtpr, um jrgr nem venoedrpen, pepdemrn trdrn. ennbn buvbn, b mbnipuvbobr de tenpbn menten infbntin, nub pneudr-ppenunobr de enninbp r rbvir e r jb ornheoidr, pevb vib innbnb db pepetiobr. nepb que nbr pbnnb pevb obbeob devb que nbr nrmrn butrmbtrn? rnde entbr rn exepoioirn pbpb r denenvrvvimentr db ormppeennbr, db pefvexbr e dr quentirnbmentr, entbn nim, hbbividbden ennenoibin pbpb bn trmbdbn de deoinren, bn mudbnobn de btitude, enfim, r pprgpennr?

C A R L O S _ M A G N O
1 2 3 4 5 6 _ 7 _ 8 _ _

s pcmfallmcs alts gandm s mrnhs frohs. ags nsm pacoaba qua tudm nsm pslls da um tastcm, um jmgm lam vanoadmcal, pacdamml tmdml. allsl sugsl, s msnrpugsosm da tancsl mantal rnfsntrl, lus plaudm-pcalunosm da anlrnsc m mbvrm a m js omnhaordm, pags vrs rnlsns ds capatrosm. lacs qua nsm pslls pags osbaos dags qua nsm lmmml sutmmstml? mnda altsm ml axacororml pscs m dalanvmgvrmantm ds ommpcaanlsm, ds cafgaxsm a dm qualtrmnsmantm, altsl lrm, hsbrgrdsdal allanorsrl pscs sl tmmsdsl da daorlmal, sl mudsnosl da strtuda, anfrm, m pcmgcallm?

Com todo o respeito, recomendo que o senhor procure um psicologista junto com o garoto, pois, observado que o senhor o compreende, é bem possível que deva sofrer de enfermidade léxica da mesma natureza."

Naquela noite o pai quase se mijou de tanto rir. Ele pediu ao menino para entregar um pequeno envelope lacrado a sua professora de história. O garoto, que não estava ciente

da troca de mensagens, cumpriu sua simples incumbência de mensageiro. O conteúdo do envelope trazia breve anotação em apenas duas linhas.

"R E I S _ C A R O L I N G I O S
1 2 3 4 _ 5 6 _ 7 8 _ _ _ _ _ _"

(É redundante, mas) não custa dizer que, com o tempo, o menino se socializou com os colegas da escola; dizem até que o nível do curso de história melhorou (um pouco).

A professora está lendo a minha ficha. Ela não percebe que tudo não passa de um teatro, um jogo sem vencedores, perdemos todos. Essas aulas, a manipulação de tenras mentes infantis, sua pseudo-presunção de ensinar o óbvio e o já conhecido, pela via insana da repetição. Será que não passa pela cabeça dela que não somos autômatos? Onde estão os exercícios para o desenvolvimento da compreensão, da reflexão e do questionamento, estas sim, habilidades essenciais para as tomadas de decisões, as mudanças de atitude, enfim, o progresso?

O celibatário

Ele caminhava junto a dois outros homens pela trilha por entre as pedras, arbustos de um verde vívido e árvores – permitiam apenas a passagem de privilegiados fachos de luz. Por detrás – e além do seu campo de visão – sabia do céu límpido, azul, do sol da manhã a aquecer os seus corpos, garantindo o hálito úmido daquelas paragens. Nada poderia desencaminhá-los de seus desígnios. O mais velho dissertava sobre a importância da alimentação, do sono e de atividades físicas regulares. Nada em demasia. O importante era a qualidade e a regularidade para a garantia da manutenção do corpo saudável, segundo ele, essencial também para a elevação do nível mental e da conexão supramental. "Caso contrário o seu corpo padecerá, irá derreter, a pele escoará sobre os seus ossos, restando apenas uma estrutura cadavérica, desprovida de energia e será o fim de sua jornada nessa terra". Mas quem era aquele velho sábio, de olhar penetrante, enérgico; e também o outro companheiro, aproximadamente da mesma idade de Renato? Agora o som distante de quedas d'água a absorver-lhe totalmente a atenção. A trilha parecia levar às cachoeiras da alma, cujo trabalho das águas havia resultado, através de sucessivas eras, numa bacia côncava, ampla, plácida, acolhedora ao mergulho. Renato já não notava a presença de seus companheiros. Haviam-no deixado nalgum momento da caminhada. A mata limitava-se aos bordos do grande lago. A essa altura o céu de um azul intenso podia ser apreciado em todo o seu esplendor. O suor escorria sobre a sua face, o sol presenteava-lhe com o seu calor. Tirou as suas roupas, calmamente dobrando-as e deixando-as sobre uma pedra mais saliente. Entrou na água, ela regenerava o seu corpo cansado do longo percurso. Mergulhou, afundando todo o seu corpo, deixando-o alguns poucos segundos ao sabor da corrente. Quando emergiu, notou a presença de duas ninfas.

Eram belos espécimes femininos, plenas, seguras de seus atributos; os semblantes plácidos daqueles seres sencientes de seus poderes – e também de suas limitações. Uma delas estava na outra margem, deitada sobre uma grande rocha, as mãos entrelaçadas sobre os joelhos, o corpo nu arqueado para trás, a cabeça fitava o céu, a sua pele clara absorvia todo o espectro luminoso da manhã. A segunda estava de pé, com a água pouco abaixo dos joelhos, também próxima àquela margem. Apercebeu-se da presença de Renato quando ele lhe dirigiu a atenção. Uma resposta intuitiva da percepção. Era alta, quase da altura de Renato. O corpo firme, bem torneado. Os seios fartos e umedecidos pela água pura da cachoeira, que a brisa insistia em evaporar, deixando os seus mamilos eriçados. A sua bunda tinha uma curvatura doce, perfeita em regularidade e conteúdo de ambos os glúteos. Os longos cabelos encaracolados caiam-lhe até a metade das costas – a imagem de uma deusa. Renato olhou nos olhos dela que fitavam os seus. Ela atravessou a bacia nadando, calmamente, sem que perdessem o contato visual. De perto, o seu hálito era doce e ele podia sentir a sua respiração acelerada. Ele sabia que o sentimento era recíproco. Aquela bela fêmea enxergava no fundo de seus olhos um homem seguro, consciente de si, de seu entorno. O seu pau estava duro como uma imbuia, latejante, e ela podia perceber a pulsação daquele nervo erétil. Os seus lábios se tocaram. As línguas se entrelaçavam num balé delicioso e táctil. Renato sentia com grande prazer o contato de seu peito àqueles seios macios e quentes. Ela fez sinal para que ele se deitasse, beijando o seu pescoço, descendo suavemente pelo seu peito com sua língua até cobrir docemente o volume de seu pinto com toda a gula. Ela deliciava-se com aquele aperitivo; Renato regozijava-se ao menear de seu pau em contato a sua língua e às superfícies internas da bochecha macia. Depois foi a vez de ele retribuir as carícias com um longo passeio de sua língua pelas circunferências que delimitavam os seus mamilos. Ela demonstrava o seu encantamento com gemidos breves, doces de prazer.

Ele penetrou os dedos pela sua boceta para sentir aquela reentrância quente e doce de suas carnes. Depois levou a boca em direção aos grandes lábios e sua língua a acariciar-lhe o clitóris vibrante. Ela jogava o seu corpo para trás, esticava os seus braços, as mãos, os dedos, todas as suas extremidades num prazer descabido. Ambos sabiam que as partes funcionando em consonância resultavam numa energia muito maior que o todo. Então ele levantou os olhos. Fitaram-se longamente. Renato penetrou o nervo vivo em sua acolhedora, aveludada e deslizante caverna. O movimento de seus corpos era síncrono. E não tiravam os olhos um do outro, como que fitassem as próprias almas. Seus corpos vibravam numa dança doce, indescritível. Até que, como um raio, ambos fossem atingidos simultaneamente por aquele gozo intenso, paradisíaco. Era como a descarga de uma grande explosão, que vinha do âmago de ambos os seres.

Renato despertou. Ele tinha gozado na cama e precisaria lavar pessoalmente os lençóis para que ninguém se apercebesse daquilo. "Que merda", pensou. Depois ponderou melhor, sorriu, e voltou a cair no sono. Às cinco e meia da manhã o badalar dos sinos o despertou. Renato cuidou de sua higiene pessoal, orou em jejum, das seis às oito, como de costume. Depois tomou o café da manhã com os outros seminaristas.

Entretanto, nada mais seria como antes. A vida fluía intensa pelas areias da ampulheta de seu relógio. Naquele mesmo dia abandonaria o seu anseio de ser padre. Pode ser que nunca tivesse uma alma gêmea com a qual compartilhasse o vislumbre daquele sonho tórrido. Mas tinha absoluta certeza que lutar por isso valeria muito mais que todos os fios de cabelo na sua cabeça.

O poema que não fiz

o poema que não fiz
despejei no coração
foi embora com a fumaça
lembro que era breve
cheirava ao perfume daquela flor que desconheço
mas esvaiu pelos vãos de meus dedos
quando tentei extraí-lo da correnteza de um rio
dizia das coisas pequenas
urgentes
daquelas as quais não nos damos conta
tinha o brilho sutil de uma estrela
e podia ser observado do meu telescópio
se a noite não estivesse nublada
mas a realidade dele fugia da própria ideia
porque era efêmero
como o último segundo de cada milênio
se você o encontrar
diga que sou saudoso dele
e ainda trago-o comigo
em minhas entranhas

Um cemitério no meu jardim

Ele estava refestelado ao sol da manhã, para fugir da dor implacável, mas sua alma permanecia fria como uma lápide; um espírito contrito. Fechou o livro. E dirigiu a mim aquelas palavras.

O ser humano, dito racional, é a causa dessa minha dor. Esse anseio besta pelo infinito. É só quando fito o céu noturno, e posso observar as estrelas em sua permanência de bilhões de anos, que posso apreender isso a que denominam eternidade. Todo resto é parte dessa farsa do efêmero, a grande farsa de nossa civilização. Uma ampla gama de disciplinas lógicas desenvolvidas a partir de um erro em sua essência. Não é preciso grande aprofundamento nos fundamentos da economia para aperceber-se que a crença na acumulação de riquezas encontra a sua restrição nos recursos dessa nossa esfera celeste. Ainda assim insistimos em revesti-la de fina camada de concreto e lixo. Assim como não preciso ser um especialista em biologia para identificar a espécie que é a verdadeira praga desse planeta. Estamos a desestabilizá-lo há milênios e as medidas de contenção são claramente desastrosas: criar o gado para o consumo, as grandes plantações de cereais substituindo áreas imensas de vegetação nativa. Substituindo e transformando uma grande diversidade de espécies por sete bilhões de criaturas orientadas para o consumo desenfreado, valores distorcidos e a autodestruição.

Levantou da cadeira, deixou o livro sobre ela, fitou o infinito do céu azul. Se por um lado o sol aquecia o seu corpo, soprava concomitante a brisa gelada daquela manhã de outono. Então ele fitou fundo os meus olhos e prosseguiu.

É coisa que não vem de hoje: a ideia do racional que é transmitida através das gerações. Ainda assim, a história descreve em detalhes os ciclos sucessivos de dominação e da exploração do humano pelo semelhante. Uma luta desenfreada

pelo poder, a usura desmedida, a arrogância, a presunção e o enxergar não muito além do próprio umbigo. O ser humano a espalhar um amplo espectro da dor e do sofrimento permeado por ideais de esperança numa paz que nunca chega. Não, o ser humano não é – nem nunca foi –, em última instância, racional; e o pior é essa sua pretensa elevação, atribuída à quimera da racionalidade.

Dito isso, ele tomou a enxada que estava encostada num dos pilares da edícula e pôs-se a cavar. Tchop, tchop, tchop...

O ser humano verdadeiramente humano e consciente de si deveria cavar um buraco, enterrar-se e aguardar pela morte enquanto reza para que os seus nutrientes sejam distribuídos em condições equânimes aos vermes que habitam as circunvizinhanças de seu jardim. Ele sabe que toda a criança chora ao nascer o primeiro dia de sua morte, toda uma vida de dores e desencantos pela frente. Então, porque aguardar pelo corpo senil, cadavérico, pela pele enrugada, um punhado de ossos carcomidos e desprovidos de musculatura sadia para doar-se a terra? Doar-se-ia já!

Há, há, há! Ouvindo-me falar assim você deve imaginar que sou algum tipo insano de altruísta, de idealista. Qual o que, meu pai ensinou-me muito bem: eu sou hu-ma-no! Essa praga da pior espécie. Sou arrogante, egoísta ao extremo. Eu sei, para que EU possa prosperar, você deve perecer.

Ele tomou-me em suas mãos com zelo e disse: Adeus Brás Cubas! Jogou-me ao fundo da cova rasa. Ainda pude ouvir o murmurinho do trabalho com a enxada a cobrir o meu corpo. Tentei gritar, blasfemei todas as gerações pregressas de insanos como ele; sem efeito. Fui enterrado vivo.

Ao longe, abafado pela terra ainda pude ouvir: Que lindo cemitério de livros eu tenho em meu jardim!

Mas sou eu que habito o chão desse cemitério a céu aberto de humanos – ainda tive tempo de refletir.

7R4UM4

O Sr. Ptolomeu sai de casa exatamente às oito horas da manhã, horário de Brasília. Ele tem feito isso nos últimos doze anos. Caminha até o ponto de ônibus perto da casa onde mora e espera. Deixa passar um ou dois ônibus por estarem muito lotados. Ele sabe que, mesmo assim, chegará cerca de dez minutos adiantado.

Sentado no banco do ônibus, a caminho do serviço, ele só consegue pensar na montanha de papel que o espera sobre a mesa e no que não faria com a colegial gostosa que está em pé bem a seu lado. O Sr. Ptolomeu é católico devoto, e essa sempre é uma boa desculpa. Quem olha para ele, cínico, olhando para o vazio, imagina que ele está pensando no dízimo que vai dar este mês, para a reforma da igreja e a renovação da frota do seu pároco.

O Sr. Ptolomeu acha uma grande benção que ninguém consiga ler os seus pensamentos. Ele sabe que Deus consegue, mas é exatamente por isso que se confessa todo final de semana, antes da missa.

"Deve ser dura a vida de peixe de aquário. Esta rotina interminável. Aguardar o momento em que a superfície da água esteja ligeiramente polvilhada. Então emergir, abocanhar, submergir. Emergir, abocanhar, submergir. E de novo. Depender do sistema de oxigenação da água. E, de alguma forma, esperar que a água seja mensalmente trocada, e que o aquário seja limpo. Este paralelepípedo que limita o seu mundo e que ele conhece como ninguém. Não... prefiro ser eu mesma a ser um peixe de aquário."

Melhor ainda, estar em frente ao aquário, sentada no conforto de seu lugar à mesa da família para o café da manhã – o aquário e o peixe e as bolhas dele numa estante cobrindo a face oposta da parede da copa.

A garota havia despertado suavemente por uma antiga canção no rádio-relógio do seu quarto cor-de-rosa. Tinha aberto os olhinhos e visto, com a visão ainda embaraçada, os três botões de rosa vermelhos, ainda fechados, esperando o momento certo de desabrochar. Presente de sua avó, quando se encontraram no dia anterior.

Antes do agradável encontro com a avó, ela esteve numa sessão com a manicure. Depilou as pernas tenras e bem torneadas, típicas de uma garota da sua idade. Pernas claras. Aplicar a cera quente, tirar a cutícula e passar um esmalte bem suave faziam parte do seu ritual bissemanal, do qual ela não dedicava atenção em excesso, e tão pouco desprezava. Porque aos dezesseis anos são muitos os hormônios que correm pelo seu belo corpo, ainda em formação, e, além disso, todas as suas amiguinhas são bastante vulgares. Muitas as novidades do seu cotidiano. Pura descoberta da mulher que ela virá a ser. O transbordar dos sonhos e do romance. O arco-íris num frasco em forma de donzela: Estér.

Quando Estér tomou o ônibus, todas as poltronas já estavam ocupadas. Mas se aguardasse por outro, chegaria atrasada para a primeira aula – e sua carteira na primeira fila chamaria demasiada atenção. Posicionou-se próxima de um senhor distinto e segurou na barra presa ao teto da lotação.

"Hoje aconteceu novamente. Despertei com aquela sensação estranha, que ainda não entendo direito. A xoxota um pouco úmida. Os mamilos durinhos. E que acontece eventualmente, quando sonho com um beijo ou um paquera da escola. Sinto muita vergonha. Tamanha que não confesso este pecado ao padre, antes da missa de domingo. E isto deve ser pecado ainda maior... Será que padre tem tesão?..."

Então procurou desfazer-se do pensamento. Olhou para o senhor distinto, sentado próximo a ela. E teve muito nojo dele.

"Como pode olhar minhas pernas desta forma? Deve ser um pai de família. Por que sofro tanto? A vida de peixe de aquário deve ser muito mais simples que a minha. Por que tenho que passar por tudo isto?"

Mas Estér havia nascido para brilhar. E simplesmente ainda não era o momento dela saber disso.

"A espera desesperada de Jacinto já durava horas. Depois de preso e amordaçado, e deixado ao lado de pneus velhos na garagem, nada mais lhe restava a fazer. Tudo de que se lembrava, tudo que passava pela cabeça dele era a imagem dos dois encapuzados, gritando como insanos. Um contra o outro, ameaçando e sendo ameaçado por canivetes. Então Jacinto desmaiou. E quando acordou, não tinha passado de um de seus milhares de pesadelos."

"Os dias transcorriam tranqüilos na loja. Tinha bebido todas, mas não se lembrava. Assim como eu não. Meu nome é Jacinto, tenho um espelho em casa e escrevo sobre mim mesmo. Se você não me entende é por que certamente não sou eu. E ainda que fosse, não entenderia. Sentir transcende a consciência, viver é a experiência, e ninguém tem de se meter com isso."

Apenas mais um texto de Jorge, pseudo-escritor, enganador e folgado. Ele toma o ônibus rumo ao centro. Pela manhã ainda está alcoolizado e permite-se viajar, ainda que num coletivo lotado.

Jorge não levanta para as mulheres, senhoras ou donzelas. Cede seu lugar para as grávidas quando está de bom humor. O que é raro. Despreza as pernas lisas e tenras de Estér. Jorge é apenas mais um imbecil egocêntrico como milhares de outros. Aquele tipo de imbecil que acha que é muito mais do que realmente é. E geralmente eles são bem pouca coisa.

E assim, descreve-se a trajetória de mais um par de peitinhos duros e ilesos. Ele escreve, mas não age: ele é Jorge; e seu personagem, Jacinto.

O Sr. Ptolomeu sabe que o seu ponto está chegando. Até inconscientemente ele sabe quando deve se levantar e sair do ônibus. Nem precisa olhar pela janela. Um dia ele chegou a

adormecer sentado, mas, quando chegou a hora de descer, o deus da rotina o despertou.

Tem que se levantar, vencer a inércia.

Na verdade, não agüenta o bafo de pinga do cara sentado bem atrás dele. Sente ânsias. Fica imaginando a vida imunda que aquele bebum deve levar. Imagina até o time para o qual ele deve torcer. Ou em quem ele votou nas últimas eleições.

A garota em pé a seu lado encosta a coxa grossa e deliciosa em seu braço quando o ônibus faz uma curva. Ele agradece aos céus por estar de paletó. Se o contato fosse pele a pele, talvez ele não conseguisse se controlar e seu pênis poderia ficar ereto. Seria uma vergonha, pois está usando calça social e cueca samba-canção.

Ele pede licença para a garota e se levanta. Os bicos duros dos seios da colegial tocam de leve em seu rosto. Ela não está usando sutiã. No mundo que existe dentro de sua mente, o Sr. Ptolomeu arranca a blusa da garota e lambe os dois bicos até cansar a língua, depois mama à vontade naquele peito jovem. Mas na realidade em que seu corpo de carne e osso definha, ele começa a pensar em algum caso obscuro que terá de relatar daqui a pouco, com o intuito de desviar os pensamentos para algo frio e impessoal e não se excitar.

Ester está realmente esperando o homem de terno se levantar e sair para poder se sentar. Ele está cheirando a loção de barba. Ester odeia esse perfume.

Jorge não tira os olhos da garota. Uma idéia passa-lhe pela cabeça. Como imbecil que é, acha a idéia genial. Vai se levantar e ir até o cobrador, para pedir-lhe uma informação, apenas para encoxá-la. Mas o almofadinha acaba de se levantar e a garota se senta imediatamente.

"A chuva, enquanto objeto de condensação das nuvens, nada mais é do que queda, retorno, daquele que ousou o vôo mais alto em termos de gotículas d'água. Forma violenta e úmida de refrescância necessária às plantas secas. Enfim,

matéria dos relâmpagos – expulsa em luz – e música aos ouvidos de intenso trovão."

E Jorge, pseudo-escritor, enganador e folgado, vomita mais um parágrafo que será atribuído ao seu personagem, Jacinto.

Dona Yolanda não se incomoda com o fedor de álcool que exala de Jorge – mesmo estando sentada bem ao seu lado. Foram tantas as noites que ela já teve de suportar o marido (e tantos namorados antes e depois dele), que se sentar ao lado do rapaz embriagado é quase como um *deja vu* dos anos de juventude. Hoje, os cabelos grisalhos, compridos e presos; o vestido longo e a forma recatada que ela assume como um sinal claro de seu amadurecimento.

"Ao menos é o que dizem na igreja."

Estar em dia com o sacramento da confissão é uma arte que já está integrada a sua rotina.

"Esta adolescente devia ter vergonha de andar por aí vestida deste jeito. Que pouca vergonha! Deve ser uma vagabundinha destas que se enrosca com qualquer um."

O passado pouco importa para ela. É passado. Sim, Dona Yolanda lembra-se perfeitamente das festinhas na década de sessenta.

"Mas aqueles eram outros tempos: dos anos dourados, da juventude transviada, da cuba libre e do lança pefume... nada a ver com a degeneração dos adolescentes de hoje: a base de ecstasy, do whiskey com energético e dos bailes funk."

O passado foi feito para se esquecer. De que adianta se lembrar dos rapazes que se vestiam em ternos bem cortados e passavam brilhantina no cabelo? Daqueles rapazes que tinham topetes e lambretas. Sim. É só se esforçar e Dona Yolanda bem se lembra das orgias, das curras e de que disputava com as colegas o líquido viscoso, esbranquiçado e quente que jorrava em jatos dos pênis dos almofadinhas. O líquido que ela fazia questão de engolir, apesar do gosto de fel – porque para Dona Yolanda era pecado o desperdício.

O que passou, passou. Dona Yolanda é uma outra mulher agora. E exige respeito. Tudo bem em fazer filme pornográfico, ficar se insinuando na tv, dar a bunda para meio mundo e ser fotografada em cenas escandalosas. Tudo bem em casar com cada novo galã da tv e receber uma pequena fortuna para ser fotografada nua e com perna aberta ou comendo um travesti. Mesmo quando você já tem um filho. Tudo bem, desde que você se arrependa depois. Não é? Certo?

Dona Yolanda quer acreditar que sim.

"Era meio-dia em ponto quando ele chegou. O sol escaldante de verão fazia com que o mormaço embaraçasse levemente a visão em vapor salgado da água do mar. Os contornos do corpo dele, então, não eram definidos, fundiam-se ao céu azul e ao sol. Ele sentou-se na areia e iniciou o antigo projeto de cavar com as mãos: arte esta que havia desenvolvido ao longo de sucessivas eras, desde o homem de Java. Mas quem era o homem de Java afinal? E esta questão era a quinta-essência do antigo problema. Ele prosseguia cavando e cavando indiferente a todas as demais figuras que aproveitavam o momento de outra forma, nadando, paquerando ou admirando a embarcação que cruzava o horizonte. Cada palmo de areia abaixo era mais um em direção a ele mesmo. E quando, enfim, o buraco torna-se fundo o suficiente para todo o seu braço esquerdo, também era aquele o nível do mar. A água invadiu a obra como que demonstração algébrica de que, sendo ela um fluido, e a areia nada além de pedra moída, não haveria nada mais a ser feito. Mais um palmo abaixo, com muito esforço. O sol refletia o seu rosto. Ele gritou: Tem alguém aí? O reflexo do seu rosto deixava-o ainda mais perplexo. Pensou que para entender era preciso primeiro esvaziar-se de si mesmo. O que? Fala mais alto, não estou ouvindo. Ecoava no buraco. A voz parecia outra. Quando uma lágrima de seu suor respingou ao fundo, a lâmina d'água emanava em ondas concêntricas a expandirem-se. Deformava a imagem refletida do rosto dele. Toda a assimetria da esquerda mostrava-se a direita. E vice-versa. A

imagem fez movimentos com a mão, chamando-o. Já vou, gritou ele. Só então foi visto de cabeça para baixo, entrando no buraco. Os pés para cima. E depois nunca mais."

Jorge era um bastardo. Não estava nem aí para o surrealismo de Jacinto.

O Sr. Ptolomeu chega ao escritório cinco minutos antes do horário de início do expediente. Ele é um verdadeiro caxias e gosta que todos saibam disso.

A garota de mini-saia com as coxas deliciosas e o peito divino ainda teima em querer dominar-lhe o pensamento. Ele imagina novamente mil formas de fazer sexo com ela, agarrando-a por todos os lados, lambendo-a por todos os ângulos, enquanto carimba e assina um documento oficial. Apesar da orgia mental, porém, seu rosto se mantém sereno. Parece mesmo estar preocupado com a papelada a sua frente. Nem os seus lábios se movem. Ele quase não pisca. O que a prática não faz!

Sentado à mesa que lhe fora designada, cumprimenta educadamente uma ou outra pessoa com a maior naturalidade, enquanto embrenha-se cada vez mais adiante numa selva de papéis e vias, folhas e mais folhas que não servem para nada a não ser alimentar uma máquina estúpida que, por sua vez, alimenta-se da desgraça de ignorantes e azarados, mas cuja ação lhe dá uma boa remuneração. Lá no fundo até que ele gosta do trabalho que faz. Talvez não saiba fazer nada melhor. Se você falar mal da *Burocracia* perto dele ele irá defendê-la até a morte.

Os teclados começam a metralhar letras e números na tela do computador com a mesma ferocidade e persistência de polícias e bandidos na Cidade Maravilhosa.

Dona Yolanda desce do ônibus bem em frente ao templo evangélico. As pessoas já estão se aglomerando na entrada. Aqui e ali, crianças correm e gritam vestidas como gente grande e gente grande caminha com orgulho segurando suas

bíblias como se fossem um brinquedinho favorito. Em uma pequena mesa montada do lado direito da escadaria de acesso ao templo, um rapaz de terno e gravata encontra-se à disposição para receber doações e contribuições mensais. Enquanto não chegam *clientes*, ele passa o tempo imaginando cenas violentas, como aquelas dos antigos filmes de Bruce Lee ou aquelas outras dos filmes imbecis do maldito governador da Califórnia ou do soldadinho do Bush, que já foi O Rato na televisão e que não sossegou enquanto não fosse também um rato na vida real. A outra coisa que sua mente pode compreender é uma daquelas comediazinhas estadunidenses feitas para retardados.

Apesar dos sorrisos (forçados), a maioria dos denominados *fiéis* vem aqui apenas para quebrar a rotina massacrante de suas vidinhas medíocres. O mesmo serve para os carismáticos, por exemplo. Tirando suas casas, seus programas de televisão, o dinheirinho que ganham do Silvio Santos e o templo, todo o resto é obra do demônio. Se algum dia alguém conseguir fazer com que entendam que tudo isso é uma bem montada farsa, mesmo assim eles não acreditarão. Cada um deles é um bom exemplo para o *pior cego* do velho ditado. Nada é mais confortável que a ignorância.

Dona Yolanda escolhe um lugar na ponta de um banco no fundo do templo, bem perto do ventilador, e espera o pastor chegar. Com certeza ele virá de helicóptero e irá pousar no heliporto em cima do telhado. Nada menos para quem acredita em Deus.

Dona Yolanda está bastante receptiva hoje.

Estér desce do ônibus perto do cursinho. No final desse ano ela deve estar prestando o vestibular. Para garotas como ela, sempre vigiadas pelos pais, entrar em uma universidade em outra cidade significa liberdade. Liberdade de fazer o que quiser, liberdade de fazer sexo com quem quiser, onde e quando quiser. Tomara que ela consiga passar na primeira vez. Estér sabe como é difícil. Não ia agüentar outro ano assim.

Subindo a escadaria, Estér percebe alguém se aproximando pelo seu lado esquerdo. O Professor Azevedo. Estér gosta dele. Ele dá aula de *Transferência de Calor* e *Termodinâmica*. Ela gosta de seu jeito bruto e estúpido. O cara é um verdadeiro animal. Quando ele começa a gritar na aula, ela pensa logo no *King Kong*. O homem realmente parece um orangotango. Um dia ele ficou invocado com um pessoal que fazia bagunça e mandou um aluno filhinho de papai tomar no cu. O bostinha saiu chorando da sala. Estér se apaixonou por ele na hora.

Professor Azevedo passa por ela e nem a percebe. Ele olha insistentemente para o relógio e Estér o escuta dizer "C*aralho!"* repetidas vezes.

Isso a excita.

"Acorde, vagabundo. Acorde!"

Ele abre os olhos e nada daquilo faz sentido. Assim como nada nunca fez. O pátio lotado de ônibus estacionados, o seu pescoço suado ou o sol.

"Sai fora, vagabundo!"

Arremessado para fora da empresa num bairro da periferia, nada mais nada menos trivial do que mais um dia na vida de Jorge.

De repente, dá falta de seu caderno de anotações. Jorge já havia cambaleado por alguns quarteirões e teve de refazer o percurso, em direção oposta – mais um retrocesso na vida de Jorge. E quando chega à portaria da empresa:

"Por favor. Adormeci no coletivo e vim parar aqui. Não tenho dinheiro para voltar. O meu caderno de anotações deve ter ficado no ônibus. Sou escritor. Por favor, ajude-me.." (Ele sabe ser educado quando lhe é conveniente.) Mas o fedor de álcool ainda exala de seu corpo.

"Sai fora, vagabundo!"

Então ele decide batalhar por alguns trocados no sinal. Diz ser um ex-drogado em tratamento, arrecadando dinheiro para a manutenção da instituição. Até mostra um cartão. Mais

uma das múltiplas facetas de Jorge. A princípio, o seu intuito é apenas o de voltar ao centro da cidade. Mas havendo um retorno maior que o desejado, por que não celebrar? E, então, ele torra toda a grana das doações em algumas doses de Cinzano num boteco sujo do subúrbio. Dez horas da manhã. Jorge, completamente ensandecido, sobe numa mesa e começa a gritar batendo com os punhos cerrados contra o próprio peito. São nestes momentos extremos que Jorge torna-se poderoso, do tamanho imenso de seu ego.

A sala de aula do cursinho de Estér pega fogo num burburinho generalizado. Professor Azevedo acaba de propor um problema da matéria que ainda está por ser dada, valendo nota. Uma tentativa desesperada de tomar as rédeas da situação. Azevedo é um covarde, não tem domínio sobre os seus alunos, exceto quando exerce de sua autoridade inconteste. Sabendo apenas fazer cálculos (e não tendo o mínimo tato no trato com seres humanos) não passa de mais um ridículo e rudimentar autômato – escravo de seu próprio cérebro (sem sequer se aperceber disso). E isto excita Estér, que de tão sensível, não esperava por esta atitude radicalmente exata, fria e dura do professor.

Onze horas da manhã, em plena Era de Aquário. Sincronicidade ou acaso? Existirá de fato uma tênue ligação entre almas afins, através de instâncias profundas do subconsciente? Perguntas sem respostas.

Fato um: Ar. O culto no templo evangélico atinge o ápice, que é o momento no qual o pastor convida algum fiel a prestar o seu testemunho. "A Senhora sentada na ponta do banco, bem próxima do ventilador, aí no fundo do templo. A Senhora poderia nos abençoar com o seu testemunho de fé?" Dona Yolanda levanta-se.

Fato dois: Terra. Jorge é expulso da espelunca por quatro homens que o arrastam para fora do bar e o cobrem de porrada. Ele fica largado na sarjeta, sangrando. Até conseguiria levantar-se, mas prefere permanecer onde está. E,

neste mesmo instante, Jacinto toma o ônibus, rumo ao centro da cidade.

Fato três: Água. A testa suando de tanto fazer força. Sr. Ptolomeu interrompe a sua rotina de trabalho. Sente o cu dilatando, permitindo a eliminação de uma grande massa de bosta. E finalmente o som desta caindo no vaso sanitário. Ele rapidamente se imagina parindo um Golem. Limpa-se de forma um tanto descuidada. (Filigranas de merda permanecem na sua bunda, o que no decorrer do dia causará uma leve assadura e desagradável coceira e fará, mais tarde, com que a sua esposa reclame). Senhor Ptolomeu, que ainda está no reservado, e não consegue tirar de sua mente grosseira a imagem daquela garota adolescente que estava no ônibus pela manhã – par de coxas em tenra idade, embalado por minúscula mini-saia – decide masturbar-se ali mesmo, em pleno horário de expediente do escritório. Mas não é isso que os burocratas fazem o dia todo enquanto trabalham?

Fato Quatro: Fogo. Professor Azevedo dirige-se para uma garota sentada na primeira fila da sala de aula e manda-a para a lousa. Estér fica molhada e totalmente sem reação. Não consegue sequer interpretar o enunciado do problema proposto, o que diria, então, de sua solução? Aquela situação, em que se sente encurralada pelo professor e exposta para todos os colegas de sala, deixa a adolescente ainda mais excitada. Estér sente sua vagina efervescer como um vulcão em intensa atividade, a instantes de devastadora erupção, expelindo lava quente por seus orifícios. Seus mamilos ficam duros, pontudos e isto transparece claramente através de uma delicada blusa colada ao corpo. Isto leva os seus colegas de sala à beira da loucura. De fato, todos os pênis contidos no conjunto discreto que é caracterizado pelas fronteiras da sala de aula estão eretos, menos um. Professor Azevedo é o único que não está em sintonia com a estranha dinâmica subliminar em processo. Ele bem que poderia ter mandado um moleque para a lousa e seu pinto murcho mais parecia o casulo de uma larva – em gestação eterna de um lepidóptero natimorto.

Dona Yolanda caminha desengonçada e envergonhada até o palanque em frente da multidão e começa a falar. O pastor sorri para ela. Isso lhe dá forças. Ele é a pessoa mais decente do mundo.

Ela fala sobre uma porção de mediocridades que não deveria interessar a mais ninguém (como o marido a abandonou, como ela ajuda a vizinha idosa a subir a escada, como ela vem ao templo pelo menos uma vez por dia, como consegue fazer uma sopa deliciosa com apenas dois tomates,...) e é aplaudida. Alguém lá no fundo começa a cantar "Deus é amor" em ritmo de funk.

Dona Yolanda volta para o seu lugar e o pastor elogia seu testemunho. (Na verdade, se ela tivesse falado meia hora sobre a maneira como o seu gato de estimação gosta de fazer cocô atrás da pia da cozinha teria surtido o mesmo efeito. O pastor consegue usar qualquer assunto para incitar a massa. É uma multidão completamente susceptível. Ainda bem. Se fosse de outra maneira, ele ainda estaria andando de ônibus lotado e usando a mesma roupa duas vezes.)

Uma pessoa ou outra sentada a seu lado ou a sua frente a cumprimenta. Dona Yolanda se sente uma celebridade por cerca de quinze minutos (e ela nunca ouviu falar de Andy Warhol).

O que seria dela se não fosse o Pastor Nemésio? Ele é muito mais do que sua ponte para com Deus. Muito mais do que uma luz que a guia nesse vale de lágrimas. Ele é a única distração que ela tem na vida. Nessa sua vida onde nada acontece.

O culto acaba. As pessoas vão saindo aos poucos. Todos estarão de volta ao circo na próxima semana.

Hoje, no entanto, foi um dia especial para Dona Yolanda. Ela precisa agradecer ao pastor antes de ir embora. Precisa lhe dizer o quanto ele é importante para ela. Precisa lhe dizer o quanto ela reza para ele todos os dias, para que tenha saúde e jamais esmoreça. E o quão santo ela sabe que ele é.

Dona Yolanda caminha na direção da secretaria. A porta está aberta. Ela entra sem fazer barulho. Ele deve estar

meditando antes de voltar para casa.

Dona Yolanda pára.

Ela está congelada, petrificada.

Ela não acredita em seus olhos. Seus malditos olhos.

Sempre que se lembrou desse exato momento a partir de hoje e para o resto de sua vida, desejou que tivesse ficado cega no dia anterior.

A secretária está seminua, a saia na altura do joelho. A calcinha está nos tornozelos. A calça e a cueca do pastor também estão abaixadas. A secretária abraça os setenta mil reais da coleta de hoje e joga para cima, enquanto é penetrada por trás. O dinheiro imundo cai sobre os dois corpos e os excita ainda mais. É tudo por causa dele, não é?

Eles não percebem a senhora que, reunindo forças e chorando e tremendo muito, retira-se do recinto, do templo. Para nunca mais voltar.

Foi nesse dia que Dona Yolanda perdeu a fé.

Nunca perca a fé. "(1) O trabalho adiabático efetuado para levá-lo do estado 'A' até o estado 'B' é independente da forma em que é efetuado e depende apenas dos estados inicial e final do sistema. (2) É impossível que uma máquina qualquer, operando em ciclo, receba calor de uma fonte e efetue uma quantidade equivalente de trabalho sem provocar nenhum efeito nas suas vizinhanças. Ou seja, nenhuma máquina, que opera entre dois reservatórios térmicos, pode ter rendimento maior que uma máquina térmica operando em ciclo entre os mesmos reservatórios. (3) Em qualquer processo, a variação de entropia do universo ou é positiva ou é nula. A variação de entropia do universo só é nula se o processo for reversível." Assim pensou Arlindo; cdf convicto provido de óculos cujas lentes facilmente superam os cinco milímetros de espessura, e portador de uma devoção platônica por Estér – típica dos cdfs do seu naipe – da qual ela jamais ficaria sabendo. Mas ele nunca perdeu a fé.

"Os túneis: possibilidades subterrâneas dos veículos de maior ou menor porte transportarem-se através de inevitáveis segmentos de reta iluminados entre pontos distintos do caótico tráfego urbano. E também *free shop* dos usuários de drogas pesadas, onde as seringas – ainda que usadas – sempre serão esterilizadas pelo eterno sereno noturno. Dúvida entre o transporte e a conexão entre os mundos da razão, da política e da solidariedade. Dentro desta impossibilidade do entendimento, donde hei de permanecer por apenas alguns segundos, experimento de sensação transcendental onde a unidade é viável – muito longe daqui. Dado o grau precário do amadurecimento intelectual e psicológico da civilização humana, o que esperar desta corja de insanos usurpando o poder infalível de Deus em nome da sabedoria e do bem estar universal?"

Reinaldo não podia acreditar naquilo que estava lendo.

"Este tal de Jacinto é brilhante!" pensa com seus botões. E pensar que tudo aconteceu por acaso. Ônibus lotado do subúrbio em direção ao centro, sol escaldante, onze horas da manhã, apenas um lugar vago no coletivo, ocupado por um caderno ao lado de um senhor de idade – que usava bengala. "O senhor pode pegar o seu caderno para que eu possa me sentar?" disse Reinaldo. "Este caderno não é meu" respondeu o velho com um ar de poucos amigos. Então Reinaldo tomou o manuscrito e passou a folheá-lo. Reinaldo trabalha na editora e seu patrão vive dizendo que precisam publicar alguma obra de efeito, que venha a fazer com que a empresa saia da difícil situação de concordata.

"Só um milagre pode nos salvar. Temos que encontrar um outro "O Código Da Vinci" ou qualquer merda desse tipo."

Reinaldo esboça um sorriso. "Jacinto!".

Neste instante, Jorge desperta, ainda na sarjeta. Sua cabeça lateja de uma dor insuportável. Não do abuso de álcool, por que disto ele já está acostumado, mas dos sopapos que tomou dos fregueses do boteco. Quer voltar lá e chutar

uns caras. Pelo menos um. Qualquer um. Mas fica com medo de apanhar mais. Já está fodido o suficiente.

Enquanto tenta achar o caminho de casa, com uma raiva que procura conter, Jorge imagina-se dentro daquele carro no videoclipe do Audioslave. Aquele videoclipe que ele adora. A músiva é "*Show me how to live*". Ele está lá dentro do carro com os caras da banda, em alta velocidade, fugindo da polícia. No outro extremo da estrada, uma barreira policial. Os tiras emparelham dois tratores enormes bem no meio da pista, impedindo a passagem. Não há como passar. Todo mundo que assiste a esse videoclipe acha que os pretensos mocinhos vão desviar ou parar. Todos acham que eles vão se safar mais uma vez. No entanto, no final da música, lá vão eles direto para os tratores. E morrem em uma apoteótica explosão.

Jorge sempre teve vontade de pegar um carro e fazer isso. Sair por aí a toda, pouco se lixando para o que estivesse ao seu redor ou à sua frente. E como isso tudo fosse terminar. A cada dia ele se sente cada vez mais perto de realizar esse sonho.

Ele precisa achar o rascunho de sua obra prima.

"Vamos ver do que você é capaz, mocinha".

A frase do professor Azevedo soa como uma sentença de morte aos ouvidos de Estér. Mas ele não conta com o fenômeno subjacente da sincronicidade. E, traçando alguns esquemas do fluxo de calor entre máquinas térmicas, Estér demonstra – de forma inesperada e surpreendente – que é impossível o coeficiente de eficiência unitário.

"E se isto não fosse verdade, seria como dizer que é viável o moto-contínuo".

A classe vem abaixo com aquele comentário desconcertante e o professor Azevedo sente-se agora no lugar de Éster – que havia brilhantemente invertido o jogo a seu favor. Ele está atônito e, por um momento, não sabe o que dizer para a garota. Sente-se como um animalzinho acuado

– coisa que de fato ele seria, não fosse o corpo branquelo e um pouco acima do peso, a calvície e o ego inflado por alguns pontos acima da média do Q.I. – muito mal usados por sinal.

Todos os alunos copiaram os esquemas de fluxo que Estér havia escrito na lousa, como forma de solucionar o problema para nota que havia sido proposto pelo professor Azevedo. Em mais uma atitude covarde e pequena, o professor Azevedo diz que todos terão apenas nota cinco porque, apesar de Estér ter conseguido obter a solução correta para o problema, ela havia usado de um raciocínio pouco científico e diferente daquele que se encontra descrito no livro texto – quando, na verdade, a solução apresentada por Estér era a mais concisa e elegante resposta para o problema. E, então, alguns garotos do fundo da sala decidiram murchar os quatro pneus do carro do professor, que se encontrava no estacionamento do pátio da escola, tão logo saíssem para o intervalo.

Foi um dia exaustivo, como todos os outros. O Sr. Ptolomeu chega em casa por volta das sete da noite. Como sempre, salvo nos dias em que chove. Sua esposa está sentada na frente da televisão. Seus dois filhos menores estão brincando no tapete que cobre toda a extensão do piso da sala e o maior está assistindo novela ao lado da mãe. Dona Miquelângela não parece se importar muito com eles. Ela percebe quando o marido entra. Os filhos dizem um *"Oi, pai!"* sem saírem de seus lugares.

"Oi, bem. Como foi o seu dia?"

O Sr. Ptolomeu odeia quando ela pergunta isso. É a mesma coisa por quase dez anos. O melhor a fazer é responder sem delongas e acabar logo com a questão. É uma pergunta mecânica, mas exige uma resposta. Qualquer uma. Como tem feito sempre. Senão, a próxima pergunta será *"Algum problema?"*

Queria ter respondido *"A merda de sempre."* mas disse:

"Cansativo. Mas está tudo em ordem. O Júlio mandou lembranças. Está querendo marcar um jantar na casa dele. A esposa dele insistiu para que fôssemos."

"Ok", responde a mulher, já retornando a atenção para a novela. "Vamos marcar no domingo."

Mais uma daquelas merdas de jantares aonde só se discute banalidades, pensa o Sr. Ptolomeu. Um encontro de medíocres para se medir felicidades e ficar reclamando dos outros e do país.

A ninfetinha do ônibus ainda está lá, na sua cabeça. Imagina se estivesse casado com ela! Aquele docinho abriria a porta quando ouvisse o elevador chegar e viria ao seu encontro, nua e perfumada. E se atiraria sobre ele. Treparia ali mesmo na porta de entrada, esfregando-se em seu corpo suado de um longo dia de trabalho. E ele iria se esquecer do cansaço. E os dois iriam tomar um banho juntos. E fazer sexo de novo.

"Eu vou tomar um banho."

"Ok, querido. Quando der o comercial eu esquento a comida. Ah! A conta do telefone chegou hoje."

Ptolomeu abaixa a cabeça e, resignado, vai para o banheiro, tentando imaginar aonde teria errado.

"Coisa ruim não morre". Dito popular que tem suas origens nas antigas fazendas de cafezais, onde o trabalho escravo era o sustentáculo de uma sociedade baseada na ostentação e em falsa erudição – imitação caricata da estrutura social da Europa em terras sul-americanas. Nesta condição improvável e torpe é que a escória da sociedade de Portugal prosperava na colônia, às custas das almas de negros oriundos do continente africano, vendidos como reles mercadorias e submetidos a condições sub-humanas pelos feitores de escravos.

"Coisa ruim não morre" – assim diziam os escravos referindo-se aos seus feitores, paus mandados dos proprietários de grandes latifúndios, e síntese do abstrato conceito de demônio – dentro das possibilidades do contexto humano.

Esta absurda estrutura social permaneceu praticamente inalterada por aproximadamente três séculos, para então se transfigurar através dos mecanismos de abolição da escravatura e de emancipação da colônia. Porém, do ponto de

vista prático, nada mudou. Há quem diga até que a situação é ainda pior, na medida em que a escravidão degenerou-se nas mazelas sutis do subemprego, da discriminação racial, da exploração da mulher e do nepotismo. Legalizou-se o abuso, instituiu-se a insegurança e o medo. E nesta moderna configuração social, ninguém representa melhor a figura do feitor de escravos – daquela figura frágil, porém revestida do poder demoníaco dos loucos – do que Jorge.

"Coisa ruim não morre". Jorge adentra o bar com a coragem refeita, pede caneta e algumas folhas para o dono da espelunca. Senta-se numa mesa mal iluminada e, debruçado sobre o papel, vomita mais um texto que viria a ser atribuído ao seu personagem, Jacinto.

"*Enough is enough*. Minha mente desdobra-se em sua contrapartida etérea e parte, em disparada assombrosa. Aceleração imensa de recordações de um remoto passado rumo ao futuro. Próximo da velocidade do som os termos convectivos da equação de Navier-Stokes podem então se expressar de forma plena. E a sensação, eu posso afirmar-te, é indescritível. Porém, sensível à alma dos fortes. Estou falando, ouça bem, estou falando no descolamento da camada limite. Estou falando em cavitação, em turbulência. Estou falando da propagação de uma onda de choque. Será que eu estou viajando? Pode ter certeza que sim. Quando é que seria possível então imaginar desfrutar desta experiência singular do fenômeno sem sequer uma seqüela? Por que é preciso marcar o corpo com metal em brasa para fazer parte do rebanho. Dormir ao relento para a experiência do pasto. Ou de ponta cabeça, quem sabe, para entender um morcego – ainda que não passe de um rato com asas. Ouça bem querida, não quero ter a experiência de um homossexual para saber o que é ser viado. E vou comer agora do teu cu tenro e virgem, para que depois você me diga. Afinal, há limites para tudo nesta vida."

É claro que Jorge estava referindo-se – através de Jacinto – àquela ninfeta que tinha visto no ônibus, pela manhã – Estér.

Dona Yolanda sente-se extremamente triste e vazia desde aquela noite. Porque perdeu o chão podre onde pisava – sem saber sequer do que ele era feito.

"Como pude ceder ao poder vazio da palavra torta do homem?"

Sem saber como e a quem recorrer, Dona Yolanda lança-se em profundo pensamento.

"Sublime e poderosa luz do universo, ilumina e abranda as chagas destas terras distantes onde ainda prevalece o medo e o terror entre as criaturas. Que o teu facho inquebrantável sirva de segura baliza para as atitudes e o pensamento positivo até onde avança o firmamento – e além. Que os nutrientes sejam providos de maneira equânime entre as criaturas animadas e inanimadas. Minimiza com teu brilho alvo os pontos negros deste mar de almas na medida do reconhecimento das atitudes insanas, grotescas e das aberrações de comportamento. E não permita que sejamos engolidos pelo ralo assustador do vórtice negro. Liberta-nos do nefasto, do funesto, do cambaleante e triste fardo daquele que é monstruoso, feio e demoníaco. E seja sempre assim."

Dona Yolanda adormece com um sorriso de alívio na face surrada de sua velha cara.

Era preciso desabafar de toda esta sua experiência. Afinal, após anos observando as árvores e as suas ramificações em galhos, soube ela interpretar cada nódulo de bifurcação como que uma resposta natural a um meio ambiente intrinsecamente agressivo. Daí a aleatoriedade em resposta à surpresa. Daí as mudanças bruscas de comportamento do caule em resposta ao medo e à insegurança. Enfim, concluiu que toda a planta seja ela árvore ou arbusto, é fotografia de sua história. E assim os animais mamíferos como o gato, o cachorro e também o ser humano. A memória, enquanto planta, é curta de si mesma, transborda em seiva, alimenta as folhas e floresce em amor e pétalas.

"E um dia eu chego lá."

Mas infelizmente tudo não tinha passado de um torpor inconsciente, e Dona Yolanda não se lembraria de nada disso no dia seguinte.

Aquele dia era igual a todos os outros. Não tinha por que ser diferente. Com a mente em completa letargia – o corpo acordou na hora, mas a mente continua roncando em algum lugar. A carne e os ossos de Ptolomeu, com movimentos automatizados pela repetição incessante ao longo de tantos anos, realiza todos os rituais matutinos necessários para a sua ida ao trabalho. Atos necessários ou desnecessários, mas que sempre foram feitos assim. Tocar a imagem de Nossa Senhora Aparecida e depois beijar a própria mão e fechar a porta e depois verificar três vezes se a porta está realmente fechada. A imagem, assim como a maçaneta, está bastante descascada de tanto ser alisada, mas a santa nunca reclamou. Nem a porta.

A ida para o trabalho. Os mesmos atrasos do coletivo, o mesmo ônibus velho e barulhento cheio de gente, o mesmo empurra-empurra e as mesmas pessoas suadas e fedendo a suor e perfume barato. O cobrador ignorante e preguiçoso reclama do troco de novo e o motorista não bate, novamente, porque, em algum reino celestial ou infernal, deve haver um deus para os desgraçados e para os fedidos. Na verdade, se Ptolomeu parasse para pensar, iria concluir que deixou algo em casa. Seu cérebro.

A garota não pegou aquele ônibus hoje.

A entrada no prédio de escritórios também é igual. A mesma piada sem-graça e de baixo nível do porteiro, as mesmas pessoas com sorriso amarelo no elevador. Na enorme sala cheia de mesas e divisórias de um metro de altura, as mesmas pessoas, os mesmos cheiros, os mesmos risinhos irritantes, a mesma atividade inútil. Os mesmos colegas de trabalho passam em frente à sua mesa e lhe saúdam com as mesmas palavras e brincadeiras.

O mesmo, o mesmo, o mesmo.

Tudo cansa um dia!

Então, alguma coisa começa a crescer dentro de Ptolomeu. De repente. Algo incontrolável. Algo que sempre existiu lá, mas que se achava acorrentado. Alguma coisa quebrou a corrente e cutucou a fera. Alguns dirão que foi um alinhamento de astros ou que outro cometa atingiu Júpiter, enviando emanações. Outros dirão que Ptolomeu, depois de vinte e tantos anos como funcionário público e dez casado com a mesma mulher, finalmente descobriu que tem algo mais na cabeça além de cabelo molhado de gel.

Foi repentino como uma singularidade e ninguém poderia estar preparado para isso.

Durante sessenta anos, essa repartição tem sido um local de maracutaias protegidas pela lei e de burocracias idiotas, mas um local suficientemente silencioso. Um local de conivência e de risinhos imbecis e choros abafados, no qual o maior barulho já registrado ocorreu durante a ditadura militar e foi o peido não intencional de um estagiário. O estagiário foi mandado embora no dia seguinte, e o peido foi, aos poucos, se transformando em lenda. Nem música ambiente havia.

Assim, sem aviso, uma nova lenda estaria para nascer.

Levantando-se de sua cadeira sem fazer barulho, e enchendo o pulmão com todo o ar parado que podia sugar do ambiente decadente ao redor, Ptolomeu grita com toda a força:

"Filhos da puta!"

E colapsa sobre a mesa.

Depois do choque, alguém chama uma ambulância. E Ptolomeu, após quinze anos pagando o maldito plano de saúde sem utilizar nenhum serviço médico, finalmente é internado em um leito confortável, fazendo valer todo o dinheiro empregado.

A esposa foi chamada. Ela chorou muito naquela noite, ao lado da cama do esposo, e imaginou besteiras. Ela rezou o terço também.

O funcionário, até então exemplar, estava em coma.

O cerco se fecha. Ela abre os olhinhos e sente uma fragrância suave que invade o seu quarto cor-de-rosa na manhã daquele dia. Estér está docemente envolvida por suave lençol e seu rosto repousa sobre um travesseiro macio. Olha para o rádio-relógio sobre a escrivaninha e nota que falta um minuto para o despertar.

"Que coincidência!"

Ao lado, dois dos três botões de rosa que sua avozinha havia lhe dado tinham acabado de desabrochar. E ela não suspeita que este é o sutil marca-passo de uma contagem regressiva para a descoberta da mulher que virá a ser.

Pensa em sua avó e o rádio-relógio começa a tocar uma doce melodia.

"Sinto uma ligação tão intensa com minha avozinha, é como se seu instinto maternal fosse potencializado com o passar dos anos. A contrapartida do envelhecimento do corpo, das restrições físicas as quais inevitavelmente estamos sujeitos, deve ser então esta purificação da alma, este adocicar. Que sublime criatura!"

Estér espreguiça-se deliciosamente, seu corpo seminu envolvido apenas por camisola curtíssima de pura seda, o longo cabelo castanho, sua pele macia, seus dezesseis aninhos.

Cada detalhe naquela manhã tem um leve toque onírico, como que a transcendência – ou travessia de uma ponte – para o mundo da pureza. De sua posição na mesa do café com a família, Estér pode ver o enorme aquário que cobre a parede oposta da sala. Dentro dele o peixe. E o peixe sorri. Não é sorriso jocoso, mas o sorriso mínimo, como deve ser o verdadeiro sorriso de um peixe.

"A felicidade é tão etérea. Vivemos em busca dela e ora ela está ao alcance das mãos, ora não está. Tudo depende do foco e da sintonia, como longas e nobres cordas de um violino."

Toma o ônibus para a escola. Sabe que a carteira vazia na primeira fila da sala de aula estará esperando pelo seu toque. Naquele dia ela parece inspirada e perceptiva aos pequenos detalhes. Algumas coisas haviam definitivamente mudado. Os

garotos não deixam de reparar no seu jeans justíssimo, na miniblusa que realça os seios de intenso vigor, no seu lábio vermelho e carnudo, ou no castanho dos seus olhos penetrantes. Mas o fazem de forma diferenciada e lúdica. Mesmo as garotas – sagazes e ferozes competidoras – parecem lançar-lhe olhares discretos, envoltos de sincera admiração e respeito. E na sua carteira, da primeira fila, há um delicado botão de rosa – presente este que ninguém sabe quem havia deixado (exceto aquele que jamais permitira escorrer seu desejo através de espessa couraça de introspecção: o cdf quatro-olhos de nome Arlindo).

Professor Azevedo adentra o recinto. Seus sentidos estão espantosamente aguçados – como que uma presa atenta, no ímpeto antinatural de atravessar perigosas paragens, ainda pouco conhecidas.

Ponto de bifurcação (ou soma zero). De fato, as últimas quatorze horas na vida do professor Azevedo prenunciaram a estranha transformação que estava por vir. Desde aquele evento da prova surpresa imposta sobre a classe terceiranista. A solução inusitada de Estér à questão acerca das máquinas térmicas – ou o Ciclo de Carnot. Ele não consegue deixar de pensar naquele raciocínio espantosamente cristalino e conciso, o qual conduziu de forma direta a uma resposta irrefutável. Afinal, debaixo de fina e oleosa camada sebácea habitava, sim, uma mente científica.

Ao sair do colégio, ele pensa estar livre de mais um cansativo dia de aborrecimento, lecionando para as carteiras e para as paredes, e que poderá chegar em casa, tomar um banho, comer hambúrguer e tomar refrigerante bem defronte à tv. Enfim, pensa que terá a necessária paz de espírito para avaliar a validade de hipotética demonstração inédita de importante teorema sobre a transferência de calor. Doce ilusão. Pois, lá no pátio repousa seu Monza 92 com os quatro pneus completamente arriados. Deixou lá o carro. Não havia condições psicológicas para outra atitude. Tomou o coletivo lotado

de fim de expediente. Fez a baldeação num terminal da periferia e desceu do segundo ônibus, próximo ao centro. Caminhou por mais quatro quadras. Enfim, chegou ao prédio onde mora – e já está bem escuro a esta altura. "Caralho, caralho, caralho."

É exatamente uma hora e trinta e seis minutos do novo dia quando um Azevedo ínfimo e exausto conclui que a garota tinha, de fato, razão. Ele tinha metido os pés pelas mãos. Seu brio como mestre e homem das ciências exatas havia sido gravemente ferido. E aquilo é insuportável para a cabeça dele.

Para surpresa de todos, ele diz perante a classe, na aula seguinte:

"Tenho algo a dizer sobre a prova de ontem. Tenho que admitir que a solução que vocês apresentaram está correta. Vocês merecem a nota máxima."

Os olhinhos de Estér brilham de alegria.

"Que presente dos céus."

São estas atitudes incontestavelmente retas do professor que nutrem na garota profunda admiração e estranhos desejos sensuais.

"Mas... ontem, após a nossa aula, algo muito grave aconteceu. Murcharam os pneus do meu carro! Quero saber quem foi o responsável por este ato de van-da-lis-mo, e os envolvidos terão de arcar com os seus atos! Se os espertinhos aparecerem, a classe toda levará dez."

E professor Azevedo lança o olhar de um demônio para o fundo da sala.

"Porém, se estes covardes não aparecerem, será zero pra todo mundo!"

Estér praticamente desaba sobre a carteira. Seu corpo todo treme. Seus mamilos ficam muito eriçados. Seu útero virgem é invadido por imenso volume de sangue. A atividade é intensa. Em poucos segundos sua vagina estará irresistivelmente úmida e escorregadia.

Obviamente os alunos do fundo acovardam-se. Ninguém se manifesta. E Azevedo brada autoritário:

"Então é zero pra todo mundo!"

Estér, de súbito, salta da carteira, fica em pé, seu corpo como que em transe (talvez não fosse ela que estivesse em seu corpo naquele exato momento):

"Mas Professor... isto não é justo!"

E Azevedo profere – quiçá – seu mais sincero e cristalino discurso:

"Quem é você pra falar assim comigo, sua garota imbecil! Só porque conseguiu, de cagada, resolver a prova acha que pode alguma coisa co-mi-go! De que planeta você veio? Acha que o mundo é cor-de-rosa ou que está na porra da Disneylândia? Vai tomar no teu cu, pirralha lazarenta!"

E aquilo é pura descontinuidade – assíntota intangível do relacionamento humano. Suas vidas estariam vinculadas para sempre a esta restrição no espaço-tempo.

Azevedo sai atônito da sala. Havia perdido definitivamente o controle. Na diretoria, reconhece que sua situação é irreversível. Pede a demissão da escola e parte.

A vida de Azevedo transfigurou-se em verdadeiro tormento a partir daquele dia – uma alma encomendada às trevas. Desistiu de lecionar em colégios e cursinhos. Decidiu fazer o doutorado. Ensimesmou-se de insuportável arrogância. Quatro anos mais tarde, tendo terminado seu até certo ponto elogiado doutorado, conseguiu uma bolsa de estudos em um instituto de pesquisas. Depois, prestando um daqueles concursos fajutados, tornou-se professor universitário – porque no meio acadêmico, área de exatas, via de regra os alunos são submissos e gostam de puxar o saco dos professores, aumentando-lhes a auto-estima e inflando-lhes o ego. Mas, se numa medida ferrava com a vida de almas medíocres, noutra medida – amplificada – ele era fodido. A disputa política na instituição era acirrada. Azevedo era bruto e arrogante, mas não era burro. Despertava a inveja e o ódio de seus pares. Participando de comissões e comitês – depois de ter entrado para a maçonaria – buscava se vingar de quem não gostava negando-lhes verbas para pesquisa e bolsas para

seus alunos. Cada dia afundava mais e mais em espessa areia movediça – que era a massa corporativa fétida e podre que o envolvia. Disseram até que foi obrigado a mudar várias vezes de departamento – esmolando amparo e atenção. Até que não lhe restou mais nada – nem seus amigos do avental, da pá de pedreiro, do esquadro e do compasso puderam (ou quiseram) ajudá-lo. Um dia, durante uma das reuniões semanais, numa das lojas mais ritualísticas do Brasil, sem mais nem menos, ele comentou em voz alta que esse negócio de usar avental era coisa de bicha. Então, expulso da ordem, parou de publicar artigos a toque de caixa como fazia antes. Depois parou de publicar por completo. E isso foi a sua morte acadêmica. Pronto. Desapareceu definitivamente da estória.

Dias depois dos incidentes com o professor Azevedo – na verdade, fazia um bom tempo que ela não o via – Estér estava em seu quarto cor-de-rosa quando foi tocada por estranho pensamento.

"Muito esquisito como isso tudo aconteceu. Acho que nunca mais verei o professor Azevedo; que me parecia um homem tão decente. Às vezes me parece que a humanidade toda não passa de um videogame jogado numa outra dimensão – por outros seres, supra-humano. Estes semideuses têm nas pessoas as suas cartas. O baralho é lançado na Terra. De forma que, no computo final, uma vida não passa de determinada soma. Começa de um valor e vai correndo o jogo. Vai sendo subtraída desta ou daquela outra carta. E então bate. Parte deste mundo sem deixar sombra que o valha: soma zero."

Ptolomeu sente as raízes. Elas perfuram a terra e somem por entre objetos arqueológicos muito antigos e nutrientes inorgânicos. As raízes são parte de Ptolomeu.

Ele está plantado no meio de uma vasta planície. O céu está pintado de magenta e as nuvens azuis passam impossivelmente rápidas no céu. Mais vasta ainda é a sua conecção com o planeta através do entrelaçamento com as

inúmeras outras raízes ao seu redor. Ptolomeu e o planeta são uma única coisa.

Um pequeno pássaro desce dos céus, um certo dia, e faz um ninho em um de seus galhos. O galho da árvore chamada Ptolomeu. Ele observa pacientemente enquanto o tempo passa.

As eras se sucedem.

Muitos ventos têm assolado a região. Os fortes deslocamentos de ar o curvam e tentam arrancá-lo do chão, mas ele resiste. Sua união com as outras árvores, por baixo da superfície, aumenta a sua força. Ptolomeu também dá frutos. Ele vê os frutos de si mesmo ficarem maduros e caírem no chão. Ptolomeu não sente remorsos.

Então tudo muda, de repente, e Ptolomeu não é mais uma árvore.

Ele é maior que uma árvore, maior que toda a matéria do universo. Ele observa todas as coisas vivas e não vivas de uma posição superior e agora são elas que se curvam perante a sua presença. Ptolomeu olha para todos os lados e, permeando todas as coisas, todos os mundos e todos os aglomerados de galáxias, e os aglomerados de aglomerados de galáxias, toda a existência enfim, ele vê a sua influência. Ptolomeu nunca se sentiu tão só.

Ele vê templos sendo erigidos em seu nome em um mundo e, em outros, vê seres estúpidos tentando diminuí-lo em representações grosseiras de gesso ou equivalentes cósmicos. Vê também as criaturas nesses templos usarem o seu nome em benefício próprio e se esquecerem de seus ensinamentos.

Em um momento de tédio absoluto, Ptolomeu cria um novo universo com Adão e Eva e sem a serpente. Mas não dá certo.

Então tudo muda novamente, de repente, e Ptolomeu não é mais Deus.

Uma escuridão. Um nada. Uma vida simples.

Então, depois de ter sido árvore e de ter sido Deus, assim como o poeta um dia escreveu, Ptomomeu desperta do coma em um hospital qualquer da rede pública de saúde.

Da mesma maneira que no final – ou no início – de qualquer bom drama, está chovendo.

Sua esposa dorme sentada em uma cadeira precária bem ao seu lado.

"Querida Filha,

E_crevo para pedir que não te preocupe_ comigo. Tudo aquilo que houve já e_tava no_ plano_ – de uma forma ou de outra. E você bem _abe que o_ plano_ vêm ante_ de tudo, embora tenho de admitir que não e_tava de todo preparada para i_to. Ma_ _e deve _er a__im o que há de _e fazer, não é me_mo? Cumprir a _ina.

Aqui exi_tem pe__oa_ diferente_ e e_tou aprendendo muito com ela_. É bem verdade que _ão conceito_ ou propo_ta_ que, a princípio, podem parecer-te e_tranha_ e tran_gre__iva_. Ma_ ainda a__im _ão po__ibilidade_ di_tinta_ de expre__ão e convivência, e_tado_ da mente pa__ível_ de um _er humano, de uma vida. _im, a_ pe__oa_ aqui e_tão viva_ e têm _onho_, de_ejo_, nece__idade_ _uti_ que tran_cendem a _imple_ capacidade operacional padrão. E por i_to tornam-_e a__im – como poderia colocar i_to? – e_peciai_, vindo a fazer parte de_te rol re_trito.

_ei que você deve e_tar achando ab_urda e_ta minha lógica e i_to pode deixá-la tri_te, ma_ do fundo do meu coração não go_taria que você _e _enti__e a__im. É como _e você ou eu ou nó_ e_tivé__emo_ num outro paí_, cuja cultura, o_ co_tume_, a_ tradiçõe_ e a moeda _ão ba_tante di_tinta_ daquilo que e_tamo_ aco_tumada_. E i_to não _e aprende na e_cola, não e_tá e_crito no_ livro_ e nem no_ _ite_ da Internet. É bem verdade que tudo i_to é muito pe__oal. Outra pe__oa pode enxergar a me_ma que_tão _ob uma outra per_pectiva. Pode afirmar que um paí_, no _entido contextual da palavra, pre__upõe determinada_ relaçõe_

e_tabelecida_ entre o_ cidadão_, afinidade_, direito_ e devere_. E que i_to não pode _er ob_ervado ne_te verdadeiro cada-um-por-_i-e-Deu_-por-todo_ (ou por ninguém?). Ma_ imagine _e houve__e uma terra onde e_te_ elo_ do relacionamento inter-pe__oal pude__em _er relaxado_ até o limite: é mai_ ou meno_ i_to que acontece aqui.

Para terminar, go_taria que você _oube__e que a liberdade ab_oluta não é o paraí_o à medida que _epara e divide. Tudo aquilo que conqui_tamo_ – em e__ência – deve _er compartilhado com alma_ afin_. Acre_centado a obra e _ervir de alimento para a_ nova_ realizaçõe_, de_ta ou de uma outra geração. Daí o motivo de_ta _ingela carta, endereçada a você minha filha, que é o meu amor. E a mamãe _ó e_tá aqui no _anatório por que _e e_queceu como _e articulam o_ e__e_.

Beijo_, Gilda"

Ptolomeu chega em casa, trazido pela esposa, por volta das cinco da tarde. Seus filhos o recebem com bastante alegria. Parece que esteve ausente por uma eternidade ou duas. Talvez seja simplesmente o fato de que ele poderia não ter voltado nunca mais. A casa está exatamente do jeito que ele deixou há uma semana, mas parece outro lugar. Alguma coisa dentro dele está impaciente, pois sabe que as coisas jamais serão as mesmas.

O amor de mãe é infinito. A leitura da carta que Gilda tinha deixado pouco antes de partir era sempre motivo de grande alívio para a filha. Ela recorria a este artifício extremo sempre que seu coração era ferido, a angústia insuportável, o mundo parecia sucumbir a seus pés. A leitura do manuscrito na tarde do dia anterior tinha feito com que Dona Yolanda tivesse a sua primeira noite de sono verdadeiramente tranqüilo desde o evento fatídico envolvendo o Pastor Nemésio.

Para o seu estranhamento e surpresa, não se lembrava de nenhum sonho ou temor noturno, eventos bastante corriqueiros

ao seu cotidiano. Por outro lado, sentia as energias renovadas e sabia de cabeça tudo aquilo que tinha de fazer.

"Para terminar, go_taria que você _oube__e que a liberdade ab_oluta não é o paraí_o à medida que _epara e divide."

Releu o trecho da carta e meteu-a no bolso do paletó, meio que sem jeito. Sente muita falta da mãe. Tomou um gole de café preto, fechou a casa e correu para o ponto de ônibus – por que sabia que já era hora dele passar.

O homem enquanto escravo dele mesmo. Naquela mesma manhã Reinaldo acordou bastante irritado, dirigia seu carro lentamente e sem vontade. Não tinha tomado banho ou feito a barba.

"Isto é ridículo, como se não bastasse eu ter encontrado uma saída em grande estilo para a bancarrota desta editora vagabunda, agora o chefe energúmeno me pede que eu deixe de lado o meu trabalho para encontrar pessoalmente esse tal de Jacinto – ou o autor dele. Falta de reconhecimento. Isto é coisa para office-boy, não para um profissional da minha envergadura."

Reinaldo estaciona o carro e dirige-se hesitante para uma pequena reunião de desfavorecidos que se aglomeravam na esquina, bem defronte a um boteco vagabundo de subúrbio, onde fica um ponto de ônibus. O dia mal tinha começado. O odor de suor misturado a uma gama de perfumes vagabundos faz com que Reinaldo perca a consciência por um átimo de segundo. Esbarra numa jovem:

"Não mexe comigo, Tio, que o meu namorado dá dois de você."

Quando o coletivo chega, entra no jogo de empurra, como que resignado a sua triste sina.

Uns nascem para a fornicação, outros para a masturbação. Dona Yolanda desce do ônibus e faz o trajeto habitual que a leva até o templo. Pensa no pastor, sente nojo e um arrepio que lhe desce pela velha espinha.

"Hoje ele vai ter o que merece."

Dobra uma esquina, caminha a passos seguros, dobra outra esquina a direita, depois outra a esquerda. Mais duas quadras. Finalmente chega até o prédio que ela sempre reparara, a poucos metros do templo, do outro lado da rua. E pensa o quão irônico é fazer agora praticamente o mesmo trajeto, com este objetivo afinal.

Na repartição, o Sr Ptolomeu está prestes a iniciar o ritual burocrático diário. Mas faz tudo diferente. Liga o computador antes de se sentar, e não depois, por exemplo. Tira alguns papéis de sua escrivaninha e, meticulosamente, dirige-se ao arquivo, onde retira uma pasta específica. Antes ele pedia ao estagiário. Tudo bem. O estagiário está preparando café para ele, coisa que nunca havia pensado em pedir para o rapaz antes. O café continua aguado e um pouco morno – já pela manhã. Ah! Não viu a garota hoje no ônibus de novo. *Foda-se!*

Diz bom dia aos colegas que encontra pela frente, mas apenas àqueles que sempre respondem. A maioria não consegue disfarçar um olhar suspeito – afinal ele acabara de retornar de uma licença médica e parecia diferente. O Sr Ptolomeu sentia-se extremamente constrangido com aquela situação. "Que merda!", ele pensou. "Que merda!", ele disse para quem pudesse escutar.

Pouco depois o delegado veio chamá-lo para a sua sala.

Sentou-se a mesa lateral, bem defronte a velha máquina de escrever. Botou o papel carbono no meio de duas folhas do boletim de ocorrência.

"Meu nome é Yolanda Gomes Porfírio Gonçalves, tenho 59 anos. Sempre fui muito religiosa. De uns tempos para cá comecei a freqüentar o templo do pastor Nemésio Manuel Cortazar, que fica nesta mesma rua, logo ali em frente..." – digitava Ptolomeu.

Como escrivão de polícia, ele era uma espécie de lavabo da desgraça humana, do fracasso, da vergonha dos seres que se consideram racionais. E ele estava farto disso – enquanto fazia

o seu ofício, procurava mentalizar o Pai Nosso ou uma Ave Maria, desvincular-se de um cotidiano insuportável. Hoje foi o primeiro dia em que pensou pedir demissão.

"A secretária é uma loira de cabelos longos, enrolados. Deve ter uns vinte e poucos anos. Ela estava com a calcinha baixada na altura do joelho. Sem blusa ou sutiã. O pastor Nemésio a abraçava por trás. Brincava com os seus seios. Ela parecia estar gostando. Nem sei como dizer isso... ele estava sem roupa, com o seu... pinto... dentro dela, entrando e saindo por trás. A moça pegava o dinheiro da coleta e jogava pra cima. Eles gemiam... tenho até nojo de lembrar a cena."

Sr Ptolomeu definitivamente não consegue concentrar-se nas suas orações. Seu pênis assume uma configuração moderadamente ereta, faz com que este roçasse na velha cueca samba-canção, elevando-a, e causando certa saliência da calça de linho. Por sorte, ele está protegido pela mesa. Era certo que, uma vez tomado o depoimento, o conteúdo serviria de inspiração para alguns minutos a mais trancafiado no banheiro – a testa suada, exercício para a imaginação e para a mão canhota. (Contrapartida é que isto exigiria uma confissão antes da missa de domingo).

De súbito, Sr Ptolomeu compreende o real contexto da terceira lei da termodinâmica: "Num processo irreversível em que a variação de entropia do universo é *C*, parte da energia se torna indisponível para a realização de trabalho. A quantidade de energia que se torna indisponível é *Cu*, onde *u* é a temperatura do reservatório térmico mais frio que participa do processo. Re-configuração das partículas para uma condição mais estável. Caminhamos para a morte inexorável. A não ser que, através do *Coito*..."

O delegado tenta disfarçar um sorriso sutil, mantendo a autoridade. Só quando Dona Yolanda finalmente cala-se, é que ele diz:

"Entendo como a Senhora deve estar se sentindo. Mas o que a Senhora acabou de descrever não incorre em nenhuma infração perante a lei. Pelo que me diz, o Sr Nemésio não

é casado, nem tão pouco a sua secretária. Infelizmente, o máximo que eu posso fazer é documentar a ocorrência."

Mesmo assim a mulher parecia satisfeita.

Um mês depois o Sr. Ptolomeu pediu demissão e resolveu escrever um livro. O livro fala sobre repressão de desejos e pode ser encontrado na sessão de auto-ajuda das livrarias através do país, já na sua décima edição. Foi um sucesso imediato e ele pôde finalmente sossegar um pouco e curtir mais a vida. Seus filhos cresceram e foram para a universidade. Sua esposa morreu logo. A sua fama internacional fez com que ele cruzasse com o Paulo Coelho em uma de suas viagens ao exterior. Os tablóides sensacionalistas dizem que ele mandou o mago de araque tomar no olho do cu. Esses mesmos tablóides não cansam de fotografá-lo nas noites cariocas e paulistas cercado de ninfetinhas gostosas.

A dádiva. Reinaldo está incumbido do impossível. Decide ir e vir no mesmo coletivo onde havia encontrado, por acaso, os cadernos de notas de Jacinto. Quando chega ao ponto final da linha, no terminal, observa os passageiros deixando o ônibus. Observa as criaturas, algumas mais novas, outras mais maduras; porém, todas aparentando a ignorância em excesso para a criatividade.

"São uns coitados. *Modern slaves."*

(Ele acha que pensar noutra língua o faz melhor que os outros; covarde que é; almofadinha; de família classe média-alta; apenas mais uma merda que havia recebido o fermento do dinheiro em abundância e um maldito diploma de curso superior para limpar o cu).

E finalmente outros homens, mulheres e crianças entraram no veículo para a viagem de volta. Ônibus lotado. Uma mulher em estado de gravidez avançada – os cabelos sujos e despenteados, o vestido amassado – esfrega a barriga no seu ombro a cada frenagem. É insuportável. Reinaldo decide ceder o lugar e acabar com a tortura de uma vez. Vai para o fundo do coletivo, esbarrando nos passageiros com a movimentação

brusca do veículo. É quando percebe uma folha de papel ao chão. E, com alguma dificuldade, consegue alcançá-la.

"É bem verdade que _ão conceito_ ou propo_ta_ que, a princípio, podem parecer-te e_tranha_ e tran_gre__iva_. Ma_ ainda a__im _ão po__ibilidade_ di_tinta_ de expre__ão e convivência, e_tado_ da mente pa__ível_ de um _er humano, de uma vida."

"Jacinto!"

Reinaldo não consegue esconder o seu contentamento ante a descoberta de mais um fragmento daquele manuscrito que poderá garantir o seu salário por mais algum tempo (e quem sabe até um aumento)!

Cada ser padece de seu próprio veneno. "Você me pede o que eu tenho para oferecer-te. Sempre assim. A sanguessuga tem o zape; e tem também o sete de copas (no jogo dos covardes). Chama seis com a garganta limpa dos sujos. O sorriso dos frouxos. A ereção dos sexagenários. Sem graça. Sem respeito. Tira vantagem de quem pode. Nove aos otários. Doze aos falsos. Mas não convence. Por que o céu (e o inferno) pertence(m) aos lutadores de verdade – e o jogo baixo não passa de uma diversão para os boçais."

Tendo escrito isto, Jorge pede mais uma vodca de rótulo duvidoso, mas de sabor sincero e efeito honesto até a última gota.

Paga a conta e deixa o bar.

Um carro em disparada acerta em cheio ao transeunte enquanto ele atravessa a rua. E fim. O motorista, editor de nome Reinaldo Senise. Ficha limpa, velocidade pouco acima do limite de quarenta quilômetros por hora (pelo menos assim dizia o B.O. preenchido por Ptolomeu Ferreira dos Santos, alguns dias antes de abandonar o emprego), deixa uma vítima fatal, a qual aparenta entre vinte e cinco e trinta anos, portador de uma meia dúzia de documentos distintos; com diferentes nomes, datas de nascimento ou estados civis. Eventualmente Oswaldo S. Martins, Flávio S. Rosa, D. Charles ou

um tal de Jorge Quintino Santana... sabe-se lá. Fato é que ninguém reclamou o corpo.

Depois de um tempo, Reinaldo desiste de sua busca por Jacinto (ou seu alter ego). Ele perde o emprego na editora e resolve viajar pelo mundo. Em uma Bienal do Livro na Alemanha ele conhece Dan Brown. Conversa vai, conversa vem, nasce o esboço de uma nova mina de ouro. A vítima agora é o "David" de Michelangelo. Uma vez que o povo adora uma boa baixaria e se diverte mais com pintos e vaginas do que com religião e seitas secretas, o novo livro bateu o sucesso anterior do mesmo autor. A inútil versão *hollywoodiana* não ficou atrás.

A história escrita por um e editada por outro (Reinaldo convenceu Dan a buscar um outro editor; talvez seja a cara-de-pau dos brasileiros) versa sobre um segredo escondido por dentro do pinto da famosa estátua de mármore. Durante a noite, uma louca resolve sair das sombras, onde havia se escondido por meio dia, e realizar seu grande sonho: dar uma chupada no pau do homem perfeito. Ela até escala as imensas pernas e dá uma boa lambida. Mas se desequilibra. Aí agarra onde antes estava chupando e cai segurando um pedaço daquela obra prima nas mãos. Um antigo pergaminho se faz notar no recente orifício que fica entre as pernas do colosso. É o pergaminho que...

Jorge chega ao Inferno. A temperatura lá é um pouco maior do que nos trópicos. Na sala principal, Lúcifer está confortavelmente sentado em seu trono de danação. Ele é exatamente como Gustave Doré o desenhou na versão ilustrada da Divina Comédia de Dante, com os três rostos. Ao lado direito do Senhor do Submundo senta-se Jacinto. Jorge senta-se ao seu lado esquerdo.

Depois de ter sido escorraçada em público pelo professor simiesco, Estér resolveu estudar como nunca. Ela havia decidido: se não passar no vestibular da primeira vez, vai cortar

os pulsos. Foram dias horríveis sem se divertir, sem nem mesmo ver a luz do sol nos finais de semana. Mas Estér prestou o vestibular e passou. Foi aquela choradeira quando saiu de casa e foi morar em outra cidade.

M U 7 4 C 4 0. "Ontem dormimos juntos como dois corvos em seu ninho de amor. As bicadas da noite não nos deixaram marcas. Pois são sinceras falhas de garras afiadas. Penas perdidas não me espantam em absoluto, desde que a compensação nos valha em milhos."

Penso na total falta de personalidade dos artistas. Fico deprimido e me enjôo. Será que bebi demais? Afinal, depois de consumado o coito, foi exatamente isto que ela me disse:

"Preciso que você saiba disto, ainda que seja um tanto difícil para que eu possa te contar: Quando eu voltava da casa de uma colega ontem, por volta das dez da noite (preciso que você compreenda que estávamos finalizando um trabalho de escola para o dia seguinte), dobrei a esquina e dei de encontro com um rapaz. Quase caí. Ele me apoiou e pediu desculpas. Vestia-se todo de branco, inclusive os sapatos. Tinha os cabelos encaracolados e um sorriso encantador. Me disse que era poeta. Recitou algumas estrofes às quais não prestei a mínima atenção. Eu estava apenas fitando os contornos de seu corpo, que reluziam levemente... e pensava qual sabão em pó poderia causar aquele efeito. Antes que chegasse a uma conclusão, ele me beijou. Tentei fugir, eu juro, mas ele me agarrou. Suspirou próximo à minha nuca, tocou os meus seios de leve, acariciou a minha vagina... confesso que não pude resistir ao seu encanto. Vestia-se de branco! Pouco depois estávamos nus. Ele passou a mão sobre a minha bunda de leve, correu pelas minhas costas, tocou o meu pescoço. Deixou-me totalmente em êxtase. Então me penetrou com o seu pau latejante – pela primeira vez em minha vida. Disse que se chamava Jorge e parecia ser um profissional de respeito. Profissional de qualquer coisa importante. Então despertei sobressaltada. Daí decidi que era o momento de nos amarmos! Você percebe o quanto eu te amo?"

Estamos juntos há cinco anos. Nunca disse isto diretamente para ela; mas não entendo exatamente o que é o 4 M 0 R. Pessoal ou universal? Centrífugo? Caótico?

Quem sou eu? Não importa.

"O som do *rock'n'roll* me deixa confusa. Não sei se sou eu que penso ou se ele próprio... saudades do Jorge... eu te amo, moço, mas você é um mero estudante...", pensa Estér.

Quase um ano depois, quando voltou para o Natal, Estér estava grávida. O pai não assumiu o filho e nem quis se casar, mas Estér teve a criança assim mesmo. Não foi fácil terminar o curso e cuidar da criança.

Hoje Estér é uma médica muito requisitada e bastante cara em seu consultório num dos prédios mais altos da Av. Paulista e, com seu marido quinze anos mais velho, seu antigo professor de Anatomia, vive feliz. Eles tiveram mais três filhos.

Hoje está um dia ensolarado.

Dona Yolanda se veste com uma de suas melhores roupas, como se fosse para o templo. Seu deus hoje, no entanto, será a sua mãe.

São dez anos desde que ela a visitou pela última vez, lá no sanatório. Sua mãe está com noventa e oito. Na verdade, hoje é o aniversário dela. Talvez Dona Gilda nem se lembre da filha. Mas isso não importa.

Dona Yolanda se anuncia e é recebida.

Dona Gilda a vê entrando no quarto e sorri.

A mãe ainda se lembra dela e isso, não o pastor ou o templo, é para Dona Yolanda a prova definitiva de que Deus realmente existe.

F 1 M

De Alessandro Teixeira Neto e André Fenili,
Janeiro de 2006.

SCOR
Gráfica
TECCI

Impressão e Acabamento:
Gráfica Scortecci
www.graficascortecci.com.br
grafica@graficascortecci.com.br